

A VOZ DA ESCOLA
DO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ

"O CONHECIMENTO SÓ É ÚTIL
QUANDO APLICADO COM SABEDORIA."

NEY BRAGA
20.03.1980



Lygia 80

N.º 3

APRESENTAÇÃO

Ao apresentar-lhes o n. 3 da Revista "A VOZ DA ESCOLA", com a inclusão de mais duas seções denominadas: a) Contos famosos; b) Poetas, poemas e composições infanto-juvenis, o fazemos com a grande satisfação de ter cumprido o nosso dever, com honestidade e seriedade.

Agradecemos aos nossos colaboradores, que não mediram sacrifícios, no sentido de dar tudo de si, imbuídos do mais alto ideal de servir à causa da educação.

Sentimo-nos felizes com os professores que nos prestigiaram, com seu apoio e elogios pelo trabalho que temos realizado.

Considerando a repercussão obtida pela nossa revista e animados pelo ideal de colaborar, cada vez mais, com nossos leitores, já nos encontramos em plena atividade na preparação dos trabalhos para o 4.º número.

Se tivermos atingido o fim a que nos propusemos, isto é, o de servir aos colegas e à criança, esperança de nossa Pátria, todo nosso esforço estará plenamente compensado.

Visando, cada vez mais, o aprimoramento da revista, vamos nos esforçar para oferecer ao magistério o resultado das experiências pedagógicas que forem mais práticas e valiosas.

A VOZ DA ESCOLA

ANO III

CURITIBA, 1981

N.º 3

Direção Geral e Supervisão:

Prof.ª Chloris Casagrande Jústen

Coordenação:

Prof.ª Aglair de Almeida Hornos

Redator-chefe:

Prof. Colombo de Sousa

Elaboração, Compilação e Redação:

Prof.ª Aglair de Almeida Hornos

Prof.ª Hiromi Noguti Sakiyama

Colaboradores:

Aglair de Almeida Hornos

Aydil Zilli Porcides

Chloris Casagrande Jústen

Cristóvão Alves

Deusdith Laval Malucelli

Eny Caldeira

Erasmus Pilotto

Fernão Jústen de Oliveira

Henrieta D. Arruda

Leonor Grassi

Lais Faria Fávaro

Lilian Anna Wachowicz

Marisa Correia de Oliveira

Mônica de Moura Manasses

Márcio Jústen de Oliveira

Mariléa Grein

Selma Simone Cerqueira Bremer

Severa Severo Baptista Dorabialo

Wilma Simon Faria

DIAGRAMAÇÃO: ANTONIO COLLAÇO – PAST-UP: CELSO DEPPA

A VOZ DA ESCOLA – 1

SUMÁRIO

ECOS DO CENTENÁRIO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ

- Inauguração da ala nova do IEP – Laís Fávoro 3
Aspectos fotográficos da comemoração de “Um Século em Educação” 3

MOSAICOS:

- Mensagem da Direção Geral – Chloris Casagrande Jústen 12
Mensagem às Professorandas – Aglair de Almeida Hornos 13
Importância da velhice na sociedade – Deusdith Laval Malucelli 17
Escola Desembargador Marçal Jústen 19
Educação Intelectual 19

COMUNICADOS EDUCACIONAIS DO IEP:

- Diretrizes básicas do Instituto de Educação do Paraná – Selma Simone Cerqueira Bremer 20
A Antiga Escola Normal – Erasmo Pilotto 23
Contribuição em caráter experimental ao desenvolvimento da Didática – Eny Caldeira 27
Uma experiência em desenvolvimento de habilidades de Leitura – Mariléa Grein 31
O Paraná e sua formação histórica – Marisa Correia de Oliveira 32
Avaliando currículo em alguns aspectos – Equipe de Serviço de Rendimento Escolar, sob a chefia de Leonor Grassi 37
Jerome Brummer – Sugestões de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Habilitação ao Magistério – 2.º grau – Aglair de Almeida Hornos 43
Reforço e atendimento à boa escrita – Aydil Zilli Porcides, Mariléa Grein, Wilma Simon Faria 49
Jovem, você que um dia vai se casar – Severa Severo Baptista Dorabiallo 52
Aprendizagem da multiplicação através do produto cartesiano – Henrieta D. Arruda . . . 54
O que é um sistema de informações para a educação? – Selma Simone Cerqueira Bremer 61

POEMAS:

- O sepulcro e a rosa – Victor Hugo 63
O pensador de Rodin – Gabriela Mistral 63

GALERIA DOS MESTRES:

- Professora Annette Macedo 64
Zacarias Alves de Sousa 65
Benedicto João Cordeiro 65

FILIGRANAS:

- Pensamentos sobre o amor: expressão de otimismo 66

CONTOS FAMOSOS:

- De Sevres 68
O abutre – Franz Kafka 68
O caminho da montanha – Cristovão Alves 69

POETAS, POEMAS E COMPOSIÇÕES INFANTO-JUVENIS:

- Como eu estou aqui – Mônica de Moura Manasses 70
O pacote – Márcio Jústen de Oliveira 70
A luz – Fernão Jústen de Oliveira 70
O vento – Fernão Jústen de Oliveira 71
A surpresa – Fernão Jústen de Oliveira 71
O menino teimoso – Mônica de Moura Manasses 71
Os médicos – Márcio Jústen de Oliveira 72
Os animais – Márcio Jústen de Oliveira 72

Écos do Centenário do Instituto de Educação do Paraná

INAUGURAÇÃO DA ALA NOVA DO I.E.P.

Professora Lais Faria Fávaro.
Assessora de Relações Públicas.



O corte da primeira fita simbólica de uma das instalações da ala nova do Instituto de Educação do Paraná, pelo Excelentíssimo Senhor Governador do Paraná, General Ney Aminthas de Barros Braga.

No dia 20 de março de 1980, às 10 horas, em cerimônia presidida pelo Governador Ney Braga, foi realizada a inauguração da nova ala do IEP com 6 salas de aula, 1 sala de uso múltiplo, 5 salas para laboratório de música, artes plásticas, técnicas agrícolas, comerciais e extensão rural, assim como uma sala para especialização de professores para alunos de Q.I. insuficiente e o ginásio de esportes "Guilherme Lacerda Braga Sobrinho". Estiveram presentes diversas autoridades, professores, funcionários e alunos, bem como vários aposentados e ex-alunos da Casa.

O discurso oficial pelo IEP foi proferido pela Diretora Geral Professora Chloris Casagrande Jústen e vai transcrito abaixo:

"Neste dia de glória seja a nossa voz arauto de alegria que nos invade quando vemos realizado um sonho acalentado por tantos anos!

Este colégio centenário, por cujos bancos passaram grandes nomes de nossa história, conquista na sua jornada mais uma importante vitória!

Com a Lei n.º 456, de abril de 1876, o Governador Lamenha Lins funda a Escola Normal, berço desta instituição, que, no transcorrer de um século, vem formando professores e educando a criança numa procura constante do melhor caminho para a educação do Paraná.

Funcionando inicialmente no Ginásio Paranaense, onde disciplinas comuns interligavam os dois cursos, a Escola Normal foi se impondo, também, por seu corpo docente, onde pontificavam Dario Vellozo, Sebastião Paraná, Francisco de Azevedo Macedo, entre outros, até que se instalou nesta casa, em cerimônia comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.

Em 1922, em meio às festas da Independência, o Governador Caetano Munhoz da Rocha, considerado "parcimonioso nas promessas, mas profícuo nas realizações", inaugurou, como homenagem à data, o PALÁCIO DA INSTRUÇÃO, arquitetura avançada para a época com inúmeros detalhes de rara beleza, da lavra de Muzillo, artista italiano que tantas obras de arte nos legou.

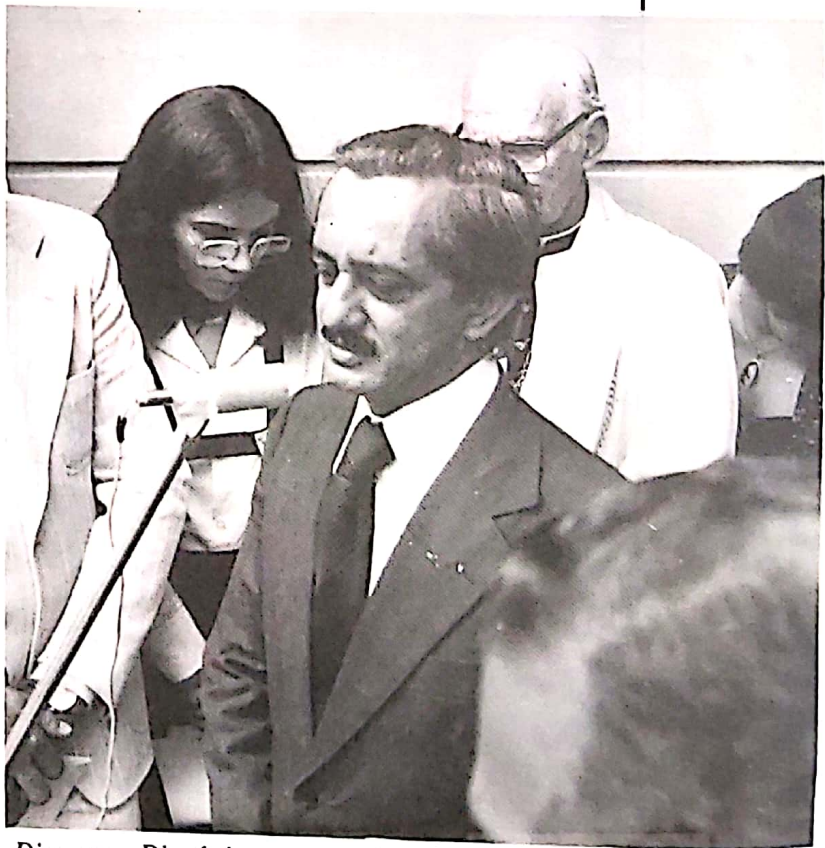
No discurso de inauguração, dizia Ly-simaco Ferreira da Costa, então Diretor do Ensino Secundário do Estado:

"Sua Excelência Doutor Caetano Munhoz da Rocha, inaugurando este bellissimo PALÁCIO DA INSTRUÇÃO destinado a receber a Escola Normal Superior do Paraná e suas Escolas de Aplicação, realizou uma das mais justas aspirações do povo paranaense".

Comunidade ainda incipiente de lá pa-



O Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Paraná, General Ney Amínthas de Barros Braga, proferindo emocionante discurso.



Discursa o Digníssimo Secretário de Estado da Educação, Doutor Edson Machado de Sousa.

ra cá, Curitiba desvencilhou-se célere de suas cores bucólicas e caminhou rápido, na estrada do desenvolvimento. Suas necessidades se multiplicaram e o progresso abriu largos horizontes em todos os campos da atividade humana.

Transforma-se, ano após ano, a Sociedade e a Educação influenciando nas características da escola e, neste mesmo PALÁCIO DA INSTRUÇÃO, da Escola Normal, surge, com Erasmo Pilotto, o Curso de Professores, que, com sua Escola de Alicação Alba G. Plaisant, inicia-se na Pedagogia Experimental permitindo ao Paraná destaque nacional no âmbito da Educação.

Foi a Lei de Diretrizes e Bases, em 1961, a responsável pelas amplas possibilidades dos Institutos de Educação, caracterizando-os como unidades formadoras de uma consciência pedagógica, através do trato com a Educação do indivíduo desde o Jardim de Infância até os Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização do Professor.

Neste período, já o nosso PALÁCIO DA INSTRUÇÃO se ressentia de ambiente adequado às novas necessidades escolares, surgindo, desde então, campanhas e iniciativas relativas a dotar o Instituto de Educação do Paraná de instalações compatíveis, não só com seus objetivos, mas, também, com sua posição no Sistema Educacional do Estado.

Alcançou-nos, porém, em 1971, a Lei nº 5.962, para cujas atividades pedagógicas nosso PALÁCIO não estava preparado.

Nessa jornada de sonhos e de lutas, de reveses e conquistas, entra em 1976 o Instituto de Educação no ano de seu Centenário.

E eis que o Ministério da Educação do País tem a sua frente o notável homem público paranaense Ney Aminthas de Barros Braga que, apoiando as comemorações de "um século em educação", libera verbas para a ampliação que hoje inauguramos. Executada em duas etapas, a primeira terminada em agosto de 1977 e a seguinte inaugurada nesta festa, está completo o Projeto aprovado em homenagem ao Centenário. Ao longo de quatro anos de construção, o Instituto de Educação do Paraná recebeu o apoio e o incentivo das autoridades dirigentes e, numa colaboração conjunta — Ministério da Educação e Governo do Estado, chega ao seu final esta obra de destaque no contexto paranaense.

Muitas foram as personalidades a quem ficamos, nós, alunos e professores, devendo perene gratidão. Não conseguiríamos enumerá-las aqui, mesmo que a isso nos propuséssemos.



Com a palavra a Diretora Geral do Instituto de Educação do Paraná, proferindo o discurso oficial.

Impossível, porém, deixar de lembrar nesta hora de lauréis, o carinhoso apoio e o grande incentivo de Marçal Jústen, e, também, a persistência de Carlos Küster, que abriram caminhos e impulsionaram projetos e, chamados ao reino do Senhor de todos os homens, permanecem vivos nesta obra pela força de suas personalidades.

Permitimo-nos, no entanto, uma deferência especial a quem nos acompanhou, passo a passo, nas duas etapas da construção:

Ao Dr. Guilherme Lacerda Braga Sobrinho, digníssimo Superintendente da FUNDEPAR, homem sensível às necessidades de seu próximo e com uma alta compreensão dos problemas educacionais da criança paranaense, a quem devemos a continuidade da execução do Projeto de Ampliação do Instituto, o preito de nossa gratidão.

A Doutora DENISE MEDEIROS, arquiteta da FUNDEPAR, responsável pelo encaminhamento da construção, dotada de espírito artístico refinado, preocupada com os direitos da criança e os anseios da juventude, nossa homenagem por sua atuação como excelente profissional e nosso muito obrigado pelo carinho que dedicou a esta obra.

A Professora Ivete Cardoso de Almei-



A professora Miracy de Araújo, traduzindo os sentimentos de seus colegas.

da, pelo apoio que prestou às iniciativas pedagógico-administrativas que acompanham esta ampliação. Graças ao seu incentivo, o Instituto viu definida sua possibilidade de atendimento ao pré-escolar, assegurando o seu Laboratório de Aprendizagem e liberadas as possibilidades de sua modernização administrativa. Sua personalidade ímpar, merece, desta casa, a singela, mas significativa homenagem que lhe prestamos.

Ao eminente Secretário de Estado da Educação, Edson Machado de Sousa, homem de destaque no cenário Educacional do País, nossa gratidão pelo apoio às iniciativas e aspirações do Instituto de Educação do Paraná. Graças à sua confiança, aperfeiçoaram-se as atividades já em desenvolvimento em nosso estabelecimento e abrem-se-nos perspectivas de participação mais efetiva no campo da educação, o que define o mais importante papel que o Instituto deve assumir no contexto Educacional do Estado.

A homenagem maior, no entanto, é para o nosso Governador Ney Braga, de cujo plano de governo se destaca o respeito ao homem e ao seu bem-estar promovendo a educação como estratégia impulsora do progresso.

Ao pronunciar estas palavras: "O conhecimento só é útil quando aplicado

com sabedoria", definiu V. Excelência toda uma filosofia de objetividade que caracteriza seu plano governamental.

Nossa homenagem nesta hora, Senhor Governador, gravando indelével e perene, a lição de Vossa Excelência, é, além de tudo, para trazê-lo dentro do coração desta Casa, palpitando conosco no dia a dia de nosso trabalho, numa gratidão permanente a um líder e a um amigo que, para grande honra nossa, distingue esta Casa como sua.

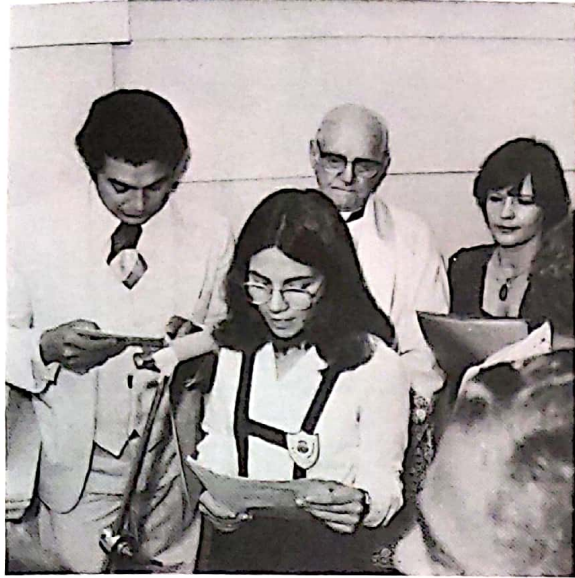
Asseguramos-lhe, por nossa vez, neste instante, que o Instituto de Educação do Paraná continuará séculos afora, com os olhos nas estrelas e a largas e firmes passadas, perseguindo seu objetivo maior: uma infância mais feliz como base de uma vida mais harmoniosa.

Que os hosanas desta hora, Senhor Governador Ney Braga, transformem-se em bênçãos sobre a pessoa de V. Excelência e seu governo, para que o Estado do Paraná possa concorrer, sempre mais, para a grandeza de nosso País e para a felicidade de nosso povo"

X X X

Em nome dos alunos falou a garota Eliziane, que afirmou estarem todos orgulhosos por pertencerem ao IEP.

Palavras da aluna Eliziane:
" — Excelentíssimo Senhor General Ney



O discurso da garota Eliziane, em nome das alunas.

- Aminthas de Barros Braga,
Digníssimo Governador do Estado;
- Excelentíssimo Senhor Deputado Fabiano Braga Côrtes,
Digníssimo Presidente da Assembléia Legislativa;
 - Excelentíssimo Senhor Desembargador Marino Braga,
Digníssimo Presidente do Tribunal de Justiça;



O Senhor Doutor Guilherme Lacerda Braga Sobrinho, Digníssimo Superintendente da Fundação, cortando uma das fitas simbólicas.



A Excelentíssima Senhora Dona Maria José Medeiros, cortando a fita simbólica de uma das instalações da nova ampliação do Instituto de Educação do Paraná.

- Excelentíssimo Senhor Dr. Edson Machado de Sousa,
Digníssimo Secretário de Estado da Educação;
- Demais autoridades presentes, Excelentíssima Senhora Professora Chloris Casagrande Jústten,
Digníssima Diretora Geral do Instituto de Educação do Paraná;
- Senhores Professores,
- Colegas:



O Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Paraná, General Ney Aminthas de Barros Braga, assinando ato relativo à nova ampliação do Instituto de Educação do Paraná, em 20 de março de 1980.



Vista parcial da visita às novas instalações da ala nova.

*A Senhora
Professora Chloris
Casagrande Jústen,
Diretora Geral
do Instituto de
Educação do Paraná,
assinando ato
relativo
à inauguração da
ala nova do IEP.*



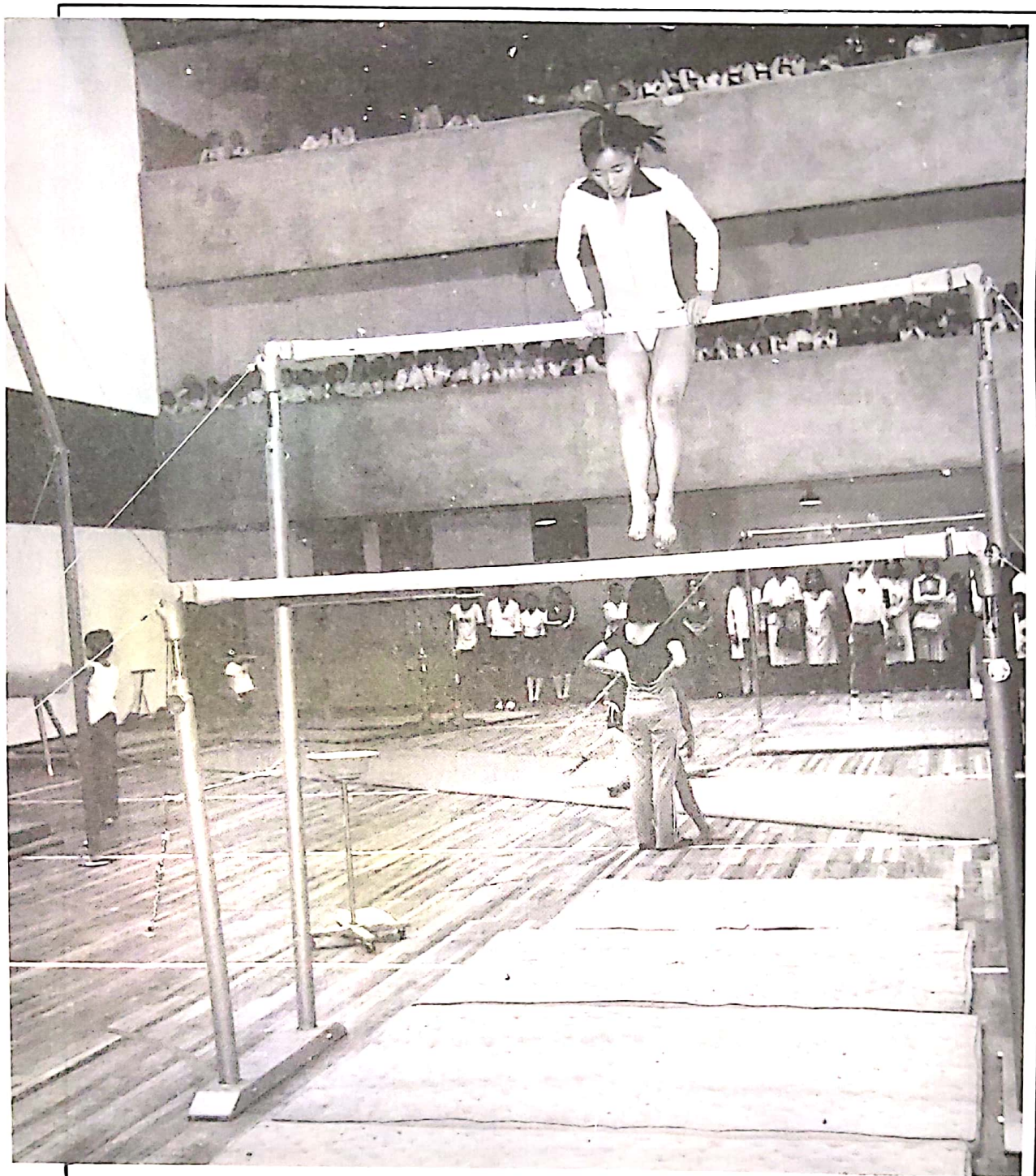


O professor Dr. Osvaldo Pilotto descerrando a placa comemorativa.

Numa ocasião como esta é difícil evitarmos o lugar comum das palavras convencionais tantas vezes repetidas. Por isso, vou procurar dizer, simplesmente, o que, nós alunos, estamos sentindo ao final de uma vivência exigida pelas circunstâncias, junto a uma construção por muito tempo sonhada e tão necessária para a educação integral dos que por aqui passam.

É muito diferente do que até hoje sentimos, participarmos de uma festa como a

que agora presenciamos, pois estivemos profundamente envolvidos, em todo o seu processo, desde a constatação de sua real necessidade, o acompanhamento do seu dia a dia com os inconvenientes, barulhos de serras, martelos e bate-estacas e as carteiras, até o silêncio oferecido pelo trabalho concluído. É muito diferente, repito, porque a alegria que nos proporciona o seu findar é muito maior e mais verdadeiro, não porque acabaram os inconvenientes e sim por sabermos que, de agora em dian-



*Os visitantes assistem
a uma demonstração
de ginástica no ginásio
de esportes
"Guilherme Lacerda
Braga Sobrinho."*



Visita às novas instalações da ala nova do Instituto de Educação do Paraná.

te, podemos usufruir de todo o benefício, que dela nos virá.

E nós, que sempre queremos que a NCSSA. ESCOLA seja a melhor, oferecendo-nos recursos humanos e materiais de acordo com nossas expectativas, estamos muito orgulhosos de a ela pertencer, pois, além de tudo que já temos, nos são acrescentadas melhores condições para estudo e aprimoramento de práticas físicas, elementos tão importantes para o nosso aperfeiçoamento e conseqüente realização pessoal.

Mas a alegria de um final gratificante nos traz à lembrança aqueles que o permitiram. Assim, só podemos dizer aos que nos proporcionaram o dia de hoje:

"MUITO OBRIGADO!"

A professora Miracy de Araújo traduziu os sentimentos dos seus colegas.

Em brilhante oração, ouviu-se a seguir o Secretário de Estado da Educação, Professor Edson Machado de Sousa.

Não contendo sua emoção, o Governador Ney Aminthas de Barros Braga prendeu a atenção de todos com palavras de elevado conteúdo intelectual, moral e cívico, sendo longamente aplaudido.

A bênção solene foi dada pelo grande e querido ex-professor do IEP, Dom Jerônimo Mazarotto, Bispo Auxiliar de Curitiba e ex-Reitor da Universidade Católica do Paraná, que, além disso, exaltou a história do IEP com muita saudade.

Após, o Governador Ney A. de Barros Braga, acompanhado de sua esposa Dona Nice e de todos os parentes, presidiu o descerramento da placa comemorativa, iniciando a visita às novas instalações

Mensagem da Direção Geral

Chloris Casagrande Jústen,
Diretora Geral do IEP.

Na trajetória centenária do Instituto de Educação do Paraná, mais um ano abre-se às nossas esperanças.

Tudo nos diz harmonia efetiva quando olhamos em torno . . .

— Nossos professores, nossos técnicos, nossos funcionários envolvidos no sadio entusiasmo de quem acredita no poder de realização;

— Nosso ambiente físico, restaurado em muitos aspectos, e o preparo final para a inauguração que enriquecerá nosso patrimônio;

— as palavras do Senhor Secretário de Estado da Educação, valorizando nosso trabalho no contexto da luta para o desenvolvimento de nosso País quando afirma:

*"AS BATALHAS, NO CAMPO DA EDUCAÇÃO, SE GANHAM OU SE PERDEM NAS SALAS DE AULA, LUGAR ONDE SE DEFINE O SUCESSO OU INSUCESSO DE QUALQUER POLÍTICA EDUCACIONAL, E, NAS SALAS DE AULA, O BINÔMIO ALUNO - PROFESSOR CONSTITUI A ESSÊNCIA DE TODA A ATIVIDADE EDUCACIONAL, PARA ELE CONVERGINDO TODAS AS ESTRATÉGIAS" **

" . . . e finalmente,

— nosso entusiasmo na tarefa dignificante de orientar a criança no seu caminho para o sucesso.

Tudo se entrelaça, tudo se organiza para que alcancemos nossos ideais.

Somos força positiva no árduo trabalho da Educação.

Somos nós os educadores, os escolhidos para argamassar o amanhã!

Com o nosso entusiasmo e a bênção de Deus, iniciamos confiantes esta jornada de luz !"

** Excerto do discurso de posse do Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado da Educação, proferido em 16 de março de 1979.*

Mensagem às Professorandas

Aglair de Almeida Hornos

No decorrer da década de 70, fomos, certa feita, escolhida paraninfa de uma turma de professorandas de um Curso de Habilitação ao Magistério desta Capital.

Por razões que não nos atingem, a solenidade não se realizou.

Como se trata de uma mensagem às jovens professorandas da época, resolvemos, neste número da "A Voz da Escola", fazer com que essa mensagem, ainda que tardia, chegue às minhas afilhadas de então e às jovens professorandas de hoje.

O que havíamos preparado foram estas palavras:

Considero esse fim de jornada, um momento excepcional de suas vidas, porque aquelas que o destino nomear vão enveredar pelos caminhos de uma grande missão à tarefa de educar.

É possível que seja esse o meu último contacto com vocês e é preciso que lhes diga, nesse momento que eu considero a tarefa da educação a suprema tarefa de que se pode incumbir ao homem.

É para essa tarefa que vocês, minhas alunas de ontem, vão dedicar suas vidas.

Talvez vocês mesmas não estejam avaliando, com toda a justeza, o grande sentido que tem para o seu destino esta caminhada que irá terminar no magistério.

Peço a Deus que as ilumine e ajude para que possam servi-lo, servindo a esta extraordinária missão de "diretoras das vidas e das almas" que é a missão do magistério.

Que a escola de vocês seja, praza a Deus, uma iluminadora de almas.

O que é mais importante no mestre não são as letras que ele sabe e ensina, mas o espírito que o anima e ele comunica e cria.

Assim, uma escola será menos uma escola de ensinar do que viver um espírito: o espírito do bem, do belo e do verdadeiro, a serviço da criança.

E nós sabemos a dupla função do professor: a de cientista e a de artista.

Dizem alguns que a educação como arte está acima da educação como ciência, porque não é pela ciência, mas pela arte que vaeml as civilizações.

A ciência conduz o professor na sen-

da da natureza e aí ele não passa, por assim dizer, de um pesquisador das maravilhas incomparáveis da harmonia cósmica, que empolgam e arrebatam.

Não é assim na arte...

Como artista ele é norteado com segurança pela força e intensidade dos pensamentos, que o impelem nos rumos certos dos seus objetivos, valores e ideais.

Sentindo os valores mais profundos, penetra na complexidade dos problemas humanos do amor, da sede do infinito e da dinâmica que o leva a criar como verdadeiro artista da vida com todo seu peso de encantamento e drama.

Mas, na verdade, a educação como arte e como ciência, ocupa dois campos irreduzíveis e cada um tem suas propriedades intrínsecas.

Estas duas esferas — da ciência e da arte — apesar de aparentemente separadas, estão, no entanto, em estreita correlação.

É por meio dos conhecimentos científicos que o professor aperfeiçoa a sua técnica e adquire os elementos indispensáveis ao seu trabalho, porque não está modelando um pedaço de argila, nem construindo uma estátua de bronze, mas trabalhando com formas humanas.

E nessa verdadeira alquimia, quase divina, porque é a sublimação da arte suprema de plasmar personalidades, formar corações e lapidar inteligências, ele precisa vaziar toda a alma de artista.

Não se trata de modelar despoticamente uma argila passiva, mas conduzir cada criança a pensar e a agir por si, sempre em direção à conquista do infinito.

E como se fora um mago prodigioso iluminador de cérebros e de consciências, deve ser o orientador perspicaz, seguro e sutil, através dos caminhos brumosos e cheios de espinhos...

E nós ficamos sempre emocionados ao sentir a imensa sensibilidade que possui o espírito criador dos artistas e os

verdadeiros milagres que saem de suas mãos:

- mãos que acordam os sons do piano e do violino, como Debussy nas suas músicas suavíssimas e sonhadoras, parecendo ser feitas para os ouvidos sensíveis das crianças;
- mãos de artistas do pincel, como Portinari, cuja palheta soube, tão bem, surpreender e expressar o futebol e as cirandas das crianças pobres;
- mãos que modelaram na pedra, no mármore e no bronze estátuas perfeitas;
- mãos que escreveram poemas e versos como aqueles de Castro Alves que, com seus tropos de luz e a grandeza de suas inspirações, pôs o seu gênio de artista da lira, a serviço da grande causa do Brasil;
- e de todas essas mãos e outras mais, as que ainda se assemelham às mãos do mestre são as que dirigem o arado fazendo sulcos perfeitos na terra, lavrando o campo para receber a semente. Mas nem sempre encontram a terra fértil e boa...

Bastos Tigre, consagrado artista, que também foi mestre e fez escola, soube expressar em magníficos versos a parábola do Cristo, "o Semeador", retratando o trabalho muitas vezes inglório daquele que semeia.

Eis o que nos diz o poeta:

"Antes do sol erguer do seu leito do Oriente
O lavrador sai a semear a semente.
Uma parte, porém, da semente semeada,
Das mãos do semeador foi ter ao pó da estrada,
E os pássaros do céu, assim que as perceberam,

Pousaram sobre o solo e, rápido, as comeram.

Outras levou o vento aos pedregais da serra,
Onde batia o sol e onde era escassa a terra.

A planta ali brotou; mas as raízes eram
Tão frágeis que, depressa, os brotos feneceram.

Outra porção, entre os espinhos rolando, mas, crescendo o espinheiro, os brotos foi matando.

Outra parte, entretanto, um bom terreno achou
E ali nasceu, cresceu, floriu, frutificou.

E chegando o momento à colheita propício
Deu ao semeador um farto benefício”.

Que vocês consigam entusiasmar-se pela missão sagrada dos artistas, para que suas mãos possam criar, pela vontade, a escola que seja a terra fértil e boa, sem pedregais e espinheiros...

Não cansem de semear amor e doçura para que os pequenos brotos não fenecam e que numa linda manhã de primavera assomem as hastezinhas verdes nos sulcos acinzentados do campo lavrado.

Criem escolas onde os alunos trabalhem em conjunto, como em conjunto merecem, se distraiam, chorem e riam; onde ninguém se deva apelidar de mestre, lembrando a cintilante poetisa chilena — Gabriela Mistral — em sua oração, dirigindo-se a Cristo, o único e verdadeiro Mestre da história:

“Senhor! Perdoa que eu ensine e leve este nome de mestre que levaste sobre a terra!”

Criem escolas onde se possam colher a expressão verdadeira e genuína de todas as crianças; não só daquelas estragadas pelos mimos e liberdades excessi-

vas dos lares ricos e desorganizados, como daquelas que vieram da periferia das cidades ou das beiras das estradas — crianças que vivem mais como animais do que como pessoas porque, seus pais, torturados pelo cansaço de um trabalho insano, tiveram o espírito o embrutecido!

Vocês, as filhas de um mundo que está prestes a esgotar seu tempo, se defrontarão com os filhos que pertencem, já por instinto, por exigência ou por determinismo histórico, a um mundo que está vindo e beija as nossas praias como anúncios de qualquer coisa irreversível.

A sociedade lhes entrega essas crianças e outras mais para que sejam educadas e iluminadas.

E então, caberá a vocês criar a escola que fará o meio tornar-se totalmente disponível para educação das gerações atuais e vindouras.

Mas para que isso aconteça torna-se necessária grande penetração no universo do porvir.

De acordo com o pensamento moderno, estudar o meio não é mais o currículo dos arredores da escola que convinha a uma civilização estática e regional, mas constitui, antes, segundo nos afirma Gattegno: “O desenvolvimento em sistema acelerado de uma visão e uma consciência que, saindo do próprio corpo da criança no início da vida, vai projetar-se até os confins do universo, alcançando todas as manifestações naturais e sociais nas suas diversidades temporais e espaciais”.

O ambiente da criança moderna acha-se extraordinariamente ampliado, incorporando tudo que a técnica descobriu e descobrirá algum dia.

É verdade que a renovação da escola não se pode dar de um modo mágico e brusco, mas sim por etapas.

É necessário, antes de tudo, lutar a cada instante pela transformação íntima,

sem o que pouco adiantará o esforço de iluminar os outros, ajudá-los e ensiná-los.

Que vocês consigam como a flexa, ultrapassar a corda, segundo dizia Rilke em um de seus belíssimos poemas.

Vimos, com muita satisfação, a preocupação das autoridades brasileiras em torno da educação.

A lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, é uma das grandes esperanças da educação brasileira.

Se nos termos da referida lei pretendemos a "formação integral, proporcionando condições para o desenvolvimento de potencialidades como elementos de auto-realização, qualificação para o trabalho, e preparo para o exercício consciente da cidadania", não podemos partir de abstrações mas iniciar pelo ato de compreensão de que a triplice dimensão humana-individual, social e espiritual - não pode ser separada em qualquer de seus aspectos.

É uma lei de salvação nacional.
O Brasil consolidará a sua independência porque na escola está o alicerce do desenvolvimento sócio-econômico.

Minhas jovens afilhadas!
Nessa hora de arrancada para o progresso no setor educacional brasileiro, vocês terão que acelerar o vôo.

Lembramos, nesse momento, com grande nostalgia, aquele hino à liberdade, a história de Fernão Capelo Gaivota, uma "história sobre a liberdade e o vôo para além dos limites provisórios" da autoria de Richard Bach.

Síntese das grandezas da vida, para os que sentem que a vida é "algo mais do que aquilo que os nossos olhos vêem"

Vocês, minhas afilhadas, se assemelham àquelas gaivotas que sempre se lançaram batendo asas, trabalhando até o limite de sua capacidade. Já fizeram centenas de vôos e terão de fazer outros mais.

Daqui para frente vocês enfretrarão muitos desafios. Mas não vão jamais aceitar o vulgar, o limitado, porque poderão ser livres aprender a voar muito acima da praia, através de nevoeiros cerrados para os céus estonteantes da claridade, enquanto outras gaivotas ficam na terra conhecendo apenas neblina e chuva.

Que é mais sublime do que uma gaivota que descobre e desenvolve um significado, um propósito mais elevado na vida?

É voar através das rochas, dos penhascos, até muitas vezes partir as asas e encontrar a verdadeira gaivota, o que há de bom em cada uma daquelas crianças que passarem por suas mãos de artistas-pedagogas ajudando-as a ver isso nelas próprias.

Precisam descobrir, pouco a pouco, todos os dias, a verdadeira gaivota, treinando e compreendendo que a gaivota é uma ilimitada idéia de liberdade de avanço, o vôo para a aprendizagem sem limites!

Mil vezes o amor! Só o amor consegue tudo isso!

Tudo será possível àqueles que, irmanados pelo amor e pelo mesmo ideal, sinceramente quiserem transformar em realidade as grandes conquistas espirituais dos que pensaram antes de nós.

E daqui para diante vocês seguirão por estradas diferentes, cada uma procurando voar, sempre mais alto por entre as escarpadas montanhas, animadas do propósito de educar: amando, lutando e ajudando!

A subida é penosa, mas à medida que forem avançando serão acariciadas pela brisa suave das alturas de onde poderão contemplar e compreender as fulgurações da face inifinita de Deus, que lhes dará forças para ultrapassar os obstáculos.

Com o auxílio divino, amando, e ajudando, haverão de vencer!

Importância da velhice na sociedade

Deusdith Laval Malucelli

Analisando o comportamento do ser humano em evolução, constatamos que as fases iniciais da existência caracterizam-se por um acentuado egocentrismo, o qual vai se atenuando com o decorrer dos anos.

Para melhor elucidação, vejamos:

1.º) — **A criança** torna-se feliz quando se vê como centro das atenções; tudo faz para conseguir a satisfação de seus desejos: pulando, trepando, gritando, rindo, chorando ou cantando.

2.º) — **O adolescente** esforça-se pela integração ou realização na sociedade, visando a conquista de um lugar estável no mundo.

Verdadeiros choques se realizam entre as gerações quando certos obstáculos não são vencidos pelos jovens. Evidentemente, é imprescindível uma profunda orientação concernente aos aspectos e motivos, afetivos, religiosos, sociais, intelectuais e profissionais, visando o ajustamento dos mesmos.

3.º) — **O adulto ou homem maduro** é fascinado pela aspiração de dirigir ou dominar algo. Daí o entusiasmo pelos ideais políticos nesta fase.

4.º) — **A velhice** é caracterizada por:

a) — decréscimo de egoísmo; b) — acentuado poder de doação, explícito através de conselhos oriundos da experiência, esse elemento precioso que somente o tempo nos oferta; c) — colaboração espontânea, desinteressada e consciente para com o próximo; d) — despreocupação pela crítica, pois que, embora freqüentemente a receba, reage indiferente, motivado pelo amor e prazer de orientar e iluminar os jovens na difícil estrada terrena.

Deduzimos que as fases infância, adolescência e maturidade colaboram com a humanidade, contudo não o fazem desinteressadamente como ocorre com a velhice, pois são dominadas pela ânsia de sobressair-se, integrar-se ou dominar o mundo, rejeitando as críticas.

Justificamos, assim, o dever de respeitarmos e admirarmos as pessoas idosas, reservando-lhes um especial e merecido valor na sociedade, pois que representam o apogeu ou coroamento da existência.

Conhecemos verdadeiras capacidades, nos mais variados ramos profissionais, as quais poderiam enriquecer a sociedade com

seus conhecimentos ou habilidades e que, entretanto, devido à falta de oportunidade, não os aplicam.

Em tal problemática, a solução deve partir da criação de centros de orientação, cuja finalidade seria a procura e o aproveitamento espontâneo das referidas pessoas nos mais variados setores educacionais, culturais ou assistenciais. A assistente social, bem como o psicólogo, seriam nesse caso valiosos elementos.

Esta conquista representaria uma terapêutica ocupacional, refletindo maior energia e felicidade. Pois é pacífico o fato de que todo ser humano quer ser julgado importante e útil à sociedade, ao mesmo tempo que a ausência de valorização conduz à neurose.

Ao contrário do que comumente se pensa, a memória não diminui, com o passar dos anos. Muito pelo contrário, chega até a aumentar. Se algumas pessoas esquecem de alguns acontecimentos, não é porque a memória se alterou, mas sim porque ela se reorganiza continuamente, modificando sua bagagem de lembranças, eliminando as mais inúteis e guardando as mais importantes.

O fumo e o álcool, sobretudo este último, destroem as células cerebrais de uma forma anormal. O isolamento e a inatividade da mente são outros dois grandes inimigos da memória. Os contatos sociais e a atividade intelectual são absolutamente necessários para manter a memória em boas condições.

Para os indivíduos normais é suficiente uma vida saudável para conservar otimamente a memória. Uma alimentação suficientemente rica em proteínas (carne, ovos, queijo, leite e peixe) parece ideal para manter a memória em bom estado, já que as proteínas animais contêm substâncias indispensáveis para o funcionamento do cérebro.

Embora o cérebro humano perca milhares de células diariamente, essas perdas não impedem a memória de se enriquecer continuamente com o passar dos anos.

E não é raro encontrar homens de 60, 70 ou mais anos, que demonstram ter uma memória muito mais rica do que muitíssimos adolescentes.

Entretanto, é lícito que explicitemos a

possibilidade de uma valorização mais facilmente conquistada na velhice, através de uma análise retrospectiva da vida humana, cuja observação nos evidencia as seguintes necessidades:

1) — aprimoramento das capacidades ou aptidões da juventude;

2) — maior oportunidade de educação complementar: música, pintura, escultura, etc.

Justificamos este particular, levando-se em consideração que a velhice corresponde a uma seqüência lógica, natural, das fases anteriores. Por conseguinte, a pessoa idosa, útil e feliz, reflete o jovem outrora preocupado com altos ideais intelectuais, morais e espirituais.

É passivo que quanto mais atividades educativas o ser humano tiver na juventude, maior é o seu poder de realização na velhice.

Evidencia estes princípios a vida de idosas personalidades ilustres, alguns já falecidos:

Guiomar Novais (78 anos), concertista de renome;

Marlene Dietrich (73 anos), atriz de sucesso;

David Carneiro (famoso historiador);

Aldo Laval (73 anos), idealista incansável;

Pompília Lopes dos Santos, escritora;

América da Costa Sabóia, professora;

Helena Kolody, poetisa e professora;

Nair Cravo Westphalen, escritora;

Helena Antipoff (82 anos), pedagoga mundialmente conhecida;

Charles Chaplin (87 anos), ator de renome;

Goethe, terminou "Fausto" aos 82 anos;

Verdi, compôs Falstaff, aos 80 anos;

Helen Keller, já bem idosa, cega e surda, realizou excelentes palestras, imortalizando-se em seus livros;

Bento Mossurunga, quase aos 90 anos, ainda se dedicava à música executando peças de sua criação;

Françoise Rosay, conheceu o triunfo de atriz aos 80 anos;

Alexandre David Neel, quase com 100 anos, escrevia livros e fazia projetos;

Helena Rubinstein e Elizabeth Arden, embora nonagenárias, não deixaram de ser respeitadas como autordiaes em beleza;

Arthur Rubinstein, até aos 89 anos deu concertos.

Esses exemplos denotam características profundamente espirituais, dominando o próprio físico, espalhando algo de divino.

Objetivando concretizar o ideal deste documento, sugerimos dar continuidade ao levantamento de personalidades ilustres idosas, as quais seriam convidadas a participar espontaneamente de um "Grupo Construtivo", em entidades escolares cujo objetivo seria despertar as potencialidades do jovem educando, através de seus depoimentos ou obras artísticas, de um lado, e de outro, desmarginalizar pessoas que, embora de idades avançadas, muito podem fazer pela sociedade.

Objetivamos também, com este tipo de trabalho, usar os recursos de comunicação (TV, jornais, rádios, etc) para que, registrando tais acontecimentos, conscientize-se a sociedade sobre este particular e, gradativamente, atenuar o crescente número de internos em asilos para velhos.

Escola Desembargador Marçal Jústen

No bairro da Água Verde, nesta Capital, no dia 18 de agosto de 1980, foi inaugurada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, "in memoriam" ao Desembargador Marçal Jústen, uma escola que recebeu o seu nome.

Compareceram à cerimônia numerosos habitantes do bairro, familiares do Desembargador, crianças, professores e diversas autoridades civis, militares e religiosas, alguns dos quais usaram da palavra, proferindo vibrantes discursos, enaltecendo a memória do homenageado, falecido em 1978.

Marçal Jústen dedicou 34 anos à magistratura paranaense, começando a trabalhar quando estudante da Universidade Federal do Paraná, onde se formou no Curso de Direito, tendo sido Advogado, Professor de Direito, Promotor Público e finalmente Desembargador do Tribunal de Justiça, desde 1967.

Como Desembargador, além de suas funções normais, exerceu vários cargos, en-

tre eles de membro da Comissão de Organização e Divisão Judiciária do Estado. Foi também um dos principais responsáveis pela elaboração do Código de Organização Judiciária, em vigência nos dias que passam.

Era um homem de caráter íntegro e em toda sua vida deu exemplo de responsabilidade, probidade e amor ao próximo.

Preocupado com o bem comum, sempre colaborou na recuperação de menores e nos programas educacionais. Considerado "um verdadeiro oásis onde todos iam buscar inspiração e até conforto", costumava dialogar com as mães, sugerindo-lhes livros e cursos para que pudessem orientar melhor seus filhos.

Acompanhada pelos seus familiares, a viúva do Desembargador Marçal Jústen, Professora Chloris Casagrande Jústen, Diretora do Instituto de Educação do Paraná, cortou a fita simbólica de inauguração da Escola, pronunciando, na ocasião, emocionante discurso.

Educação intelectual

Ensinaamentos extraídos do capítulo XIX do livro "Educação e Vida Perfeita" de Bertrand Russell. Tradução de Monteiro Lobato.

Conhecimento ministrado com amor é o que os discípulos pedem aos mestres.

Nos primeiros anos, o amor dos mestres aos discípulos é o da maior importância; em anos posteriores o amor ao conhecimento ministrado se torna primordial.

A maior influência ocorre nos primeiros anos da infância e conseqüentemente é nesse período que tentaremos com mais eficácia formar o caráter da criança.

Os que se conformam com os males do mundo insistem em afirmar que a natureza não pode ser mudada. Se querem dizer que não pode ser mudada depois dos seis anos, haverá alguma verdade na afirmação. Se tencionam dizer que nada pode alterar os instintos e reflexos com que a criança nasce, também estarão com alguma verdade, embora muito haja a esperar da eugenia. Mas se pretendem dizer, como usualmente o fazem, que não haja meio de produzir uma população adulta cujo comportamento seja diverso do da atual, estarão contrariando todas as afirmações da moderna psicologia.

Dois crianças nascidas com o mesmo caráter podem produzir adultos de disposi-

ções totalmente diversas, quando criadas em ambientes diversos.

O que incumbe à primeira educação é treinar os instintos de modo que possam produzir um caráter harmonioso, mais construtivo do que destrutivo, mais dado a afeição do que a taciturnidade, corajoso, franco, inteligente. Tudo isto pode ser feito com a maioria das crianças; e já hoje vemos fazê-lo com as crianças bem tratadas. Se os conhecimentos existentes fossem usados e os métodos já bem testados fossem aplicados, poderíamos numa geração, produzir uma população quase que totalmente livre das doenças, da malevolência e da estupidez.

O rude material do instinto é, sob muitos pontos de vista, igualmente capaz de produzir o bom ou mau.

No passado, os homens nada entendiam do treino do instinto e por isso eram levados a recorrer a repressão.

O castigo e o medo formavam os grandes incentivos para o que era considerado virtude. Hoje sabemos que a repressão é o pior dos métodos, não só porque raramente dá resultados, como também porque produz desordens mentais. O treino do instinto já é método totalmente diverso, que envolve técnica totalmente nova.

COMUNICADOS EDUCACIONAIS DO I.E.P.

Diretrizes básicas do Instituto de Educação do Paraná

Selma Simone C. Bremer
Assessora Técnica de Planejamento

O presente documento contém as grandes linhas de ação que vão ensejar a formulação das metas objeto da operacionalização, em posterior etapa de planejamento. Foi elaborado em consonância com as **DIRETRIZES DE AÇÃO SETORIAL** da Secretaria de Estado da Educação, para 1980/83, que vão transcritas nesta revista.

O objetivo do Instituto de Educação do Paraná para 1980 é **oferecer, mediante adequadas estruturas organizacionais escolares, à criança, adolescentes e adultos, que com ele interagem, mecanismos de respostas às suas necessidades culturais e profissionais.**

Concebendo a problemática educacional como parte integrante e profundamente comprometida com o meio ambiente, a concentração de esforços deve estar no sentido de melhoria das condições dessa ambiência que, no momento, se encontra ineludivelmente a par de inúmeros problemas, cujas soluções precisam ser encontradas com urgência.

Dada à complexidade da tarefa, o Instituto de Educação do Paraná, como elemento partícipe do Sistema Educacional, procura posicionar-se para atender às necessidades de sua clientela e às da comunidade, na qual está inserido respondendo aos grandes desafios lançados pela Política de Educação e Cultura.

Nesta ótica, a problemática se concentra na necessidade de captar os requerimentos do meio social para que se obtenha um produto preparado para a demanda real "sendo preferível oferecer menos de forma realista do que oferecer mais, de forma apenas legalista".

Neste sentido o importante é voltar-se para uma educação de base, direito fundamental de todos, incrementando a oportunidade de vagas no ensino pré-escolar, justificada a ação pelo seu impacto pedagógico nas séries subseqüentes.

De outra parte, faz-se necessário reforçar uma postura com relação à formação docente a nível de formação para o Magistério de 1.ª à 4.ª séries, fechando um ciclo de implicações entre a educação básica e o seu docente, pretendendo a elevação do nível de qualidade.

Por seu turno, a crescente descaracterização dos valores nacionais acentua a prioridade de exploração dos filões da riqueza da cultura brasileira, identificada nas expressões populares através das quais se percebem as características de uma nação. Nesse sentido a promoção do desenvolvimento cultural deve ser acentuada e fomentada, objetivando o despertar de uma consciência nacional.

Para obtenção dos resultados esperados, há que utilizar instrumentos essenciais e adequados. Ressalte-se o aspecto de que repensar e tratar tais objetivos, de forma que viabilizem uma ação integradora e integrada, pressupõe o elemento humano que transformará o futuro planejado em realidade.

"A problemática dos recursos humanos requer tratamento específico, tanto na dimensão organizacional quanto na dimensão das ações substantivas".

Ainda a nível de instrumentos a serem empregados para a consecução dos grandes objetivos visados, impõe-se a consolidação da reorganização administrativa, questão que se configura como prioritária, com fins

de adaptação à realidade institucional e ambiental.

A tradução desta política, pretendida para curto e médio prazos, se identifica e se institucionaliza nas seguintes diretrizes.

1 ÊNFASE À EDUCAÇÃO DE BASE:

1.1. Política de ação:

- incremento à oportunidade de vagas para os ensinos Pré-escolar e de 1.º Grau.

1.2. Estratégias:

- estabelecer um modelo de matrícula para o IEP;
- reduzir os desperdícios escolares (evasão, reprovação, repetência);
- ajudar o aluno em dificuldades de aprendizagem.

2 APRIMORAMENTO DO NÍVEL DAS AÇÕES EDUCATIVAS:

2.1. Políticas de ação:

- elevação do nível de desempenho do pessoal docente, técnico e administrativo;
- suscitar no educando um processo endógeno de participação ativa;
- incentivar estudos de Pedagogia e Matemática.

2.2. Estratégias:

- desenvolver programas especiais de atendimento em todos os graus e níveis;
- divulgar experiências pedagógicas em curso no país e no estrangeiro;
- divulgar os resultados positivos obtidos por elementos do corpo docente do IEP e as técnicas adotadas;
- incentivar e adotar experimentações que objetivem inovar e aprimorar os resultados do processo ensino-aprendizagem;
- evitar o excesso de trabalho burocrático do professor;
- obter a participação do aluno na manutenção da ordem e limpeza do prédio escolar, no planejamento, organização, programação e controle de atividades intra e extra-classe;
- promover seminários e encontros.

3 CONSOLIDAÇÃO DA REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA:

3.1. Política de ação:

- implantação efetiva da estrutura organizacional do IEP.

3.2. Estratégias:

- divulgar as características da estrutura;
- definir competências básicas das funções de chefia;
- apoiar e acompanhar o desempenho organo-funcional;
- estabelecer mecanismos de reorientação a partir de estudos de avaliação de desempenho.

4 DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS:

4.1. Políticas de ação:

- promoção de autodidaxia para os recursos humanos do IEP;
- atendimento às necessidades de aperfeiçoamento dos recursos humanos do IEP.

4.2. Estratégias:

- organizar grupos de estudos;
- promover seminários;
- facilitar estágios;
- facilitar a participação em seminários e congressos;
- levantar interesses e necessidades de aperfeiçoamento do pessoal;
- ofertar cursos e seminários em convênio com o CETEPAR e a FIDEPAR.

5 INTEGRAÇÃO CULTURAL:

5.1. Políticas de ação:

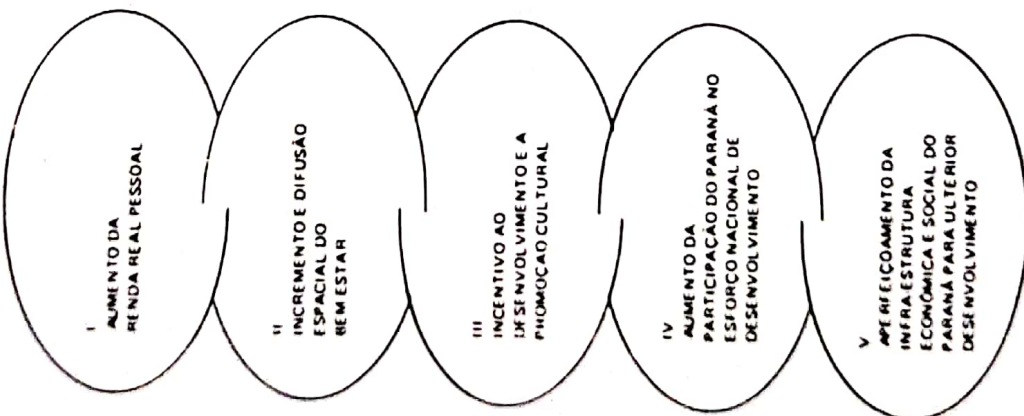
- valorização e difusão de aspectos relevantes das manifestações culturais do Paraná e Brasil;
- reforço a articulação entre a escola e a comunidade.

5.2. Estratégias:

- explorar os recursos municipais e estaduais para enriquecer o currículo escolar;
- estabelecer convênios com instituições culturais para programações especiais;
- utilizar dependências da escola para montagem de exposições de artistas do Paraná;
- enfatizar a atuação da Escola de Pais;
- programar a biblioteca e os ambientes esportivos de tal modo que sejam acessíveis à comunidade;
- utilizar auxiliares voluntários nas atividades escolares e educativas em geral;
- favorecer a atuação da A.P.P.

DIRETRIZES DE AÇÃO SETORIAL

DIRETRIZES GOVERNAMENTAIS



DIRETRIZES SETORIAIS

- 1 RACIONALIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DAS OPORTUNIDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA EDUCACIONAIS
- 2 VALORIZAÇÃO E APOIO AOS RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA EDUCACIONAL
- 3 REFORÇO À ATUAÇÃO DA ESCOLA, INSTITUIÇÃO COMO UNIDADE OPERACIONAL DO SISTEMA EDUCACIONAL
- 4 REMENIONAMENTO DA ASSIS TÊNCIA AO ESTUDANTE PREVEN DO CONCENTRAÇÃO DE AÇÕES E INTEGRAÇÃO DE ESFORÇOS
- 5 ADEQUAÇÃO DA FORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA AO MERCADO DE TRABALHO
- 6 ATIVAÇÃO DA ESCOLA COMO AGENTE DE DIFUSÃO E PROMOÇÃO CULTURAL
- 7 RENOVAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA OFERTA EDUCACIONAL AOS ESFORÇOS DE CORREÇÃO DE DESIQUILÍBRIOS REGIONAIS
- 8 ESTABELECIMENTO DE MECANISMOS PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

POLÍTICAS DE AÇÃO

- 1.1 AMPLIAÇÃO DAS TAXAS DE ESCOLARIZAÇÃO
- 1.2 ELEVAÇÃO DOS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE
- 2.1 VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO E DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO
- 2.2 ELEVAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DO PESSOAL DA ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL
- 3.1 DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
- 3.2 MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA ESCOLA
- 4.1 RACIONALIZAÇÃO DAS AÇÕES DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE
- 4.2 DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE
- 5.1 RACIONALIZAÇÃO DA OFERTA DE ENSINO PROFISSIONALIZANTE
- 5.2 DIVERSIFICAÇÃO DAS MODALIDADES DE FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA
- 6.1 VALORIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ESPORTIVAS DA COMUNIDADE
- 7.1 DESENVOLVIMENTO DE PROGRAMAS ESPECIAIS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL PARA REGIÕES QUE APRESENTAM LÍMICA DE CRESCIMENTO MENOS ACELERADO
- 8.1 ESTÍMULO AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BÁSICA
- 8.2 DEFINIÇÃO E IMPLANTACAO DO SISTEMA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

A antiga Escola Normal

Erasmu Pilotto

Vários fatores têm concorrido para que a **Antiga Escola Normal** não seja tão frequentemente lembrada, para a memória nova, como devera. E muito mais altamente reverenciada. Estamos falando da primeira fase da Escola Normal (aquela fase, lá distante do nosso **Instituto** de hoje). Daquela Escola que funcionou no prédio do antigo Ginásio Paranaense, — anexa a ele, Ginásio, — e participando de sua alma. O prédio, podeis vê-lo, lá está, à praça que hoje tem o nome de Santos Dumont.

Se reparardes bem, vereis que ele se eleva isolado, no alto e ainda com um linha que procura elevar-se sempre, original na paisagem comum, com a dignidade de um monumento. Talvez algum dia, — quando as coisas sejam melhor lembradas e mais justamente, — esse prédio venha a ser um dos motivos da nossa emoção urbana mais viva, e um respeito novo o envolva. Ele já foi muito desfigurado internamente pelo espírito da utilidade, que, como se sabe, tantas vezes se orienta muito vulgarmente.

A **Antiga Escola Normal** era muito simples: criou-se uma cadeira de Pedagogia, que se anexou ao currículo do Ginásio Paranaense; os alunos da Escola freqüentavam as mesmas aulas do Ginásio e, apenas, freqüentavam a mais a cadeira de Pedagogia. Nessa estrutura, teve uma vida admirável, que se tem de contar como uma das altas palpitações do Espírito na vida do Paraná. Não julgueis que exagero; ao contrário, tudo está muito diminuído neste artigo que é, de fato, um improvisado bem pobre, feito apenas de notas esparsas e ligeiras.

I

Primeiro, os mestres da **Antiga Escola Normal**.

Começo dando um testemunho pessoal sobre alguns deles, dos quais, mais tarde, ainda fui aluno no Ginásio Paranaense.

— Álvaro Pereira Jorge, em primeiro lugar; professor de Aritmética Teórica e de Álgebra: sua explicação era de uma clareza extraordinária; durante as explicações, o silêncio na sala era absoluto, — ele não toleraria perturbações mínimas e se impunha nessa medida; depois dos momentos de concentração assim, amenizava o ambiente, de modo sistemático, provocando às vezes riso geral e franco, que cessava no rigoroso instante em que ele retomava a

explicação; muito exigente; ele, pessoalmente, não faltava nunca. Fio o modelo do meu magistério pessoal.

— Sebastião Paraná, professor de Geografia; sua **Corografia do Paraná**, publicada em 1900, é, até hoje, uma das melhores obras produzidas em toda a literatura do Estado; e isso dever-se-ia, em grande parte, ao fato de que a *Géographie Universelle*, de Elissée Reclus, era sua extraordinária escola geográfica.

— Dario Vellozo, professor de História; nunca mais conheci verbo semelhante ao seu verbo de mestre; ao falar, era sempre um aristocrata-poeta, com vocação e força de apóstolo ou D'Artagnant; podemos dizer que não nos ensinava história, — pregava-nos **categorias** históricas: a **categoria** Grécia, a **categoria** Buda, a **categoria** Renascimento, etc. Pregava-nos essas **categorias**, como apóstolo.

— Lisímaco Ferreira da Costa: professor de Física e Química, — a excelência de sua exposição e de suas demonstrações em classe; cada uma de suas aulas era exemplar.

— Guido Straube, professor de História Natural ao final do nosso curso; dava densa a "matéria", e muito bem organizada; exigia tudo o que ensinava; essa seriedade e disciplina cultural era o que mais lhe admirávamos e ser-nos-ia sua maior lição; assim, outro vigoroso mestre de categorias, — como, em meu entender, é o próprio especialmente para a adolescência. Guido Straube não pertenceu ao quadro docente da **Antiga Escola Normal**. Mas era, com todo o rigor, um homem de sua estirpe, e por isso evoco aqui sua figura, que serve bem para ajudar a definir o ambiente espiritual da grande escola.

II

Não podendo, agora, servir-me de minhas próprias vivências de alunos do antigo Ginásio, tendo de procurar mais para trás, associo a Antiga Escola Normal ao nome de dois outros mestres, — e eu os escolho tão só pela facilidade acidental com que posso tratar deles, no rápido momento de improvisar este artigo: Euzébio Silveira da Mota e João Pereira Lagos.

Evidentemente, seria necessário fazer o retrato de outros de seus mestres, e isso é imperativo: não é possível que persis-

ta o olvido completo, nas memórias novas, de seus nomes e de suas presenças. Mas, falando desses mestres:

Euzébio Motta foi a maior organização mental do Paraná de ontem. Cito, para afirmá-lo, primeiro, a sua teoria da História, que é, no mínimo, uma bela construção de um lance muito largo e de originalidade incontestável, — fruto de uma mente forte e realmente criadora. Não estamos habituados, no Paraná, a lhe dar ênfase e dedicar-lhe o estudo justo; não estou pedindo que se aceite a sua nobre concepção, pois talvez ela tenha o defeito comum das concepções que imaginam a seqüência histórica subordinada a um quadro legal semelhante ao das ciências físicas; o que estou, é pedindo que, na história do pensamento filosófico brasileiro, se preste atenção ao fato quase único de um momento efetivamente criador dessa estrutura, e que ocorreu no insulamento de uma Curitiba por assim dizer nascente. Mas o rasto de sua mente criadora não está limitado a essa sua abrangente e elegante concepção da história.

Pode-se encontrar em cada passo, mas de modo seguro, do que nos ficou escrito por ele, — infelizmente pouco. Ainda por um destes dias, tive em mãos dois notáveis artigos seus, com o título: **Uma Questão de Gramática**. A partir do vocábulo **desinfiado**, estuda, com uma informação e agudeza maiores do que a dos grandes estudiosos da língua portuguesa, a partícula **des** sob todas as suas formas, — **de, des, ex e es**, quando, “aposta a alguns vocábulos, dá resultados que parecem inexplicáveis, atento que, sendo prefixo privativo, produz o efeito de reforçar a significação do radical, como se vê em **delasso** (excessivamente lasso), **desfeiado** (excessivamente afeiado) e tantas outras. Palavras dessa composição inúmeras se encontram em nossa língua e suas congêneres, e na latina, donde nos vieram muitas das que usamos. É, pois, um fato da língua antiquíssimo. “Mas, mais importante que a seriedade do estudo, que surpreende feito na Curitiba de então, é o reencontro, nas conclusões, **do mesmo espírito vigorosamente original que encontramos em sua concepção da História**. E que tornamos a encontrar quase que a cada passo do pouco que nos ficou escrito de Euzébio Motta.

Procurando o testemunho de seus antigos alunos, alguns ainda hoje sobreviventes e de outros de que me recordo bem, penso poder dizer com segurança que a influência dessa forte estrutura mental teria sido muito pequena entre os alunos,

mas terá sido profunda, pelo menos em algum caso, entre os mestres seus colegas. E assim, desse modo, um muito importante elemento estruturador da antiga Escola Normal.

E, agora, quero mencionar outro nome, dos mestres dessa Escola naquele tempo, de que se fala hoje muito pouco. E o do professor João Pereira Lagos. A seu respeito, desejo registrar aqui um fato que me ocorreu, o qual, ainda que diretamente se refira ao antigo Liceu Paranaense, pode, com todo o rigor, ser referido ao ambiente da **Antiga Escola Normal**, onde Pereira Lagos foi, igualmente, mestre, um pouco mais tarde.

Por um dos dias de maio de 1978, um acaso pôs-me no caminho inesperado do que me parece um esclarecimento a respeito de um dos pontos iniciais da evolução do pensamento filosófico paranaense. Folheando, na Biblioteca do Instituto Neopitagórico, a edição do **Traité élémentaire de Philosophie (a l'usage des classes)**, de Paul Janet, — “um tratado substancial elementar”, segundo define o autor no prefácio, “para uso dos jovens”, — (uma obra de quase mil páginas), — encontrei, nas páginas iniciais, a assinatura: **Aramis**, que era o pseudônimo de Dario Vellozo, no grupo dos **Mosqueteiros**, — pseudônimo e grupo sob a inspiração do romance célebre de Alexandre Dumas, de importância conhecida e decisiva, como se sabe, na adolescência de Dario. A caligrafia é em caracteres grandes, e está longe da maturidade e disciplina da caligrafia definitiva de seu autor. Por esse tempo (17 anos), ele freqüentava, no Liceu Paranaense, as aulas de Filosofia e História do professor João Pereira Lagos. João Pereira Lagos era um desses homens do norte do Brasil, — precisamente, do Recife, cultos e inteligentes, que formava parte essencial na paisagem curitibana, nos decênios final e inicial do oitocentos e do novecentos. Advogado.

Paul Janet, como se sabe, pertencia à primeira linha do ecletismo de Victor Cousin. Ecletismo impregnado de idealidade. Victor Cousin gozou de ascendência de mais de vinte anos na educação francesa, — uma ascendência muito viva. Essa ascendência fez-se sentir fundo no Brasil, — país, então, de cultura e informação nitidamente francesas. Em paralelo e oposição brilhante ao positivismo, ao spencerianismo e ao materialismo direto, que pareciam ter vindo, um momento antes, para ser o novo clima mental dos espíritos cultos.

O Colégio Pedro II, que servia de pa-

drão para o ensino secundário no Brasil, calçara o programa de filosofia de seus cursos, na obra de Janet, e fez dela o compêndio de seus alunos. Faz-se, mesmo, nesse propósito, uma tradução brasileira do *Traité*, que trazia umas páginas acrescentadas com o programa oficial do Colégio.

Acrescente-se que, na primeira página das **Oeuvres de Platon**, traduzidas por Victor Cousin, que o Instituto possui completa, está escrito, do punho de Dario: "Pertenceu ao dr. João Pereira Lagos, meu professor de História e de Filosofia, no antigo Liceu (1887-1888)".

Então, Dario Vellozo foi aluno de História e de Filosofia de João Pereira Lagos, — um homem cuja cultura está indicada no fato de possuir, naquela Curitiba principalmente, as obras completas de Platão, na grande tradução de Victor Cousin. Nesse alunado, com um professor certamente de talento verbal como são os recifenses, Dario respirou o ambiente de idealidade de Victor Cúsin e do ecletismo. Não me consta que ele haja mencionado, nunca, uma influência expressa de Pereira Lagos em sua constituição mental, mas fatos como os que apontamos não se passam, sem deixar marca, diante de um adolescente, e é de notar que a direção que vai tomar o espírito de Dario é dentro, exatamente, do campo da Filosofia e da História, — isto é, do mesmo campo do magistério de Pereira Lagos.

Enquanto à posição de Victor Cousin, podemos pôr a pergunta, impossível de responder hoje, mas inteiramente cabível, — de até que ponto a "stimmung" de idealidade em que viveu sempre a Escola, formou-se no distante Liceu, — onde a altura do curso se mede pelo fato de que os alunos estudavam filosofia, em francês, diretamente num volume de envergadura do *Traité*, — perto de mil páginas, que o próprio autor qualificava de substancial.

III

Evidentemente, não se trata, aqui, de estudar o perfil intelectual e a estrutura da personalidade dos mestres do Ginásio e da Escola Normal, antigos. Nelas já se vê, por esse toque pela rama, onde uma boa pesquisa poderia conduzir, — que grande quadro se poderia traçar! De certo, mestres desse porte, não poderiam transmitir a plenitude de sua cultura e de sua personalidade aos seus alunos. Mas sua lição refletia sua medida e criava uma como que atmosfera espiritual.

IV

Outro acaso pôs em minhas mãos dois

documentos importantes para avaliarmos o ensino de Pedagogia nessa **Escola**. O primeiro deles, encontro-o no número de setembro de 1908, da revista **A ESCOLA, Revista de Pedagogia do Grêmio de Professores Públicos**, que se editava em Curitiba. São **Notas do Curso de Pedagogia da Escola Normal em 1906**, pela aluna Maria Ester Ferreira de Souza. Dessas notas, transcrevo:

— "(...) o professor deve fazer com que o aluno exerça (...) a sua vontade e aprenda a investigar."

— "A qualidade primordial do ensino é a intuição."

— "O emprego de muitos termos para designar uma só coisa produz confusão no espírito pueril (...)."

— "Por meio da indução o professor generaliza o objeto da lição, partindo dos efeitos para as causas, explicando o desconhecido pelo conhecido. Depois, empregando a forma interrogativa, fará com que os alunos por si mesmos deduzam facilmente, dando assim a prova de que compreenderam."

— "A prática deve ter a precedência. Depois de concretizado o ensino, podem enunciar-se as regras."

— "As lições devem ser bem graduadas. Deve haver lentidão no ensino."

— "Os conhecimentos que o aluno adquirir por seus próprios esforços, serão muito mais perduráveis."

O segundo documento é o "Resumo da Sabatina", também de uma aluna da **Antiga Escola Normal**, igualmente publicada no número de agosto de 1906, da referida Revista.

A prova era de Joana Falce e a matéria, o ensino inicial da leitura. Devo dizer desde já que Joana Falce (depois Joana Falce Scalco), foi, mais tarde, uma das maiores diretoras de ensino pré-primário que o Paraná já possuiu; implantou entre nós, e em nível magistral, no Jardim Emilia Ericksen, de Curitiba, primeiro, os métodos froebelianos, e, a partir de um certo momento, num pioneirismo indiscutido, o método Montessori, e essa deve ser, de fato, apontada como a primeira Escola Nova no Paraná.

Diz, textualmente, a prova:

"Ensinar primeiro as vogais que são sons simples, ao passo que as consoantes se emitem com o auxílio das vogais. O professor pronuncia o som de uma letra, fá-lo repetir pelos alu-

nos e representa no quadro o seu símbolo. Depois de terem as crianças pronunciado o som da letra, reproduzem nas lousas o símbolo que está representado no quadro. Apagam das lousas o símbolo, e o professor escreve no quadro outra vez o mesmo símbolo, e manda todas as crianças emitirem o som; depois, apagando ainda uma vez o símbolo, o professor emite o som, cuja representação já conhecem, e as crianças o gravam de novo nas lousas. Assim, pode constituir a lição de um dia o ensinamento das vogais. No dia seguinte, começa o ensino das consoantes, podendo ser encetado pela letra t, (...). Cada dia ensina o professor uma consoante, combinando-a com as vogais, formando assim sílabas e palavras. Toda lição tem traçado no quadro pelo professor. Vem depois o exercício escrito que consiste na reprodução das palavras já conhecidas e formação de outras pela combinação das sílabas estudadas. Os vocábulos serão pelos alunos copiados nos cadernos."

Há, na mesma prova, instruções minuciosas sobre a metodologia da escrita.

Nesse resumo de sabatina, vemos, da aluna, a qualidade da frase; e, do curso, a formação metodológica prática e minuciosa. Depois, pela mestra que ela foi, e por informações gerais concordantes, ficamos sabendo da ênfase dada à formação da personalidade do mestre. Cultura geral e formação da personalidade em um ambiente de muita serenidade e, por vezes, vibrante idealidade: eis os dois pontos que seriam, em meu entender, de destacar na educação ministrada pela antiga Escola Normal.

Quanto à formação técnica, devemos dizer:

a) o curso completo da Escola era, como dissemos, o curso do Ginásio Paranaense, a que se acrescentava a cadeira de Pedagogia;

b) os livros adotados na área pedagógica eram os de Gabriel Compayré, em particular o **Cours de Pédagogie**; encontro também referidas, mas parece que sobretudo para uso dos mestres, as **Lições de Pedagogia**, de Chasteau; em 1907, Dario Vellozo publicou seu **Compêndio de Pedagogia**;

c) tenho em minha biblioteca, mandado encadernar ainda por meu pai, um volume da obra de Spencer, **Educação Intelectual, Moral e Física**, traduzido para o português, e editado no Brasil em 1901;

mas, nas consultas que fiz a remanescentes da Escola Normal daquele tempo, ninguém confirmou que o livro fosse adotado no curso; mas, sem dúvida, pertenceria ao ambiente cultural pedagógico da cidade ou da **Escola**, e talvez haja sido presente de meu pai à sua noiva ou esposa;

d) encontro, em certo momento, tal vez um pouco mais tarde, em grande voga entre o magistério paranaense, a obra de N. A. Calkins, **Primeiras Lições de Coisas. Manual de Ensino Elementar**, traduzido por Ruy Barbosa, e editado no Rio de Janeiro, em 1886. Na página da capa interna do Calkins, pode-se ler: "Apresentar ao menino, antes dos vocábulos, as coisas, antes dos nomes as idéias. Industriá-lo em observar, executar e dizer";

e) em tudo, pleno domínio do método intuitivo, isto é, nesse sentido, de Pestalozzi;

f) já vimos, na prova e notas de alunos, u'a mostra direta da formação metodológica.

Se procuro avaliar a formação dos alunos na Escola Normal daquele tempo, parece-se que podemos falar na associação de uma cultura geral do espírito, ambas as coisas como que alimentando uma formação técnica um tanto incipiente, mas que adquiria uma espécie de alta densidade categorial tomada daqueles seus dois pontos fundamentais de apoio, Pestalozzi. Seria importante reestudarem-se as obras de Compayré, para conhecer-se o espírito pedagógico dos mestres dessa Escola Normal. Falei em **densidade categorial**, e estava pensando um pouco sob a influência de Teodoro Litt, que, certa vez, eu interpretara assim:

"1.º - A natureza do pensar pedagógico não pode ter um sentido tecnológico. Sente-se, de imediato, que Litt quer colocar-se no plano do orgânico. O tecnológico é eminentemente analítico. Litt diria que a categoria do técnico, cuja essência é a destinação prática, a utilidade, não pode cobrir toda a categoria do pedagógico, que necessariamente, a ultrapassa. 2.º - Tem-se dado exagerada importância à possibilidade dos métodos. Novamente estamos diante da posição organicista de Litt. Ele não pode aceitar que cheguemos a métodos fixos, assim como técnicas, de eficiência universal. A relação entre o educando e o educador é uma relação viva, que não pode ser fechada dentro de nenhum tecnicismo, de nenhuma processuação fixa, sempre nova em cada relação nova, sempre nova em cada novo momento"

Contribuição em caráter experimental ao desenvolvimento da Didática

Eny Caldeira

Partimos do pressuposto de que uma das maiores preocupações que assoberbam os educadores de nossos dias é difundir nos estudantes, através das disciplinas de que se compõe o currículo, a curiosidade, a capacidade criadora, e o espírito de ordem e exatidão que decorre de uma vivência autêntica do método científico.*

O Laboratório de Pesquisa e Experimentação Pedagógica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Paraná, vem realizando uma série de experiências visando criar modelos metodológicos que possibilitem o deslocamento do eixo comum de trabalho escolar para um eixo criador e científico. Sob o princípio orientador de ensino e pesquisa, visa o programa do Laboratório, especialmente, desenvolver no processo de profissionalização o valor pessoal do futuro professor, sua interação e integração e concomitante visão do mundo, suas qualidades de pesquisador e de técnico.

Assim, abolidas as "aulas", o processo de ensino e pesquisa efetiva através da realização de projetos. Utiliza-se de instrumental semelhante ao dos pesquisadores.

Os projetos são emergentes da natureza. As turmas grandes são desdobradas em grupos de 25 estudantes, orientado cada grupo por um coordenador. A natureza dos estudos é caracterizada através de problemas colocados em pauta e pelas necessidades de incorporar ao processo comum escolar a contribuição das ciências da educação. Assim o aprendizado se origina de necessidades bem fundamentadas, da determinação de objetivos ope-

racionais, de alternativas de solução e da seleção e implementação dessas alternativas. O processo de ensino-aprendizagem modifica o comportamento do estudante criando perplexidade, seja através de reação discordante, seja de aceitação confiante. Alguns estudantes chegam a rejeitar essa forma de trabalhar em educação. Contudo, percebe-se que de um nível de dependência alcançam os estudantes graus sensíveis de independência e, finalmente, alguns deles, níveis de maturidade intelectual e de interdependência.

* CHAGAS, Valmir-Parecer n.º 43-In.: *Integração científica dos currículos normais dos institutos de ensino*. Revista do INEP, n.º 87.

Vejamos, como exemplo, alguns depoimentos de estudantes no processo de desenvolvimento do trabalho. Lembraríamos que esses testemunhos (cada estudante organiza a sua documentação) dizem respeito ao ensino e pesquisa de 76 estudantes de pedagogia, subdivididos em 4 subgrupos. A experiência em pauta, iniciada em março de 1971, se encontra em desenvolvimento no decorrer do presente ano letivo. No primeiro semestre de 1971 o projeto se definiu pela seguinte abordagem, na disciplina Metodologia do Ensino do 1.º Grau: "Relações Interpessoais e a Aprendizagem".

No 2.º semestre de 1971: "Trabalham com crianças e pré-adolescentes"; e no 1.º semestre de 1972: "Modelo de Didática Operatória - projetos individuais de Prática de Ensino".

1.º PROJETO INTERPESSOAIS E APRENDIZAGEM

Depoimento do Estudante X-:

— O trabalho foi montado em termos do que conta cada um como pessoa. Vislumbrou-se uma caminhada de profissionalização, qual seja: "QUE TODOS SE TORNEM AQUILO QUE SÃO CAPAZES DE SER".

— Um documento da CARL ROGERS liberou o pensamento à determinação de objetivos e ao jogo de alternativas do projeto.

— O ESSENCIAL É QUE O SER HUMANO aprenda a aprender, liberando suas potencialidades.

INDAGAÇÃO - Estariam sendo praticadas as relações interpessoais em nossas escolas para facilitar a aprendizagem?

ETAPA PRÁTICA -

— Pesquisa de campo, observando o relacionamento entre professores e crianças e entre crianças e crianças nos Grupos Escolares da Capital do Estado do Paraná. A observação foi realizada em duas etapas: a primeira livre e espontânea e a segunda com auxílio de ficha de observação.

REFLEXÕES -

— À medida que os encontros se sucedem as coisas se tornam mais claras. Pouco a pouco fomos inferindo uma metodologia, chegando a tomar posições: Só aprendemos vivendo; aprendemos a elaborar um programa, elaborando; aprendemos o relacionamento, vivendo o relacionamento. Aprendemos metodologia aprendendo a aprender metodologia.

DIFICULDADES -

— Ao vivermos o novo processo em que cada grupo elaborava seus esquemas de ação, sentimos sempre a necessidade do facilitador de aprendizagem. As regras têm sido emergentes, nascidas da natureza dos estudos. Estamos tentando criar o sistema aberto de educação. A tarefa não é fácil.

NOVAS TÉCNICAS -

— Estamos aprendendo a registrar nossas leituras e estudos. Um técnico em documentação ofereceu várias alternativas: fichas de autor, de assunto, e de idéias;

tudo se organiza para que possamos nos expressar bem.

NOVAS OBSERVAÇÕES -

— Das observações do relacionamento em escolas comuns da comunidade, passamos à observação em Escola Experimental. As diferenças foram grandes. Em termos metodológicos as crianças da Escola Experimental são atendidas individualmente; não há aula expositiva, mas, sim a utilização de fichas de aprendizado da qual a criança toma parte ativa e criadora. A criança conta como pessoa e participa ativamente de todas as atividades, vivendo um clima agradável de liberdade construtiva, propício à aprendizagem.

COMO TRABALHAMOS NO LABORATÓRIO -

— Trabalhamos no laboratório, em grupos grandes (painéis), pequenos grupos e individualmente. O ambiente é propício à forma de trabalho.

AVALIAÇÃO -

— A avaliação é contínua e cumulativa. Ressalte-se uma etapa do projeto em que a avaliação se deu em termos da dinâmica de integração dos grupos. A tarefa se resumiu no seguinte:

Em situação de saída intermediária.

Cada estudante colocaria em pauta:

1. objetivos da educação (pelo menos três);
2. elementos básicos da aprendizagem (idem);
3. qualidades do Professor (idem);
4. um fato significativo da vida escolar de cada um.

No decorrer desse trabalho os grupos tiveram a oportunidade de inferir da experiência um instrumento de avaliação (sua montagem e execução) e ainda tomar consciência do seu próprio crescimento. No ato da avaliação emergiu uma série de fatos que propiciaram a realimentação do processo, novas expectativas e crescimento do grupo.

— O processo vivido no Laboratório leva à solidariedade, à criatividade promovendo busca, participação, indagação e reflexão. A leitura se constitui em instrumental básico no processo. Estudos so-

bre a criança em termos de aprendizagem ocupam lugar de destaque no Laboratório, além de estudos independentes.

Procuramos finalmente montar um modelo de Escola de Primeiro Grau, emergência das indagações, hipóteses, dúvidas e objetivos a serem alcançados em curto, médio e longo prazo.

— Sentimos, através das atividades desenvolvidas e dos saltos qualitativos que conseguimos dar, que ainda estávamos carentes em termos de profissionalização.

— O tradicionalismo é um desafio ao processo.

— Correlacionar a área de estudos de Metodologia do Ensino do 1.º Grau às demais áreas do conhecimento humano tem sido uma das metas em termos de educação permanente.

— Para mim, assistir na Reitoria da Universidade Federal do Paraná à orquestra sinfônica de UTAH entrou no acervo de meu aperfeiçoamento.

Depoimento do estudante Y:-
PROJETO — TRABALHANDO COM CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES - 2.º semestre de 1971 — (Metodologia de Ensino do 1.º Grau)

Com entusiasmo voltamos às atividades estudantis no 2.º semestre. Como perspectiva visamos: atitude científica no trabalho, fundamentação psicológica e metodológica, aumento de cultura geral, enriquecimento de experiências, profissionalização. O projeto elaborado em grupos tomou a seguinte dimensão:
TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DO 1.º GRAU — CURSO DE PEDAGOGIA — 2.º semestre de 1971

Coordenadores do grupo: A₂ - Prof.a ENY CALDEIRA
A₁ - Celina Campos
B₂ - Rosélia Gadens
B₁ - Hercília de Moraes Sarmiento

P R O G R A M A
Temática: "COMO TRABALHAR COM CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES"

1 — Objetivos operacionais:

1.1. Hábitos e habilidades de:
— leitura e expressão;
— utilização e técnicas de trabalho.

1.2. Atitude científica:
— indagar;
— levantar e testar hipóteses;
— correlacionar (considerar a interdependência dos fatos);
— analisar;
— sintetizar;
— jogar com alternativas (inventiva);
— utilizar criativamente experiências anteriores ao incorporar novas generalidades.

1.3. Relações interpessoais:
— respeitar e aceitar o outro;
— cooperar no trabalho, no estudo, no lazer.

2 — Instrumentação:

2.1. Estudo dirigido e dinâmica de grupo relativamente:
— às operações "concretas" do pensamento e às relações interindividuais;
— ao pré-adolescente e às operações proposicionais.

2.2. Experiências metodológicas em torno da problemática:
— como a criança e o pré-adolescente aprendem matemática, linguagem e estudo do meio.

Os documentos básicos de leitura foram:

1. Não se trata de ministrar ciência feita mas sim de ensinar uma maneira de pensar — Matemática Moderna, Matemática Viva — André Revuz (cap. III, o futuro, págs. 57 a 70).

2. Conjuntas, números e potências (Dienes-Golding — primeiros passos em matemáticas).

Em seguida mergulhamos no estudo da matemática (teoria de conjuntos) iniciação ao estudo do 1.º Grau.

Realização de experiências com Blocos Lógicos de Dienes, buscando instrumentar: 1) descoberta de atributos; 2) desenvolvimento da criança em termos de percepção visual, memória, atenção, raciocínio, disciplina, agilidade mental e fixação de conceitos.

Em termos de transferência de idéias trabalhamos com crianças e pré-adolescentes do nosso trabalho: determinação de objetivos operacionais, desenvolvimento de atitudes, relações interpessoais e a instrumentação através dos Blocos Lógicos de Dienes. A experiência de meu grupo se centrou em crianças de 6 a 8 anos. Assistimos também à experiência realizada com os demais grupos no Laboratório. Concomitantemente fizemos correlação com as demais áreas do conhecimento através de um ciclo de mini reportagem — divulgação de grandes livros da humanidade colocando a metodologia no eixo cultural propriamente dito.

— A última etapa do projeto contou com uma experiência no campo da linguagem.

A fundamentação constou da leitura do Raciocínio da Criança de Jean Piaget e do Currículo Moderno de Fleming.

Fizemos uma pesquisa de campo — colete de cadernos de redação de crianças das terceiras, quartas e quintas séries. Nosso grupo (7 colegas) analisou 45 redações, sendo 15 da terceira série primária, 15 da quarta e 15 da quinta série.

Nas redações do terceiro ano constatamos ausência do "porque" e de outras conjunções e falta de seqüência lógica, da criatividade e ainda pobreza de vocabulário;

No quarto ano, constatamos — o uso do "porque" causal, facilidade de expressão, criatividade; no 5.º ano, bom vocabulário, seqüência lógica. Das observações feitas e análise das redações, levantamos a hipótese:

— Padrões de correção usados pelos professores do ensino do 1.º Grau estão impedindo a expressão espontânea da criança. Esta hipótese será testada em 1972.

Testemunho do estudante Z:- PROJETO — DIDÁTICA OPERATÓRIA — PROJETOS INDIVIDUAIS DE PRÁTICA DE ENSINO

No ano anterior encontramos neste Laboratório um clima de aprendizagem diferente do que comumente existe.

— Vivemos num ambiente de permanente desafio. O programa desenvolvido nos colocou em atitude de contínua indagação. Isto significaria que o nosso laboratório se tem preocupado em implantar a "dúvida metódica" levando-nos à pesquisa, à auto-aprendizagem e à modificação de posições. Vivemos em ambiente experimental de criatividade e cooperação.

Ressalte-se o valor do método científico que proporciona condições de analisar, refletir, criar, recriar, correlacionar, levantar e testar hipóteses, generalizar, sintetizar, etc.

Inicialmente criamos modelos de relacionamento, fruto do estudo em semestres anteriores, para que fossem testados na comunidade. Foram diversos os modelos e as oportunidades de convivência na comunidade escolar de Curitiba.

Em seguida, utilizamos a metodologia de Análise de Sistemas para montar o programa. O diagrama de fluxo de trabalho em seus passos lógicos, foi elaborado em cada grupo com a participação de todos os estudantes. A primeira abordagem compreendeu a definição do problema, necessidades, determinação de objetivos, alternativas de soluções e seleção de alternativas.

A segunda abordagem qual seja a da implementação das alternativas com vistas aos objetivos, os passos de desenvolvimento e exsumo (produto) se constitui em tarefa individual do estudante.

Conviria lembrar algumas alternativas escolhidas pelo meu grupo — pesquisa e experimento em linguagem, estágio em planejamento curricular (Lei 5692) em primeiras, segundas e quintas séries primárias, classes Laboratório, contrato de trabalho.

Os projetos individuais terão a duração mínima de 40 horas.

Uma experiência em desenvolvimento de habilidade de leitura

Mariléa Grein

Este trabalho foi uma das atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Aprendizagem do Instituto de Educação do Paraná, durante o ano de 1979.

Após a realização das avaliações do 1.º e 2.º bimestres, apresentavam-se, nas três classes de 2.ª séries do 1.º grau, 23 alunos que não vinham demonstrando rendimento satisfatório na leitura oral e na escrita.

As principais dificuldades se concentravam na pronúncia de encontros consonantais e na escrita dos mesmos.

Para um melhor atendimento desses alunos, se fez necessária a organização de uma classe especial, de forma que a referida clientela não perdesse o ritmo da classe que freqüentavam normalmente.

Nestas condições os alunos do período da manhã foram convocados para um horário à tarde, e os alunos do período da tarde foram retirados da classe normal, em determinados horários, de tal forma que não fossem prejudicados no trabalho escolar.

O atendimento foi feito por alunas da 3.ª série do Curso de Habilitação ao Magistério.

Os alunos, após levantamento das dificuldades, foram agrupados em três pequenos grupos. Aqueles que apresentavam maiores dificuldades, isto é, não liam; os que liam com muita dificuldade; e, ainda, aqueles que liam sem conseguir escrever as palavras, em atividades que não envolvessem cópia.

Como recurso didático, foi utilizado o livro de leitura: Estudo Dirigido de Português, 1.ª série - primeiro grau, de Reinaldo Mathias Ferreira. O restante do material foi todo confeccionado pelas professorandas.

Além dos exercícios de leitura, escrita, cópia, ditado, redação, expressão oral, mereceram inclusão no planejamento atividades psico-motoras, exercícios corporais, música e canto.

As professorandas receberam um treinamento inicial, fazendo um estudo específico de problemas de dislalia, dilexia, disgrafia, analisando métodos de alfabetização e o modo como se processa o desenvolvimento da leitura na escola.

Foi feita uma análise dos objetivos de Comunicação e Expressão, de 1.ª a 4.ª sé-

ries, dentro das diretrizes curriculares da Secretaria de Educação do Paraná.

Foram propostas duas sessões semanais de 01 (uma) hora e 30 minutos cada.

De início enfrentamos alguns problemas, pois os pais queriam que os filhos recebessem reforço naquilo que estavam aprendendo em sala de aula, e realizassem tarefas de casa sob a orientação das professorandas. Porém este não era o nosso objetivo, pois sabíamos que as dificuldades dos alunos estavam implícitas em outros fatores, e que a professora de classe não poderia ensiná-las dentro da classe.

Em entrevistas individuais com esses pais, os mesmos foram conscientizados das dificuldades de seus filhos e do que pretendíamos alcançar com esse trabalho.

Para constatar o progresso desses alunos, foram tomadas como ponto de apoio as notas que eles tiraram em Comunicação e Expressão no 1.º semestre e a nota alcançada no 2.º bimestre, posterior portanto ao trabalho realizado.

No quadro abaixo poder-se-á ter uma visão mais clara do aproveitamento dos alunos.

turma	número de alunos	melhor rend.	mesmo rend.	menor rend.
2.ª A	10	6	3	1
2.ª B	7	6	1	0
2.ª C	6	5	0	1
Total	23	17	4	2

Nos alunos em que foram constatados outros problemas interferindo na aprendizagem e que estavam fora da nossa competência, houve encaminhamento para o serviço de Orientação Educativa, com a finalidade de receberem um tratamento adequado.

Um dos alunos apresentava um QI muito abaixo da média e estava muito além da faixa etária para a classe, isto é, 11 anos para 2.ª série. Outro aluno, através de exames de eletroencefalograma, apresentou distúrbios que necessitam de um tratamento médico.

Constatados os resultados alcançados, neste ano letivo, procuramos averiguar se havia problemas semelhantes em alunos de 2.ª série e no presente momento estamos trabalhando com 12 alunos, seguindo o mesmo roteiro metodológico traçado no ano anterior.

O Paraná e sua formação histórica

Marisa Correia de Oliveira

I — Evolução Política

Na formação do Paraná temos a considerar três fatores que marcaram os seus primórdios: as incursões para oeste, a fundação de Paranaguá e o povoamento dos campos de Curitiba.

Quando D. João III dividiu o litoral brasileiro em Capitânicas Hereditárias, o litoral paranaense ficou pertencendo a dois donatários: Martim Afonso de Souza e Pedro Lopes de Souza, a quem couberam respectivamente as capitânicas de São Vicente e Sant'Ana. Estas capitânicas eram limitadas a oeste pela linha de Tordesilhas.

Como a conjuntura colonial vivia em função da produção açucareira nordestina, a população da região sul, muito pobre, tentava se integrar na referida conjuntura preando índios para vender como mão-de-obra, ou penetrando os sertões em busca de ouro, conforme a vigente teoria mercantilista.

Em pleno século XVI, o nosso litoral era, portanto, percorrido por indivíduos isoladamente e por bandeiras pradoras de índios carijós. Um dos participantes destas bandeiras, Diogo de Unhate, requereu e obteve, em 1614, uma sesmaria em terras paranaenses, na região de Superagüi, situada ao norte da baía.

Esta região já era bastante freqüentada de 1554 por elementos vindos de São Vicente, Santos e de outros lugares, que matinhavam certo comércio com os índios.

O número de habitantes na região aumentou quando foi noticiada a descoberta de ouro na baía de Paranaguá, em meados do século XVII.

Estes fiscadores e mineradores, temerosos do grande número de índios carijós, e temendo alguma reação da parte dos aborígenes, estabeleceram-se primeiramente na ilha da Cotínga, onde estavam

mais seguros, levantando inclusive algumas habitações.

Este foi o primeiro núcleo de Paranaguá e Domingos Peneda foi o seu fundador.

Pacificando o relacionamento com os índios, os colonos posteriormente se estabeleceram às margens do rio Taquari, hoje, Itiberê, local até hoje ocupado pela cidade de Paranaguá.

O elemento de mais prestígio no povoado era Gabriel de Lara, que foi escolhido para Capitão-Mor, recebendo ordens em nome do rei de Portugal para realizar a elevação da localidade à categoria de vila. O pelourinho foi inaugurado em 1646 e a 26 de dezembro de 1648 foram realizadas as eleições para escolha das autoridades da vila, que deveriam compor a Câmara Municipal convocadas pelo próprio Gabriel de Lara.

O ouro foi o elemento motivador para o povoamento da região paranaense. Os bandeirantes encontraram o ouro que procuravam, na lavra dos ribeirões. Mas o ouro era pouco; não dava para construir grandes fortunas. Por esta razão, a busca continuou, ocasionando a fundação de outras vilas como Antonina e Morretes. Passaram a Serra do Mar, mais um vilarejo surgiu: Curitiba, estabelecendo um caminho de bandeiras até São Paulo, direto, sem cruzar a Serra ou chegar ao litoral. O ouro continuou escasso. As bandeiras se aprofundaram descendo a escada natural das serras e planaltos, até o penúltimo degrau, Guarapuava. Os campos auríferos não valeram nada. Os fiscadores foram aos poucos se transferindo para Minas Gerais, onde o ouro já era uma realidade.

* Fundação de Curitiba

Os fiscadores, que vieram do litoral paulista à procura do ouro no planalto curi-

tibano, foram devidamente organizados por Eleodoro Ébano Pereira, administrador das minas de ouro nos distritos do sul. Era, na época, a única autoridade, que representava o governo geral instalado no Rio de Janeiro.

Como representante do governo, era Eleodoro o coordenador da mineração na região, mas nunca foi o povoador; por isto é dúvida atribuir-lhe qualquer participação na fundação da vila de Curitiba.

Nos arraiais, à margem do rio Atuba, se estabeleceram os primeiros contingentes, que, após a desilusão do ouro, quando permaneciam, se dedicaram à lavoura e à pecuária. Outras famílias vieram juntar-se a este incipiente núcleo de população. Em meados do século XVII já residiam, às margens do rio Barigui, Baltazar Carrasco dos Reis e Mateus Leme.

Estes grupos portugueses ou mamelucos conviviam pacificamente com índios e escravos, que representavam a mão-de-obra de uma economia modestíssima. Nesta mesma época, um povoado se formou em torno da capela de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, no local onde se ergue hoje a Catedral Metropolitana, na Praça Tiradentes. Os líderes da pequena comunidade, entre eles Mateus Leme, solicitaram ao Capitão-Mór Gabriel de Lara a ereção de um pelourinho que simbolizava a situação da vila. Gabriel de Lara, achando justa a pretensão dos moradores, deferiu o pedido. Aos 04 de novembro de 1688 foi erigido o pelourinho, mas a categoria de vila do povoado de Curitiba não foi legalizada, pois Gabriel de Lara, por motivos não explicados, não convocou autoridades nem elegeu a Câmara Municipal, conforme previam as leis portuguesas.

A fundação definitiva da vila só aconteceu 25 anos depois de erigido o pelourinho.

Mateus Leme continuou a luta, sendo atendido pelo então Capitão-Mor Francisco da Silva Magalhães. Em 29 de março de 1693, de acordo com as leis vigentes, os "homens bons" da vila escolheram seus eleitores. Estes eleitores é que indicavam os componentes da Câmara Municipal (vereadores), os juizes ordinários, o procurador da Câmara e o escrivão.

O povoamento do oeste paranaense:

A ocupação do oeste do Paraná não serviu apenas para povoar e alargar o ter-

ritório, mas também provocou as primeiras reações de políticos paranaenses, no que tange ao ideal de sua emancipação.

Em meados do século XVIII, a Espanha, que nunca aceitou totalmente os termos do Tratado de Tordesilhas, apoderou-se da Colônia de Sacramento, invadindo o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O perigo de invasão à capitania de São Paulo, à qual pertencia a região dos curitibanos, era eminente em sua parte meridional. O governador da Capitania, o Morgado de Mateus, obedecendo ordens do Marquês de Pombal, ministro de D. José I, tinha planos já preparados em Portugal, para defender a Capitania da ameaça espanhola e ocupar os sertões existentes a oeste da linha de Tordesilhas.

O executante da política do Morgado de Mateus, em território paranaense, foi seu sobrinho Afonso Botelho. Sua missão no litoral era fortalecê-lo, prevenindo-se contra um provável ataque espanhol. Suas principais providências foram:

- a) Construir a Fortaleza da Barra de Paranaguá, na ilha do Mel;
- b) Fundar a vila de Guaratuba e de São José de Ararapira.

Os critérios de recrutamento para formação das bandeiras de Afonso Botelho, que pretendiam penetrar o interior até aos limites das terras américo-espanholas, provocaram protestos por parte das Câmaras Municipais de Paranaguá e Curitiba, que não estavam satisfeitas com a situação da região como 5.ª Comarca de São Paulo.

Independente deste aspecto, as bandeiras de Afonso Botelho foram de grande valia para o povoamento e alargamento do território paranaense, porque penetraram e desbravaram os sertões através da Lapa, Castro e Guarapuava.

Trajatória da Emancipação Política do Paraná

Devido ao desenvolvimento populacional de Paranaguá e Curitiba, em 1721 chega à região o ouvidor Pardinho, que estabelece, pelas suas provisões, normas para a vida regional.

A partir de 1723, a região passa a ser a 5.ª Comarca da Capitania de São Paulo, extinguindo a Capitania de Paranaguá que esteve em vigência de 1660 a 1710. A sede da Comarca era Paranaguá até 1812, quando foi transferida para Curitiba, cujo desenvolvimento econômico era mais acentuado que o do litoral.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, com seu Príncipe Regente D. João, houve a primeira manifestação efetiva no sentido de separar, da Capitania de São Paulo, a Comarca de Curitiba e Paranaguá (5.ª Comarca).

Em 1811 um memorial foi dirigido pela Câmara de Paranaguá ao Príncipe, pedindo que se dignasse a "olhar compadecido para esta Câmara, mandando-nos um Governador". Não houve atendimento objetivo ao pedido.

Em 1821, a 15 de julho, na oportunidade do juramento à Constituição portuguesa, houve um movimento que passou para a História com o nome de "Conjura Separatista", em que o sargento Floriano Bento Viana pediu que se nomeasse um governo separado de São Paulo. O despacho do juiz foi: "ainda não é tempo; com vagar se há de representar a S. Majestade". A isto retrucou o sargento: "O remédio logo se aplica ao mal quando este aparece e, portanto, não há ocasião melhor nem mais oportuna"

Depois disto várias representações foram feitas.

A partir de 1831, quando D. Pedro I abdicou, e o Brasil entrou no período regencial, eclodiram movimentos rebeldes em várias regiões brasileiras. Estes movimentos representavam as discórdias políticas, existentes entre os partidos liberais e os conservadores.

Com a revolução de Sorocaba em São Paulo e a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, o Paraná, geograficamente, estava situado entre dois movimentos contrários ao governo. Sabendo das insatisfações dos paranaenses e temendo uma adesão aos rebeldes, que faria com que todo o sul do Brasil mergulhasse na onda revolucionária, o governador da Província de São Paulo, o Barão de Monte Alegre, mandou sondar o ambiente da 5.ª Comarca.

O emissário foi João da Silva Machado, mais tarde Barão de Antonina, de quem o governador recebeu o compromisso de oportunamente tratar da separação. Esta abertura, para negociação, deveu-se não apenas à situação geográfica do Paraná entre dois focos revolucionários, mas também à existência de um batalhão mantido pelo coronel da Guarda Nacional, Manoel Francisco Correia Júnior, um dos líderes da emancipação política do Paraná.

Correia Júnior concordou em não aderir aos movimentos revolucionários, em troca

da promessa do envio do projeto de separação da Comarca à Câmara Nacional.

Entre os lutadores pelo ideal de emancipação destacava-se também a figura do Tropeiro Paula Gomes, que, em suas andanças pelo interior, propagava as idéias da separação.

O Barão de Monte Alegre cumpriu a promessa e, em 1843, o assunto foi levado à Câmara Nacional. O Visconde de Caravelas apresentou o projeto de criação da nova província que levaria o nome de Paraná.

Este projeto foi engavetado durante dois anos. Veio à tona, novamente, quando o Paraná se destacou definitivamente, no quadro das exportações brasileiras, como o mais importante produtor de erva-mate. Este foi um fator decisivo para que, em 1850, no Congresso Nacional, Carneiro Leão e Cruz Machado defendessem a almejada transformação da 5.ª Comarca de São Paulo em Província.

Finalmente, a 20 de agosto de 1853, foi aprovado o projeto da Lei que, a 29, subiu à sanção imperial, e a 19 de dezembro, desse ano, o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos instalou o governo da Província do Paraná.

II — ASPECTOS DA ECONOMIA PARANAENSE

O esquema mercantilista transformou o ouro no elemento motivador do povoamento do Paraná. Mas, posteriormente, quando foi verificada a sua escassez, além da falta de mão-de-obra qualificada, pois o índio não correspondia às necessidades, esta atividade foi abandonada.

Desde meados do século XVIII, quando o ouro de Minas Gerais era uma realidade, de mais fácil exploração, a região passou a viver inteiramente de sua agricultura de subsistência e da criação de gado, que chegou a ser exportado para outros Estados, graças às ricas pastagens e ao solo fértil.

O que muito contribuiu para isso e para o avanço da região nessa época foi a abertura da estrada de Viamão que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo (feira de Sorocaba), passando por terras de Curitiba. No século XIX, as terras do sul foram ocupadas por fazendeiros de gado e comerciantes, que exportavam mueres para São Paulo, na época em que esse Estado necessitava deste transporte para o café.

Entre outros produtos da economia paranaense destacam-se: a erva-mate, que

criou uma nova classe social, a dos industriais e comerciantes deste produto, que partilhavam o poder com os fazendeiros; e a madeira do pinho, cuja extração até hoje ocupa o primeiro lugar entre os Estados Brasileiros.

Erva-Mate

Foi durante o século XIX que começou efetivamente a importância da erva-mate como esteio econômico do Paraná, conforme os padrões característicos da política colonial de exportação de um só produto de grande aceitação no mercado exterior. Com a retração do Paraguai no mercado platino, o Brasil, através do Paraná, assume a liderança e abastece os principais consumidores: Argentina, Uruguai e Chile. Os grandes índices da exportação paranaense contribuíram para a vitória da luta política pela emancipação política do Paraná, como já foi relatado.

A existência de ervais nativos, envolvendo extensas regiões do Paraná, atraiu inúmeras pessoas, inclusive contingentes imigratórios que se estabeleceram no sul e oeste do Estado e aproveitaram os momentos positivos da referida economia, que perduraram até as primeiras décadas do século atual. A crise ervateira, decorrente da diminuição da exportação para a Argentina, além das técnicas primitivas tanto de corte como de beneficiamento, acarretou a decadência de várias cidades do sul do Paraná. Porém, o nível de renda do Estado não foi atingido porque simultaneamente desabrochava o café, no Norte do Paraná, em condições muito mais favoráveis no que tange ao mercado internacional.

ECONOMIA CAFEIEIRA

Desde 1801, o café é encontrado na lista dos produtos exportados pelo Paraná. Era, no entanto, o café do litoral paranaense, produzido em maior expressão econômica.

As plantações de café começam a aparecer em outros pontos do Estado, como resultado de três fatores favoráveis: em primeiro lugar a existência de terras roxas, ligadas à presença do clima favorável a esse tipo de cultura; outro fator foi que o café paranaense, ao contrário do café de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, não sofria o regime de quotas. No decorrer de um século o café se estendeu predominantemente em todo o Norte do Paraná, em três zonas sucessivas: o Norte Velho (desde a divisa nordeste com São Paulo até Cornélio Pro-

cópio), o Norte Novo (desde Cornélio Pro-cópio) Londrina, prolongando-se até o Rio Ivaí) e o Norte Novíssimo (entre os rios Ivaí e Piquiri).

A produção cafeeira paranaense, até 1924, era exportada pelo porto de Santos. A partir desta data passa a ser embarcada pelo Porto de Paranaguá, compensando na economia do Estado o decréscimo da exportação da erva-mate.

Pouco a pouco, com o crescer da produção com a melhoria das vias de comunicação, com o melhor aparelhamento do porto, foi também ganhando expressão a exportação de café por Paranaguá, que alcança não somente a quase totalidade da produção paranaense, mas também a posição de maior porto mundial do café.

* Em 1960, o Paraná é o maior produtor de café do Brasil, com a metade da produção brasileira, e quase um terço da produção mundial. Entretanto, seu café não alcança colocação no mercado internacional, pois não é de qualidade boa, uma vez que é oriundo de lavouras pouco equipadas. O Brasil torna-se detentor dos maiores excedentes acumulados de café. Isso fez com que o governo adotasse uma política econômica de erradicação dos cafeeiros cansados, improdutivos ou localizados em áreas impróprias para o cultivo, e sua substituição por pastagens, ou a diversificação agrícola, com culturas de subsistência, sobretudo o milho, o feijão e o arroz, além de outras com possibilidades de dilatação de mercado como a cana de açúcar, amendoim e o algodão.

OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS:

Pecuária (Palmas, Guarapuava, Ponta Grossa, Castro), indústria extrativa (pinho, mate, xisto, enxofre, mármore, ferro, etc.), indústrias de transformações (fósforo, papel, móveis, calçados e laticínios).

IMPORTÂNCIA DA IMIGRAÇÃO NA ECONOMIA PARANAENSE:

A política imigratória no Brasil, iniciada em 1808, manifesta-se motivada pela preocupação com os vazios demográficos:

Aos poucos foram se estabelecendo alemães em Ilhéus e Friburgo, onde também se localizaram os suíços.

Após a Independência esta política foi reativada, em virtude dos movimentos abolicionistas e das pressões internacionais.

Surgem, portanto, a partir de 1824, várias colônias alemãs no sul do País. No período entre fins do século XIX até

a primeira Guerra Mundial (1918), os contingentes imigratórios foram crescendo expressivamente destacando-se não apenas alemães, mas italianos, poloneses, franceses, ucranios e japoneses.

A primeira colônia estabelecida no Paraná foi de alemães na região de Castro.

Posteriormente surgiram franceses e suíços, às margens do rio Ivaí e Guaraqueçaba, respectivamente. Os primeiros núcleos de italianos, denominados Colônia Nova Itália, estavam localizados na região litorânea como Alexandra, Morretes e Antonina.

Mais tarde se entenderam nos arredores de Curitiba, salientando-se Santa Felicidade.

Os russos, poloneses e ucranios, atendendo à programação especial do governo, se estabeleceram nas colônias do sul do Estado, em regiões de extração da erva-mate e madeira. Como grupo minoritário de imigração cita-se o sírio-libanês, que constitui uma imigração tipicamente urbana, dedicada ao comércio.

Após a 2.ª Guerra Mundial, o Paraná recebeu ainda contingentes de japoneses, holandeses, coreanos e russos brancos.

Ao contrário de outras regiões brasileiras, onde a imigração destinava-se a suprir a carência de mão-de-obra na grande lavcura de exportação, no Paraná, a não ser a eventual introdução de trabalhadores para as obras públicas, sobretudo construção de estradas, o problema imigratório foi desde logo colocado no sentido de criar-se uma agricultura de abastecimento.

III — CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DO PARANÁ

Depois os primeiros povoadores da faixa litorânea até o final do século XIX, em que se completou a expansão fazendeira sobre a totalidade dos campos do Paraná, a sociedade apresentou a mesma estrutura que caracterizou toda a formação brasileira, marcada por uma rígida estratificação dominada pela relação senhor-escravo. Nem o objeto da exploração econômica, nem o ambiente geográfico, nem fator qualquer afetou a estrutura tradicional, até o final do século XIX.

Toda a estrutura social e econômica se compunha tendo como centro a classe senhorial. Em grande parte, os fazendeiros dos Campos Gerais eram descendentes da primeira geração de portugueses vindos para o Brasil, durante a grande imigração

peninsular do século XVIII. Imigrantes que primeiro se estabeleceram como comerciantes nas vilas, como militares no tempo das guerras platinas e que, depois pelo casamento nas antigas famílias, ou pela aquisição de terras com o capital conseguido no comércio de tropas, se estabeleceram como fazendeiros.

No estilo patriarcal, na economia quase auto-suficiente das fazendas, os serviços eram feitos por escravos negros e indígenas. Neste grupo social da fazenda existia uma camada intermediária que era denominada de "agregados". Eram juridicamente livres, exercendo funções de feitores, capatazes, capangas, compadres e outros tipos de serviços.

Com a abolição, esta camada social adquiriram novas funções. Os escravos abandonaram, em massa, as fazendas e foram para as cidades. Os agregados, também chamados camaradas, os substituíram e a relação social passou a ser de patrão-camarada.

Ao tripé étnico fundamental: índio, português e negro, vieram somar-se novos elementos étnicos, principalmente europeus, na composição do quadro social-demográfico do Paraná. Os contingentes de imigrantes de origem e procedência heterogêneas imprimiram no setor sócio-econômico inovações técnicas e, no sentido populacional, um verdadeiro laboratório étnico-cultural, no qual representados estão povos e culturas os mais diversos.

Este documento foi baseado nas seguintes publicações:

- 1 — BALHANA, Altiva et alii. **História do Paraná**. Curitiba, Grafipar, 1969.
- 2 — HOLLANDA, Sérgio Buarque. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- 3 — MAURO, Frédéric. **História do Brasil**. São Paulo, Difel, 1974.
- 4 — OLIVEIRA, Marisa Correia de. **Estudo da erva-mate no Paraná: 1959-1967**. Curitiba, 1974.
- 5 — **Paraná, símbolo de progresso**. IN: Revista "O Cruzeiro", 1969. Geografia Ilustrada - Brasil: Paraná - São Paulo, Ed. Abril, 1971.
- 6 — PRADO, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1961.
- 7 — WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina, 1967.

Comunicados Educacionais do IEP

Projeto de Pesquisa

1. — **PROJETO DE PESQUISA**
TÍTULO: AVALIANDO CURRÍCULO EM ALGUNS ASPECTOS.
2. — **IDENTIFICAÇÃO:**
Estabelecimento de Ensino:
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ
Responsáveis:
EQUIPE DE SERVIÇO DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR, SOB A CHEFIA DE LEONOR GRASSI.
ASSUNTO: produto resultante do processo ensino-aprendizagem, referente a alunos que concluíram 8.a série em 1977.
DURAÇÃO: 4 meses
3. — **DIAGNÓSTICO DA REALIDADE:**
Levantamento das hipóteses:
 - 3.1. — O currículo de 1.º Grau do IEP não corresponde às necessidades da clientela para enfrentar as exigências da comunidade.
 - 3.2. — O currículo de 1.º Grau do IEP corresponde às necessidades da clientela para enfrentar as exigências da comunidade.
 - 3.3. — A opção de nossos alunos da 8.a série, para darem continuidade aos estudos, é para o Curso de Magistério.
 - 3.4. — A opção de nossos alunos da 8.a série, para darem continuidade aos estudos, é para outros cursos.
4. — **JUSTIFICATIVA:** Este projeto visa verificar a atuação de nossos alunos na comunidade, investigando se a formação proporcionada pelo INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ está correspondendo às exigências da vida, implicando na realimentação do plano curricular.
5. — **OBJETIVOS:**
 - 5.1. — **GERAL:** Acompanhamento do Aluno Egresso.
 - 5.2. — **ESPECÍFICOS:**
 - 5.2.1. — Investigar o aproveitamento escolar, referente ao 1.º bimestre, os alunos do IEP que ingressaram em cursos de 2.º Grau, sem exigência de teste de seleção;
 - 5.2.2. — analisar os resultados de testes de seleção, realizados por algumas escolas da Capital, para verificar a posição dos alunos oriundos do IEP;
 - 5.2.3. — Verificar a opção dos alunos do IEP em relação a estabelecimentos de ensino do 2.º Grau;
 - 5.2.4. — Comparar conteúdos programáticos do IEP, frente aos demais estabelecimentos de ensino visitados.
6. — **RECURSOS:**
 - 6.1. — professoras que atuam no Serviço de Avaliação do Rendimento Escolar do Instituto de Educação do Paraná;
 - 6.2. — apoio administrativo dos diretores e secretários dos seguintes estabelecimentos de ensino:
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ,
ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO PARANÁ,
COLÉGIO POSITIVO,
COLÉGIO DOM BOSCO,
COLÉGIO CAMÕES,
COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ.
 - 6.3. — material de consumo
 - 6.4. — Biblioteca Pública do Paraná.
 - 6.5. — verba para locomoção e xerox.
7. — **ESTRATÉGIAS:**
 - 7.1. — visitas;
 - 7.2. — entrevistas;
 - 7.3. — consulta, na Biblioteca Pública do Paraná, a respeito de publicações, em jornais, de resultados de teste de seleção;
 - 7.4. — pesquisa na comunidade.

8. — CRONOGRAMA

ATIVIDADES		1978					
N.º	ESPECIFICAÇÕES:	Ano		Junho	Julho	Agosto	Setembro
		Meses					
1	expedir ofícios através da Direção Geral do Instituto de Educação do Paraná, para diretores dos seguintes estabelecimentos de ensino: Colégio Dom Bosco, Colégio Estadual do Paraná, Colégio Positivo, Escola Técnica Federal do Paraná e Colégio Camões;			X			
2	organizar relação nominal dos alunos aprovados na 8.ª série, em 1977, do Instituto de Educação do Paraná;			X			
3	localizar e relacionar, dentre as 375 alunas matriculadas no Curso de Magistério do IEP, as procedentes do Curso Fundamental do mesmo estabelecimento de ensino;			X			
4	visitar os estabelecimentos de ensino citados acima;			X	X	X	
5	entrevistar diretores e secretários dos referidos estabelecimento de ensino;			X	X	X	
6	coletar dados nos estabelecimentos de ensino visitados;			X	X	X	
7	apurar dados coletados; reunir os dados em dois grupos: a) alunos que ingressaram no 2.º Grau sem exigência de testes de seleção; b) alunos submetidos a testes de seleção para ingressarem no 2.º Grau;				X	X	
	localizar os alunos do IEP, em cada um dos grupos relacionados;				X	X	
	tabular o número de alunos do IEP encontrados em cada um dos grupos relacionados;						X
10	representar graficamente a opção dos alunos do IEP, em relação a estabelecimentos de ensino de 2.º Grau;						X
11	comparar conteúdos programáticos;						X
12	analisar resultados obtidos;						X
13	conclusões gerais;						X

EXECUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa visou verificar qual a atuação, na comunidade, dos alunos do Instituto de Educação do Paraná que concluíram o Curso Fundamental em 1977. Para que o resultado fosse o mais preciso possível, procuramos localizar, com grande empenho, o maior número de alunos aprovados.

O total de alunos, inscritos em 1978, para ingressar no 2.º Grau nos seguintes estabelecimentos de ensino: Colégio Camões, Colégio Dom Bosco, Colégio Estadual do Paraná, Colégio Positivo, Escola Técnica Federal do Paraná e Instituto de Educação do Paraná foi de 8.457. De posse dessa relação, foi realizado o trabalho

de identificar quais os alunos oriundos do IEP; foram localizados 87%.

Desses alunos, 22% optaram para o Curso de Magistério e os demais para outros cursos.

EXPOSIÇÃO DE RESULTADOS

1 — Aproveitamento escolar, referente ao 1.º bimestre do ano de 1978, dos alunos que concluíram o 1.º Grau no Instituto de Educação do Paraná em 1977. Estes alunos não se submeteram a testes de seleção para ingresso no 2.º Grau e estão matriculados nos seguintes estabelecimentos de ensino: Colégio Camões, Colégio Positivo e Instituto de Educação do Paraná.

Aproveitamento Areas	Satisfatório	Insuficiente
Comunicação e Expressão	55%	45%
Ciências	33%	67%
Estudos Sociais	74%	26%

2 — Situação dos alunos oriundos do Instituto de Educação do Paraná, submetidos a testes de seleção efetuados pelos seguintes estabelecimentos de ensino:

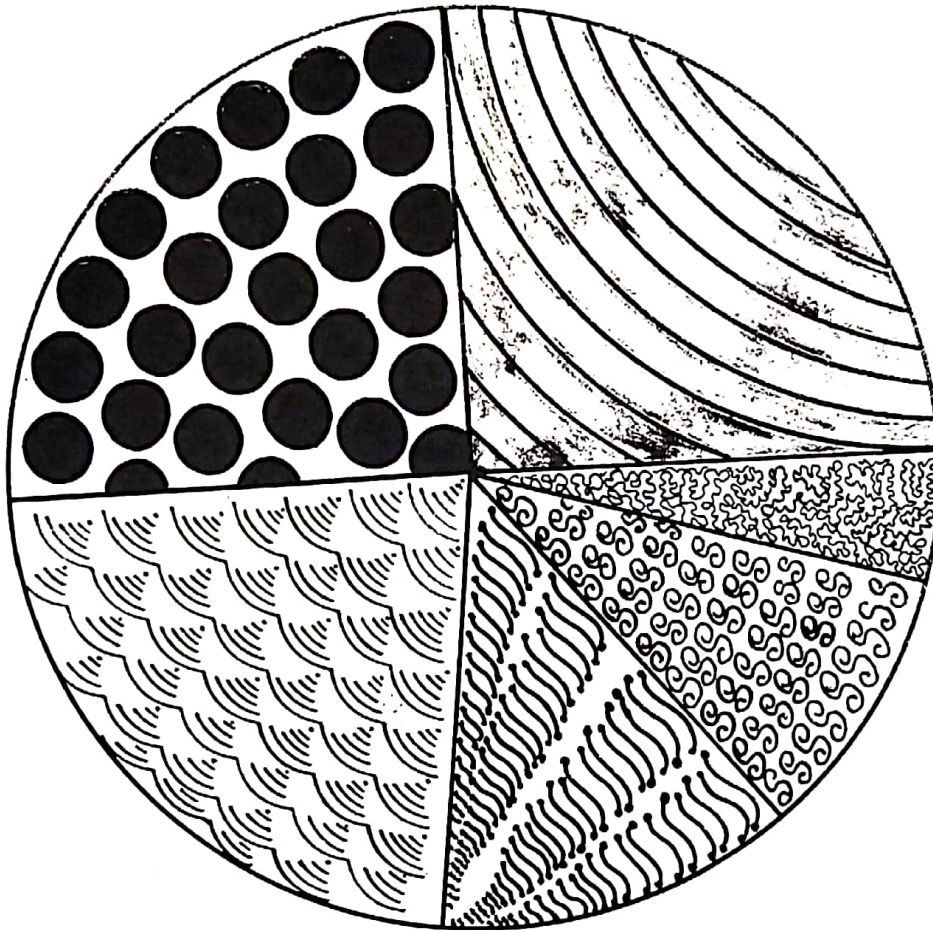
no: Colégio Dom Bosco, Colégio Estadual do Paraná e Escola Técnica Federal do Paraná.

Classificação Colégios	Classificados	Não Classificados
Colégio Dom Bosco	24%	76%
Colégio Estadual do Paraná	43%	57%
Escola Técnica Federal do Paraná	46%	54%

3 — Representação gráfica

3 — Estabelecimentos de Ensino de 2.º Grau escolhidos por 87% dos alunos que

concluíram o Curso Fundamental, em 1977, no Instituto de Educação do Paraná,



Escola Técnica Federal do Paraná



Instituto de Educação do Paraná



Colégio Estadual do Paraná



Colégio Positivo



Colégio Dom Bosco



Colégio Camões



4 — Comparação de conteúdos programáticos

Reunindo os conteúdos programáticos fornecidos pelos estabelecimentos de ensino visitados e que adotam teste de seleção, resultou:

PORTUGUÊS

Redação. Interpretação de Texto. Domínio da Língua (gramática aplicada). Ortografia. Gênero, Número e Grau de substantivos. Verbos regulares e irregulares, anômalos e defectivos. Tratamento para pronomes, verbo, especialmente o Imperativo. Sintaxe de Concordância nominal verbal. Colocação de pronomes átonos (próclise, ênclise e mesóclise). Escrita dos numerais.

MATEMÁTICA

Operações fundamentais com números inteiros. Operações com números fracionários e decimais. Cálculo das expressões envolvendo potenciação e radiciação. Múltiplos e divisores de um número. Critérios de divisibilidade. Números primos. Fatoração. Divisores de um número. Máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum de dois ou mais números. Sistema métrico decimal de medidas. Unidade de comprimento, de superfície, de volume, de capacidade e de massa. Medidas agrárias.

Números irracionais. Extração da raiz quadrada de números inteiros, fracionários e decimais. O expoente fracionário. Operações com radicais. Racionalização de frações. Razões e proporções. Números proporcionais. Regra de três simples e composta. Porcentagem. Operações com números relativos. Expressões algébricas.

Produtos notáveis. Fatoração e simplificação algébrica. M.D.C. e M.M.C de expressões algébricas. Frações algébricas: operações. Potenciação de frações. Expoente negativo. Equações de 1.º e 2.º graus. Sistemas de equações do 1.º grau com duas variáveis. Resolução de Sistemas do 2.º grau com duas incógnitas. Equações biquadradas. Equações irracionais. Conceitos primitivos e principais proposições geométricas. Distinção entre postulado e teorema. Polígonos convexos. Cálculo das diagonais de um polígono. Triângulos. Ca-

sos clássicos de congruência de triângulos. Propriedades dos triângulos isósceles. Ângulos internos e externos de um triângulo. Lei angular de Tales. Polígonos regulares. Soma dos ângulos internos e externos de um polígono. Paralelismo de retas. Postulado de Euclides. Ângulos formados por duas retas paralelas e uma transversal. Razão entre medidas de segmentos. Segmento áureo. Feixe de paralela. Teorema de Tales. Semelhança de triângulos. Perímetros e áreas do triângulo, do paralelogramo, do retângulo, do quadrado, do losango, do trapézio e do hexágono regular. Comprimento da circunferência.

Áreas do círculo, do setor circular do segmento circular. Semelhança de polígonos. O triângulo retângulo. Teorema de Pitágoras. Relações métricas do triângulo. Relações métricas do círculo. Cálculo do lado e apótema do triângulo equilátero, do quadrado e do hexágono em função do raio do círculo circunscrito.

CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS

Estudo sucinto do ar atmosférico. Ar comprimido. Ar rarefeito. Barômetro. Composição química do ar atmosférico. Peso do ar (problemas). Estudo sucinto da água. Princípio de Arquimedes e suas aplicações. Princípio de Pascal e suas aplicações. Vasos comunicantes e suas aplicações. Solo. Citologia. Noções de Botânica. Noções de Zoologia. Corpo Humano. Programa de Saúde. Matéria: a) Propriedades; b) Estados Físicos; c) Mudanças de Estado; d) Mistura e Combinações. Átomo. Molécula. Elementos Químicos - símbolos. Valências e fórmulas químicas. Fenômenos Físicos e Químicos. Reações Químicas. Funções Químicas. Eletricidade. Magnetismo. Movimento (problemas). Força (problemas). Equilíbrio. Máquinas simples (problemas). Alavancas. Acústica. Termologia. Ótica.

DESENHO

Paralelas. Perpendiculares. Divisão de segmentos retilíneos. Operações com ângulos (soma, subtração, multiplicação e divisão). Triângulos. Quadriláteros. Círculo e circunferência. Polígonos. Divisão da circunferência em partes iguais. Polígonos inscritos e circunscritos. Estudo dos sólidos prismáticos, piramidais e corpos redondos (cilindro, cone e esfera). Proble-

mas sobre tangência (circunferências e retas). Ovais regulares e irregulares. Segmentos proporcionais. Áreas equivalentes. Noções sobre escala. Noções sobre cores (primárias e secundárias). Desenho em esboço. Retificação da circunferência. Divisão do ângulo reto em partes iguais.

ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Examinando o quadro 1, verificamos que o aproveitamento escolar, em relação à área de Ciências, não foi satisfatório.

No quadro 2, notamos que o número de alunos do IEP classificados, após serem submetidos a testes de seleção, foi regular, pois a média de alunos classificados referente ao total dos que foram submetidos a testes de seleção, nos estabelecimentos de ensino entrevistados, foi de 60%.

Através do gráfico, observamos que a maior opção dos alunos do IEP foi para os Cursos oferecidos pela Escola Técnica Federal do Paraná e para o Curso de Magistério do Instituto de Educação do Pa-

raná. Em seguida, a escolha foi para os cursos do Colégio Estadual do Paraná.

Após comparar o conteúdo programático do Instituto de Educação do Paraná com os demais acima registrados, com exceção da exigência do programa de Desenho, os assuntos contidos nos demais programas fazem parte do Conteúdo Programático do IEP elaborado para o Curso Fundamental.

Desenho não consta da grade curricular do IEP, entretanto alguns assuntos contidos no programa de Desenho, exigidos pela Escola Técnica Federal do Paraná, estão relacionados no programa de Matemática.

CONCLUSÕES GERAIS

Analisando os resultados desta pesquisa, verificamos que os alunos do IEP precisam de maior atendimento no que se refere à área de Ciências.

Outra providência necessária é a inclusão de programas de Desenho na grade curricular do Curso Fundamental.

Comunicados Especiais

Jerome Bruner

Transcrito de SUGESTÕES DE DIRETRIZES CURRICULARES para os Cursos de Habilitação ao Magistério — 2.º Grau
CETEPAR — Dezembro de 1975

Aglair de Almeida Hornos

Em seu livro "O Processo da Educação", Jerome Bruner mostra-se fortemente preocupado com a formação da mentalidade científica, induzindo uma participação ativada do aprendiz no processo da aprendizagem, dando ênfase à aprendizagem por descoberta.

Preconiza um ensino capaz de levar o indivíduo a agir eficientemente, diante das novas situações da vida. Ele acredita que as situações ambientais levam à solução de muitos problemas, que se apresentam como um desafio constante da inteligência do aprendiz.

Em muitos pontos Bruner segue de perto as idéias de Piaget e diz que o crescimento intelectual depende do domínio de certas técnicas, por parte do indivíduo, e não pode ser entendido sem referência ao domínio dessas técnicas.

Para aquisição dessas técnicas há necessidade de maturação e integração, isto é, o uso de grandes unidades de informação utilizadas para resolver problemas.

A aprendizagem cognitiva provém, segundo Bruner, de três tipos de representação: a ativa, obtida por meio de ação é típica das crianças pequenas; a icônica, baseada na organização visual, que pode copiar mas não poderá transpor a que é

essencialmente concreta e específica; a simbólica, que, utilizando a linguagem e outros símbolos, permite referências remotas, transposições, transformações, elaborações novas e criativas, etc.

Um estudo comparativo dessas três fases que se sucedem com os estágios propostos por Piaget: o estágio pré-operacional, o estágio de operações concretas e o estágio das operações formais aproxima os dois psicopedagogos. Daí o tratamento metodológico das matérias em atividades nas 1.ªs séries do 1.º grau e nas últimas séries do 1.º grau e nas do 2.º, respectivamente, com áreas de estudo e disciplinas.

Por isso, Bruner diz que é possível ensinar qualquer coisa a uma criança desde que isso seja feito na linguagem da criança.

Acrescenta que a criança pode aprender todos os conceitos desde que lhe sejam dadas as condições de praticar, com materiais que ela possa manipular por si mesma.

Portanto, repetimos que as idéias principais, que constituem as variáveis inferidas no processo de aprendizagem, são estágios de desenvolvimento intelectual, ou seja a maneira de representar o mundo

em distintos estágios, os quais já mencionamos.

Bruner afirma também que a descoberta de um princípio, ou de uma relação por uma criança, é essencialmente idêntica, enquanto processo, à descoberta que um cientista faz em seu laboratório.

É por isso que "inputs", em termos de Bruner, devem basear-se muito mais num modo de apresentação hipotética e heurístico do que principalmente expositivo e o material organizado pelo próprio estudante, uma vez que o modo, passo e estilo de captação de uma idéia são diferentes para cada professor e para cada aluno convergem à finalidade do ensino.

Desde que o objeto da instrução para Bruner é resolver problemas na vida real, a ciência de estudar deve ser uma forma de pensar cientificamente e o ensino deve ser capaz de levar o indivíduo a agir eficientemente, diante das novas situações de vida.

No caso de Bruner, ressaltaremos ainda o seguinte:

- o valor conferido ao saber estruturado, sistematizado, bem como a boa seqüência na apresentação do conteúdo da aprendizagem;
- a iniciativa dos conceitos fundamentais o mais cedo possível criando-se a prontidão (pré-requisitos) para aprendê-los;
- o estudo do essencial em círculos concêntricos, pelos quais se iriam alargando e enriquecendo as compreensões básicas;
- a posição de relevo dado à linguagem no ensino quando o educando já alcançou a fase simbólica;
- o problema da motivação dando ênfase à motivação intrínseca, decorrente da valorização, pelo aluno, do próprio saber;
- melhor planejamento do currículo, programas e atividades escolares em geral para que os objetivos a

serem alcançados se tornem claros e precisos.

O sentido mais comum dos termos objetivos, para Bruner, é que eles sejam relacionados com a solução de problemas e sua aplicação a novas situações. Não se preocupa com formulação de objetivos instrucionais ou comportamentais em níveis tão específicos quanto preconizam Gagné e Skinner.

- relacionamento dos currículos e programas com problemas da atualidade, como forma de "não alienação" da escola;
- fazer do conhecido ponto de partida para a pesquisa do desconhecido;
- com Piaget, Bruner enfatiza a idéia de levar o educando a **aprender a aprender**, tornando-o capaz de auto-suficiência intelectual. "O processo pelo qual a pessoa aprende", mais que produtos da aprendizagem, é enfatizado por Bruner.

Mas, como fase de transição, "Bruner prefere que o currículo seja dividido em duas partes: o currículo de segundas, quartas e sextas para desenvolver os melhores aspectos das noções correntes de instrução, e o currículo das terças e quintas, tão experimental quanto consigamos elaborá-lo — seminários, resolução de problemas escolares, sociais e o que for imaginável".

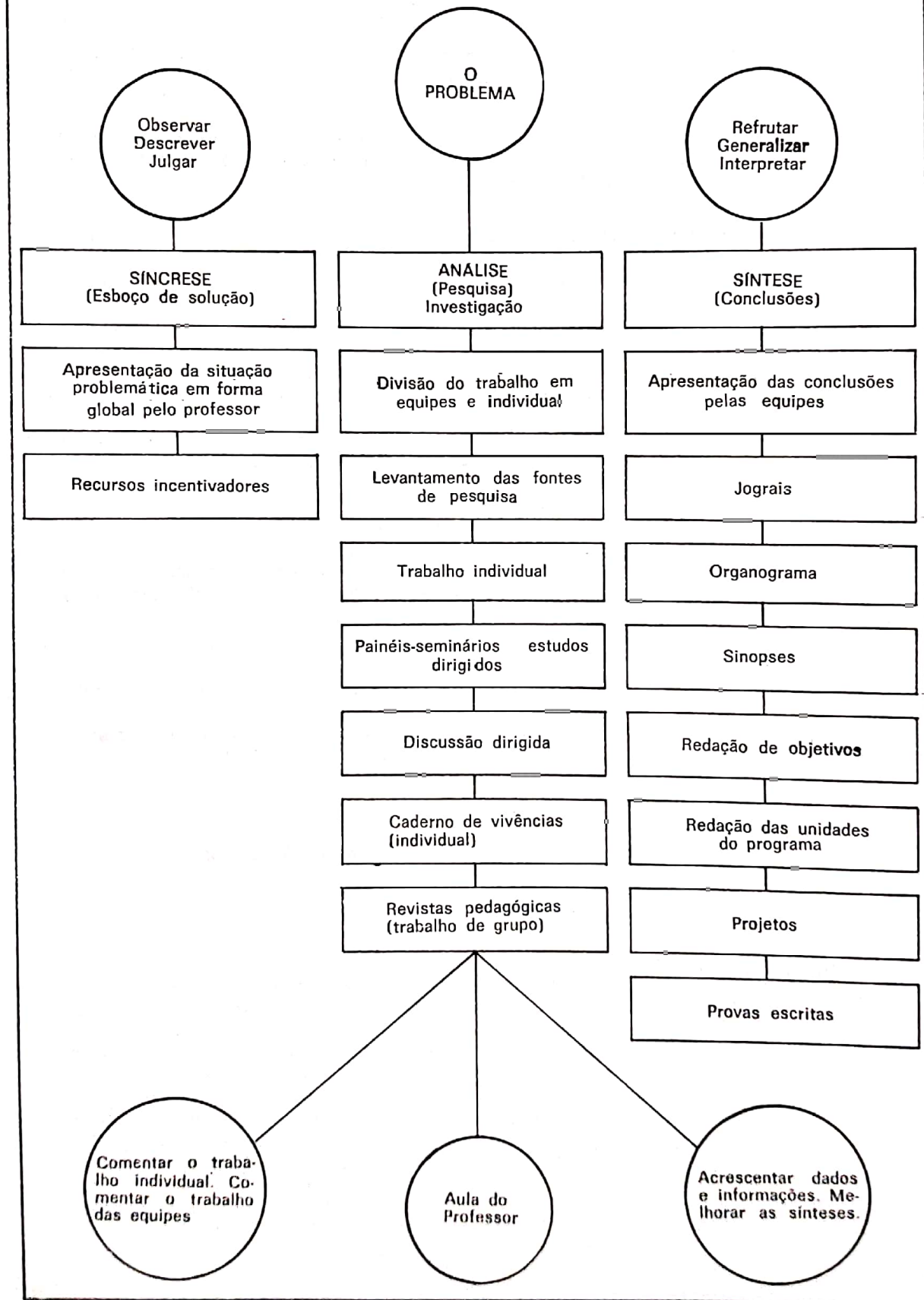
Salientamos que Bruner julga importantíssimo "nos produtos de aprendizagem a aplicação dos conhecimentos adquiridos a uma nova situação, tipo de resposta que vale a pena se solicitar e que deve constituir o objeto central da instrução". (Output).

E, para finalizar, acrescentamos ainda a importância dos processos que visam a informar o aprendiz quanto aos resultados alcançados, a fim de que ele se torne gradativamente auto-suficiente e auto-orientado (Feedback).

Exemplo de contrato de trabalho dentro da fundamentação psicopedagógica de Jerome Bruner.

- I — PROBLEMA Contar estórias na classe às crianças, demonstrando conhecimentos sobre a lição de Sara Cone Bryant.
- II — INCENTIVAÇÃO Uma bela estória é destinada a encantar e dar alegria, considerada na Escola o supremo valor, porque estabelece a confiança entre a mestra e seus alunos.
- III — PROBLEMÁTICAS 1) Como deve proceder a mestra para aperfeiçoar a ordem e o ambiente espiritual de sua classe.
2) Como deve ser introduzida a **Hora de contar estórias** na vida ordinária da Escola?
3) Segundo Sara Cone Bryant, como devem ser consideradas estórias que se vão contar às crianças?
4) Como deve ser o modo de contar estórias?
5) Como deve ser o ambiente de roda ou semi-círculo para contar estórias?
6) Como deve proceder a mestra para que o espírito da estória se imponha desde o começo da narração?
7) E, em relação à maneira de dizer a estória, como deve proceder a mestra?
8) De acordo com a extraordinária lição de Sara Cone Bryant, a propósito da arte de contar estórias, como deve proceder a mestra para transformação da classe no que diz respeito à naturalidade, objetividade e concisão?
- IV — ESTRATÉGIA 1) Pesquisar e resolver em trabalho individual os problemas propostos.
2) Transcrever as pesquisas no **Caderno de Vivências**.
3) Apresentar na sala de aula, usando técnicas baseadas em dinâmica de grupo.
- V — AVALIAÇÃO 1) Apresentação do "**Caderno de Vivências**"
2) Painéis na sala de aula.
3) Prova escrita.
- VI — BIBLIOGRAFIA 1. LIMA, Lauro de Oliveira. A escola como processo de socialização. In: —. **A escola secundária moderna**. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 331 — 55.
2. ——— Técnicas de direção de grupos. In: — **A escola secundária moderna**. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 383 — 403.
3. PILOTTO, Erasmo. Mais alegria é sinal de mais perfeição. A atitude do mestre. In: — **Organização e metodologia do ensino na 1.ª série primária**. Curitiba, Associação de Estudos Pedagógicos, 1964. p. 10 — 12.
4. ——— A arte de contar histórias. In: — **Organização e metodologia do ensino na 1.ª série primária**. Curitiba, Associação de Estudos Pedagógicos, 1964. p. 13 — 17.

ETAPAS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS — BRUNER



DIDÁTICA e PRÁTICA da COMUNICAÇÃO e EXPRESSÃO em Língua Portuguesa.

Magistério: 1.º a 4.º séries do 1.º Grau.
Para 2.ºs e 3.ºs séries do Curso de Habilitação ao Magistério ao nível de 2.º Grau.

Sugestão de Diretrizes Curriculares, segundo a teoria instrucional de BRUNER.

1.ª parte: EDUCAR QUEM E PARA QUÊ? Fundamentos da Educação: Caracterizar comportamentos escolares sobre os estágios de desenvolvimento infantil, segundo os estudos de Jean Piaget e Jerome Bruner, com base psicológica nas explicitações implícitas na Lei 5692/71.

Redescobrir princípios básicos orientadores do processo educacional nas correntes filosóficas e teorias psicológicas.

Aplicar conceitos de Bruner e Piaget sobre o ajustamento da criança à realidade e sobre o desenvolvimento dos conceitos básicos relativos à aprendizagem.

2.ª parte: COMO EDUCAR? Didática — Metodologia — Prática de Ensino.

Durante e ao final da aprendizagem, na medida de sua capacidade, a aluna deverá ser capaz de:

Problema 1: pesquisar conceitos de leitura, objetivos e fatores que condicionam a aprendizagem da leitura e escrita, através de atividades específicas;

Problema 2: discutir condições para adequado programa de atividades de leitura;

Problema 3: caracterizar os estágios para o desenvolvimento da leitura;

Problema 4: como resolver o problema de proporcionar às crianças atividades que promovam o seu ajustamento ao am-

biente escolar, tendo em vista o estágio da adaptação à escola?

Problema 5: pesquisar métodos, processos, materiais, técnicas e atividades que asseguram à criança aprendizagem eficiente da leitura e escrita, iniciais, dando ênfase à funcionalidade real da técnica do Professor Erasmo Pilotto;

Problema 6: solucionar o problema de identificar sugestão de atividades variadas para os estágios de desenvolvimento rápido, gradual e contínuo e expansão de experiências de leitura;

Problema 7: resolver o problema de pesquisar técnicas atualizadas, envolvendo atividades de leitura nos estágios de desenvolvimento rápido, gradual e contínuo e contínuo e expansão de experiências;

Problema 8: como resolver o problema do planejamento de atividades de leitura integrada com outras atividades de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa, para os diferentes estágios de desenvolvimento da leitura?

Problema 9: pesquisar como deve ser a conduta do professor para com seus alunos, tendo em vista a alegria na escola, considerado que "mais alegria é sinal de mais perfeição";

Problema 10: resolver o problema de como escolher e preparar histórias para contar às crianças;

Problema 11 analisar os aspectos psicológicos das histórias, reconhecendo como adaptar (psicologicamente) histórias infantis de valor negativo;

Problema 12: como propiciar condições para contar histórias na classe, de acordo com a técnica de Sara Cone Bryant, integrando-as com outras atividades;

Problema 13: sabemos que as crianças precisam falar". Como resolver esse problema, na escola, através de atividades que envolvem a audição (ouvir e falar);

Problema 14: como elaborar planos de atividades que envolvam audição, integrando-os com leitura?

Problema 15: pesquisar como desenvolver a aprendizagem da caligrafia e ortografia, enfocando objetivos, material, posição para a escrita, tipos de letra, processos e atividades rítmicas.

Problema 16: analisar a aprendizagem sistemática da ortografia, caracterizando atividades para ensinar cópia, ditado, treino ortográfico, plano ensino-estudo-teste, plano teste-estudo-teste e o uso do dicionário;

Problema 17: como resolver o problema de elaborar planos de atividades integradas de leitura, ortografia e exercícios rítmicos;

Problema 18: pesquisar como realizar a aprendizagem da expressão escrita de acordo com a pedagogia de George Munch;

Problema 19: caracterizar os fatores a considerar no ensino da redação, estágios no desenvolvimento da composição escrita, tipos de composição e sugestões de atividades para os diferentes tipos de composição (redação);

Problema 20: diferenciar a avaliação do progresso do aluno nas composições de caráter prático e nas espontâneas ou criadoras;

Problema 21: como resolver o problema de elaborar planos de atividades integradas, envolvendo leitura e redação;

Problema 22: pesquisar como realizar a aprendizagem da gramática de acordo com a fundamentação teórica de Jean Piaget;

Problema 23: pesquisar como se realiza a aprendizagem sistemática aplicada da gramática, em função das atividades escolares;

Problema 24: resolver o problema de fazer uma coletânea de atividades para aprendizagem da gramática, tendo em vista a automatização das formas corretas;

Problema 25: como planejar, sincronicamente, atividades integradas de leitura, redação e gramática?

Problema 26: fazer estágio supervisionado para: realizar plantão de observação: planejamento e execução do ato docente — discente pela direção de atividade, em classes até 4.a série do 1.º grau; apresentar relatório das atividades para fins de avaliação, "feed-back" e realimentação.

Bibliografia

1. BRUNER, Jerone S. **O Processo da Educação**. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1974. 87p.
2. ———. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Trad. de Norah Levy Ribeiro, Rio de Janeiro, Bloch Editores S.A., 1974. 191 p.
3. ARAÚJO E OLIVEIRA, João Batista. Apresentando as teorias. In: **Tecnologia educacional: teorias da instrução**. Rio de Janeiro, Petrópolis, Editora Vozes Ltda, 1973, p. 29-38.
4. ———. **Diferenças individuais no processo instrucional**. In: **Tecnologia educacional: teorias da instrução**. Rio de Janeiro, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1973. p. 83-84.

Reforço e atendimento à boa escrita

Professores atuantes:
— Aydil Zilli Porcides
— Mariléa Grein
— Wilma Simon Faria

Considerando a escrita um meio de comunicação que exige legibilidade para permitir a leitura fácil e rápida, considerando ainda o valor da escrita como o código que registra a palavra e o pensamento do homem, os professores do Instituto de Educação do Paraná vêm se preocupando com os erros e falhas de escrita revelados pelos alunos. Levado a Conselho de Classe desde o ano próximo passado, o Laboratório de Aprendizagem se propôs a montar um módulo para o aluno carente realizar um trabalho de recuperação, treinando para uma escrita clara, uniformidade na inclinação, nas ligações e nos espaçamentos, isto é, legibilidade.

Foi designada pela Coordenação do

Laboratório de Aprendizagem a professora Wilma Simon Faria, então supervisora de Comunicação e Expressão, que não poupou esforços em montar um módulo específico.

A aplicação deste módulo está sendo feita há um ano e, segundo a opinião dos professores que indicaram seus alunos com problema de escrita, está surtindo efeito. O treinamento é realizado duas vezes por semana num período de 45 minutos por sessão.

A pré-testagem consta de uma cópia na qual se evidenciam as dificuldades no traçado. Tais dificuldades, após levantamento, são enquadradas em grupos seguindo a orientação de Ormindia I. Marques e Antônio de Franco.

Classificação das letras

1.º grupo: traçados de ovais da direita para a esquerda:

O, o, A, a, C, c, L, l, E, e; G; g; S, s, D, d.

2.º grupo: M, m, N, n.

3.º grupo: I, i, J, j, U, u, V, v, Z, z; O; o;
X, x, H, h

4.º grupo: Movimentos mais complexos:
T, t, F, f, P, p, B, b, R, r.

Letras que se baseiam
no traçado de ovais da
esquerda para a direita.

Na pré-testagem já são levantadas e analisadas as deficiências. Partindo daí propõem-se os objetivos e atividades para desenvolver no aluno habilidades que o levem a escrever com legibilidade.

As turmas são organizadas dentro das dificuldades similares, isto é, dentro dos grupos já acima expostos.

Ao se iniciar o trabalho, considera-se como pré-requisitos:

- Posição correta do corpo e das mãos;
- Posição correta do material: lápis e papel;
- Maturidade para aprendizagem da escrita;
- Móveis adequados;
- Tipo de letra cursiva.

Ao aluno são apresentados inicialmente cartazes com o traçado correto dos exercícios, nos quais serão treinados.

1 — Movimento com as mãos no ar sem

apoio do cotovelo, em ritmo proposto (1,2 ou 1,2,3,4...), durante um minuto.

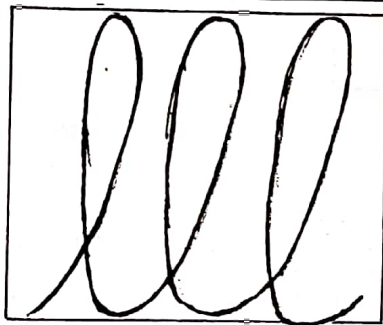
2 — Com apoio do cotovelo seguindo instruções do item 1.

3 — Traçado, em papel sem pauta, o exercício em tamanho grande sem tirar o lápis do papel, seguindo o ritmo indicado.

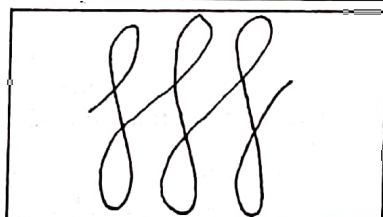
4 — Traçado em tamanho menor, instruções item 3.

5 — Traçado com pauta 1 (tamanho maior).

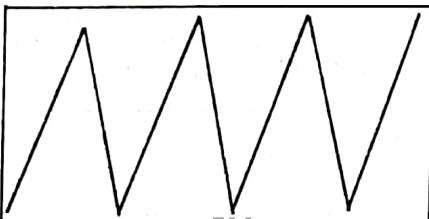
6 — Traçado com pauta 2 (tamanho menor).



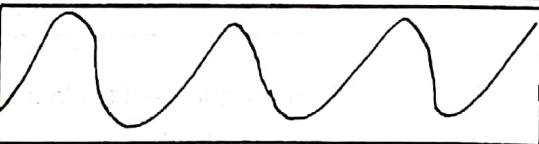
Traçado, em papel sem pauta, exercício em tamanho grande.



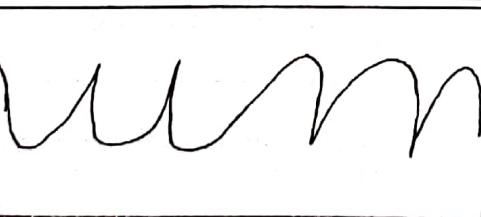
Traçado em tamanho menor.



Traçado, em papel sem pauta, exercício em tamanho grande.



Traçado com pauta 1.



Traçado com pauta 2.

Ao final dos treinamentos do grupo de letras trabalhadas o aluno fará um pós teste, que consiste no mesmo tema do pré-teste.

Analisamos e comparamos as cópias onde se evidenciarão o andamento do trabalho e o progresso do aluno.

Levamos em consideração também a observação sistemática do mesmo professor que indicou o aluno para tais exercícios.

Após a realização de toda a gradua-

ção da série de exercícios e a opinião do professor que o indicou, o aluno deverá ou não continuar nas sessões para aprimoramento.

A realização deste trabalho não prevê um tempo determinado, pois depende do ritmo de desenvolvimento do aluno, e a passagem do traço defeituoso de início para um traçado nítido e eficiente no final.

Ilustração do pré-teste e do pós-teste aplicado num mesmo aluno:

pré-teste

Então, o grãozinho arranjou uma escada e subiu até a janela. Mas, aí, teve uma surpresa bem desagradável. Ela estava fechada por dentro.

pós-teste

Então, o grãozinho arranjou uma escada e subiu até a janela. Mas aí, teve uma surpresa bem desagradável. Ela estava fechada por dentro.

Jovem, você que um dia vai casar

Prof.ª Severa Severo Baptista Dorabiallo
(transcrito do Boletim Informativo n.º 2/75)

- Sabe para que serve um laboratório de análises clínicas?
- Sabe qual é a importância do sangue, no casamento ou numa transfusão?
- Conhece seu tipo de sangue?
- Já ouviu falar em "fator RH" e o que "significa no casamento"?
- Já ouviu falar em Landsteiner Levine e outros, e o que fizeram por você?

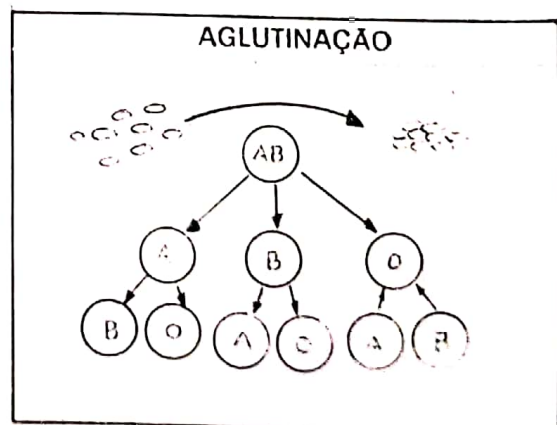
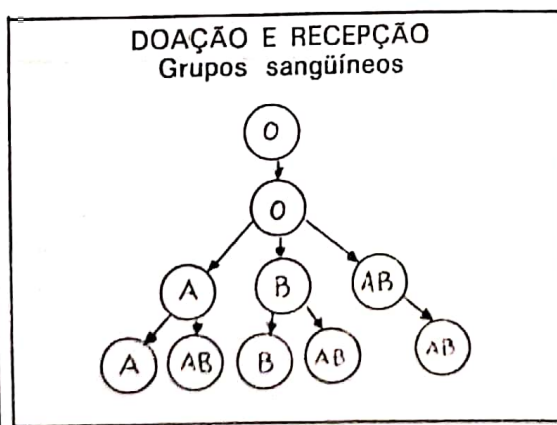
Se já sabe, muito bem; se não, não acha que deve procurar saber, pelo menos por curiosidade?

O Laboratório lhe revelará o problema e de posse deste, você, com o auxílio do médico e seus auxiliares, o resolverá ca-

so haja necessidade. Sim, caso haja necessidade, pois pode ser que o seu sangue e o seu fator RH não a incomodem, mas isso acontece em 85% das pessoas e você poderá estar entre as 15% restantes.

No casamento existe o amor que nos chega pelos órgãos dos sentidos, mas ele terá mais importância se você se conhecer, isto é, se você conhecer o seu sangue e o RH.

Está provado que, até entre os grupos de sangue, existe certa simpatia e antipatia, existe certa combinação e repulsão.



O do grupo "A", por exemplo, só combina com ele mesmo ou com o doador universal, que é do tipo "O"; do grupo "B" a mesma combinação, ou com "B" ou com "O". O grupo AB é o mais simpático, tem afinidade com todos os grupos, pois é o denominado receptor universal. O grupo "O", que é o doador universal, só recebe do seu grupo e de nenhum outro mais.

Está vendo aqui a importância dos grupos sanguíneos? Não pode, por acaso, prever o que acontecerá se o seu sangue não combinar com o do doador? Os eritrócitos se aglutinarão e se você não for atendida imediatamente, esta imprudência poderá levá-la à morte. Daí a importância de saber e conhecer o seu tipo de sangue.

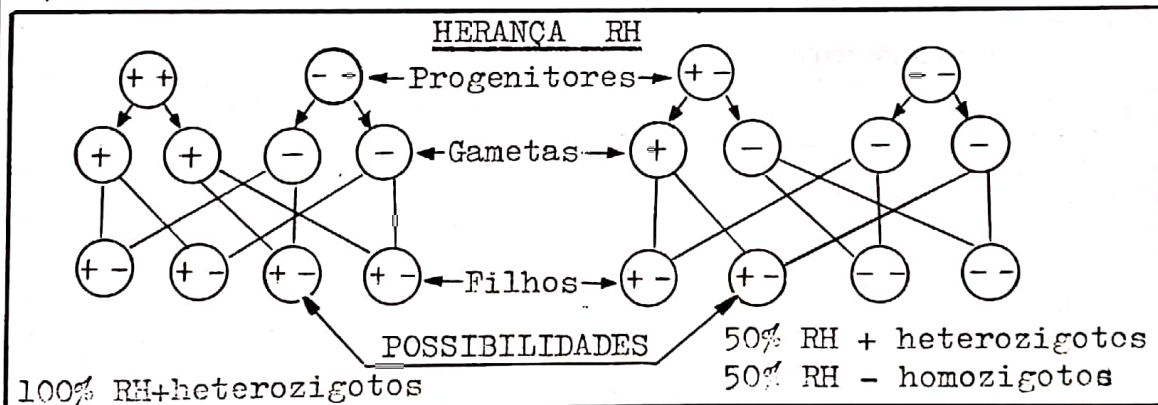
Não se impressione, pois só quero alertá-la:

Vamos adiante. Eu disse acima, que 85% das pessoas... mas não expliquei. Existe no sangue de 85% das pessoas (mais ou menos) um fator que se denomina RH e, porque ele existe, é denominado RH positivo e 15% das pessoas não o possuem, têm por isso RH negativo. Is-

to acontece tanto para o sexo masculino, como para o feminino. Pois bem, no casamento este fator é importante, apesar de nada ter de temível, se conhecido.

Quando dois seres se unem em matrimônio, não pensam viver a vida toda sozinhos, querem filhos, pois o filho é o ponto de ligação entre os dois. Mas é necessário saber se este filho nascerá e como nascerá se perfeito ou não e o porquê. Daí a importância de se conhecer o fator RH.

Se a mulher for RH positivo e o marido também, não haverá problemas; se a mulher for RH positivo e o marido RH negativo, também não haverá problemas; mas se a mulher for RH negativo e o marido RH positivo, surgirão graves problemas e de conseqüências fatais, se o fator não for conhecido. O filho talvez nem chegue a nascer, morrerá nos primeiros meses de vida intra-uterina; e, se nascer, poderá acontecer a "Eritroblastose", cujas conseqüências poderão vir a ser: a icterícia grave, a anemia do recém-nascido, destruindo as hemácias; a hidrópica fetal, que é a retenção de água nos tecidos do feto e da placenta, etc...



Eis o que pode acontecer se o filho for RH positivo. Porém se for RH negativo, nascerá normal. Mas não nos enganemos, a fator RH positivo é dominante, portanto alerta.

O fator RH se transmite por hereditariedade de acordo com as leis de Mendel. Disto se chega à conclusão de que, se um dos cônjuges for RH positivo homozigoto e o outro RH negativo, todos os filhos serão RH positivo heterozigoto.

A doença hemolítica do recém-nato surge, em suma, quando a mãe RH negativo tem um filho RH positivo. Recebendo deste o RH através da placenta (o que é possível), produz um anticorpo anti RH que, atravessando a placenta vai destruir

o sangue fetal. Ou melhor, se por motivos vários, certa porção do sangue fetal penetra no organismo materno, vai criar o complexo de sensibilização "antígeno anticorpo" e não tendo ela o fator RH e por intermédio do feto adquirir este fator, que no caso faria o papel de antígeno, o organismo dela (mãe) reagirá produzindo anticorpos que, passando através da placenta para a circulação fetal, destroem as hemácias de quem tem esse fator.

Terminando, quero lembrar que, graças a Landsteiner, Levine, Wiener e outros pesquisadores da Ciência, hoje há menos mortes de crianças e todas podem ter a "vida", se convenientemente tratadas durante a gestação e ao nascer.

Aprendizagem da multiplicação através do produto cartesiano

HENRIETA D. ARRUDA

Direitos autorais assegurados
conforme a lei n. 5988/73.

INTRODUÇÃO

Muitos professores preocupados com o "ensino da tabuada", nas séries iniciais de 1º grau, nos têm procurado, perguntando:

— "Como devo ensinar a tabuada às crianças?"

— "No ensino moderno da matemática, é necessário que a criança memorize a tabuada?"

Antes de responder a estas perguntas, indagávamos como tinham os professores trabalhado o conceito da multiplicação e em que situações de aprendizagem tinha sido ele empregado.

Com as respostas obtidas, pudemos constatar que este conceito quase nunca era trabalhado e que na maioria das vezes a multiplicação era apresentada à criança, apenas com um de seus aspectos: a reunião de conjuntos equipotentes.

Em decorrência disto, no transcorrer deste trabalho nos propomos a buscar resposta a estas indagações:

— Como é possível iniciar a criança na aprendizagem do Conceito de multiplicação, através do produto cartesiano?

— Quais as etapas pelas quais passa a aprendizagem desse conceito, desde a operação qualificativa (lógica), até a operação quantitativa (aritmética ou numérica)?

Como todas as noções matemáticas principiam de uma construção qualitativa (lógica), antes de adquirirem caráter quantitativo (numérico), muitas vezes a dificuldade de aprendizagem decorre da passagem demasiada rápida da estrutura quali-

tativa dos problemas para a esquematização quantitativa ou numérica.

E é justamente nesta passagem do qualitativo para o quantitativo que reside uma das dificuldades da matemática.

Partindo das afirmativas de Piaget, de que:

a) "... a matemática é, acima de tudo, **ações exercidas sobre as coisas**, e as próprias operações, são também simples ações, mas bem coordenadas entre si e simplesmente imaginadas, ao invés de o serem executadas materialmente..." (x, pág. 67);

b) "... as operações lógicas só se constituem e adquirem suas estruturas de conjunto em função de um certo exercício, não somente verbal, mas sobretudo, essencialmente relacionado à **ação sobre os objetos e à experimentação...**" (x, pág. 67), procuramos nos apoiar nestas afirmativas para embasar nosso trabalho e, ainda, em pesquisas psicológicas sobre o desenvolvimento mental e sobre a estrutura de noções matemáticas fundamentais, que nos forneceram dados, que se revelaram decisivos em favor de **métodos ativos de aprendizagem**.

Antes de mais nada, é necessário que todos os professores tomem conhecimento da formação psico-genética natural das operações lógico-matemáticas usadas espontaneamente pelas crianças, antes de avançarem num ensino que resulte em aprendizagem pouco ou quase nada satisfatória.

OPERAÇÕES LÓGICO-MATEMÁTICAS ESPONTÂNEAS (PIAGET)	FAIXA ETÁRIA
conservação de quantidade simples	6 a 7 anos
conservação de comprimento, operações de reunião, intersecção e <u>produto cartesiano</u>	7 a 8 anos
conservação de peso	9 a 10 anos
participação de conjuntos e conservação de volume físico	11 a 12 anos

Portanto:

- se a aprendizagem espontânea da criança for aproveitada pelo professor para introduzir noções matemáticas adequadas, de acordo com a sua faixa etária;
- se a matemática for retirada do quadro-negro e vivenciada pela criança;
- se os conceitos matemáticos partirem sempre de situações concretas familiares;
- se as suas primeiras experiências matemáticas forem relacionadas com as que a criança já possui;
- se os professores continuarem a relacionar a matemática com as experiências diárias, à medida que a criança progride na escola;
- se as atividades em matemática forem planejadas de forma que a criança tenha possibilidade de obter sucesso, então, a matemática tornar-se-á útil ao aluno e dele merecerá apreço, contribuindo para o desenvolvimento alcançado enquanto seu ensino permanecer verbal e gráfico.

Apresentaremos, a seguir, sugestões de atividades para a aprendizagem da multiplicação, através do produto cartesiano, expressas numa trajetória de ação a ser trabalhada com as crianças de 7 a 8 anos de idade.

**TRAJETÓRIA DE AÇÃO PARA A
2.ª SÉRIE DO 1.º GRAU**

TÍTULO: Aprendizagem da multiplicação através do produto cartesiano.

JUSTIFICATIVA: Implícita na introdução deste trabalho.

OBJETIVO GERAL: Conceituar a operação aritmética multiplicação, identificando sua origem no produto cartesiano.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Ao término do trabalho o aluno deverá ser capaz de:

- reconhecer o produto cartesiano como a operação lógica que fun-

damenta a operação aritmética multiplicação, representando concreta, gráfica e simbolicamente esta operação, sendo capaz de associar a multiplicação às situações sugeridas pelo produto cartesiano.

CONTEÚDO A SER TRABALHADO:

produto cartesiano — operação lógica; representação sagital e representação cartesiana; origem da operação aritmética — Multiplicação — Produtos até 12, 8 e 6.

ATIVIDADES:

participação ativa das crianças; dramatização das possibilidades de formar pares ordenados; trabalho em grupo com material concreto; trabalho individual; desenho com os gráficos da representação sagital e cartesiana; formação de novos exemplos, com produtos até 12, 8 e 6.

RECURSOS DIDÁTICOS:

as próprias crianças; várias fitas coloridas em 4 ou 5 cores diferentes; cordões miniquadros, giz-de-cor, apagadores; figuras de flanelógrafo, saís e blusas; xícaras e pires, tipos de lanches, etc; círculos de cartolina.

AValiação:

observação da participação das atividades das crianças; interesse nos trabalhos de grupo e individuais; exatidão na representação gráfica e multiplicação; simbólica do produto cartesiano e da resolução correta de situações problemas, sugeridas em classe.

PREVISÃO DE TEMPO:

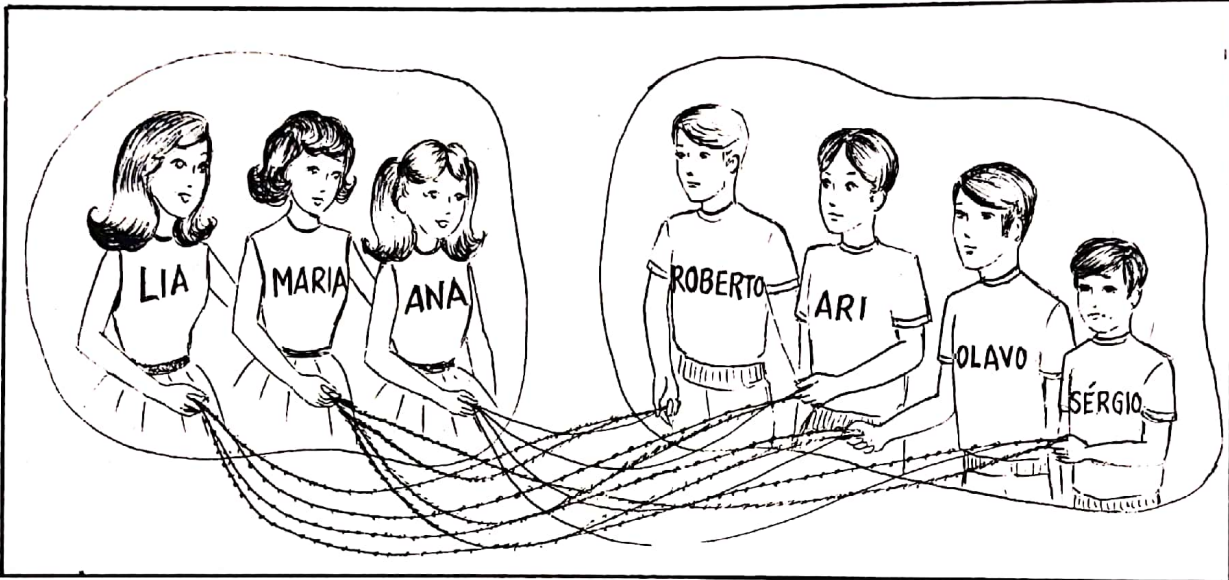
Aproximadamente 8 horas-aula.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES
REPRESENTAÇÃO SAGITAL DO
PRODUTO CARTESIANO

- 1) Criar na classe uma situação em que entre a necessidade de formar pares com meninas e meninos. Exemplo:
 Conjunto A \longrightarrow (Lia, Maria, Ana)

Conjunto B \longrightarrow (Roberto, Ari, Olavo, Sérgio)

- 2) Dramatização da situação proposta.
 3) Identificação dos elementos de cada conjunto e da possibilidade de formar pares ordenados com os mesmos. Poderá surgir a seguinte situação:

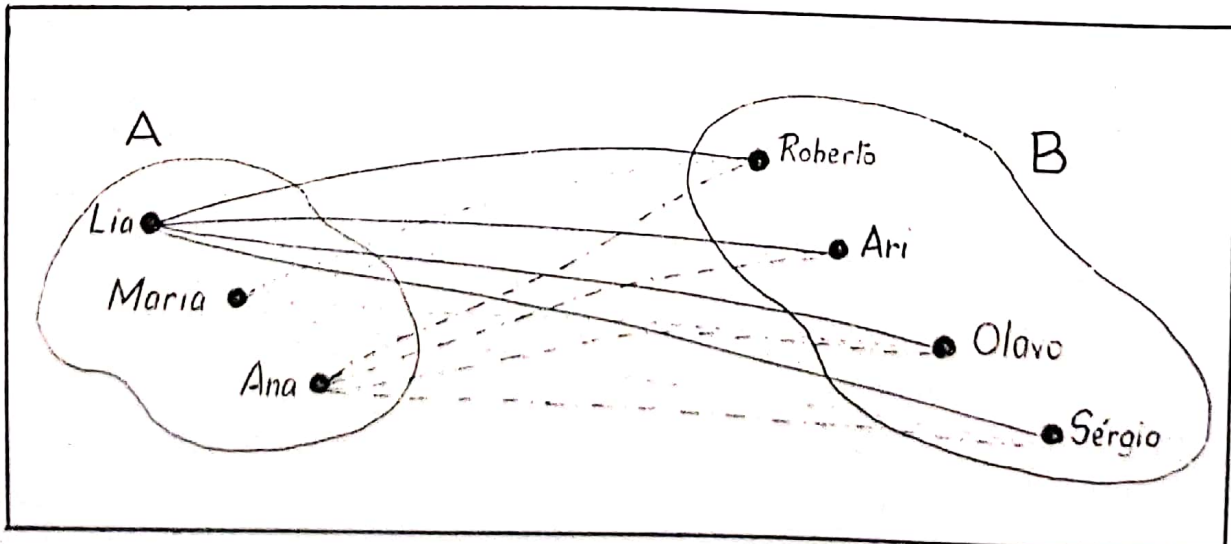


PRODUTO CARTESIANO DO CONJUNTO A PELO CONJUNTO B

$$A \times B = \left\{ \begin{array}{l} (Lia, Roberto); (Lia, Ari); (Lia, Olavo); (Lia, Sérgio); \\ (Maria, Roberto); (Maria, Ari); (Maria, Olavo); (Maria, Sérgio); \\ (Ana, Roberto); (Ana, Ari); (Ana, Olavo); (Ana, Sérgio); \end{array} \right.$$

- 4) A situação dramatizada será transcrita no quadro-negro, pela professora, ao mesmo tempo que se desenrola a

ação, usando-se giz da mesma cor das fitas.



5) Observação dos pares ordenados que foram formados com cada um dos elementos do conjunto A, com transcri-

ção no quadro-negro, utilizando-se giz de cor:

Exemplo:



6) Então, quais foram os pares de Lia, de Maria e de Ana?

LIA → (Roberto, Ari, Olavo, Sérgio)

L → (r, a, o, s)

MARIA → (Roberto, Ari, Olavo, Sérgio)

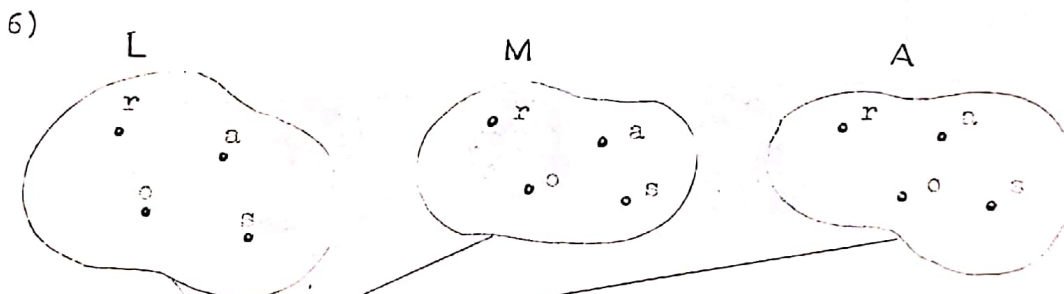
M → (r, a, o, s)

ANA → (Roberto, Ari, Olavo, Sérgio)

A → (r, a, o, s)

REPRESENTAÇÃO PELO DIAGRAMA DE VENN

7) 3 conjuntos com 4 elementos em cada um deles ou seja três vezes quatro: 3×4



3 conjuntos com 4 elementos em cada um ou seja três vezes quatro: 3×4

AQUI DAR-SE-Á A PASSAGEM DA OPERAÇÃO LÓGICA, QUE É QUALITATIVA, PARA A OPERAÇÃO ARITMÉTICA, QUE É QUANTITATIVA.

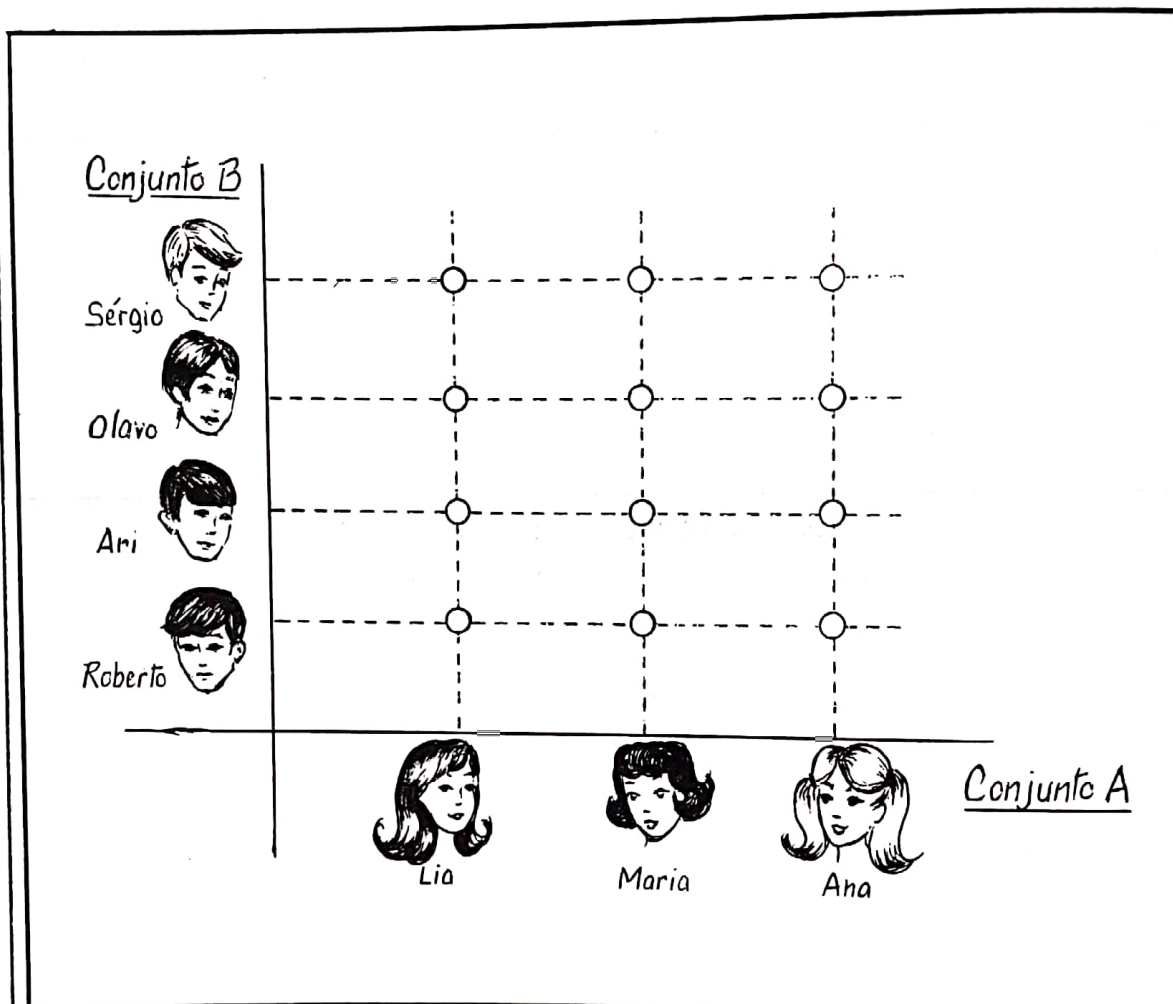
Então **quantos** pares foram formados?
 $3 \times 4 = 12$ pares
 O primeiro fator, três, é o "contador de conjuntos".
 O segundo fator, quatro, é o "contador de elementos de cada conjunto".
 O produto dos fatores 3 e 4, é o 12.
 Nunca é demais lembrar que:

- para o produto cartesiano, a operação lógica importa saber **quais** os pares ordenados que foram formados, sendo necessário nomeá-los um a um;
- para a multiplicação, operação aritmética, importa só saber **quantos** pares foram formados.

REPRESENTAÇÃO CARTESIANA DO PRODUTO CARTESIANO

Conjunto A \longrightarrow (Lia, Maria, Ana)

Conjunto B \longrightarrow (Roberto, Ari, Olavo, Sergio)



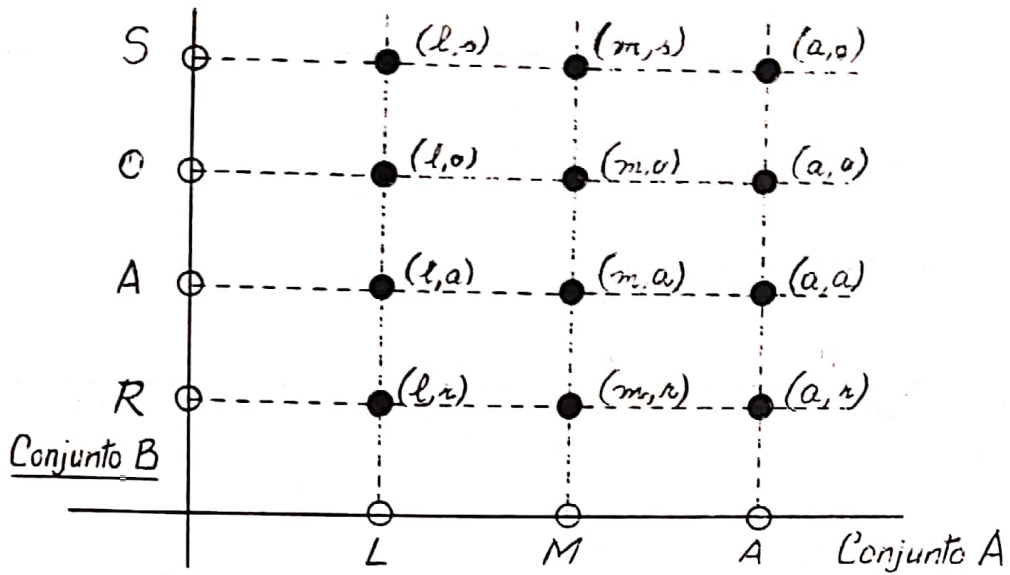
1) Dramatização com crianças:

- Traçar com giz, no chão da sala, as coordenadas cartesianas (linhas).
- Os elementos do conjunto A colocam-se na linha horizontal e os elementos do conjunto B na linha vertical (ver desenho).
- O primeiro elemento do conjunto A (Lia) desloca-se de sua posição no sentido vertical até encontrar-se com o primeiro elemento do conjunto B (Roberto), formando o par $(1,r)$.
- No ponto de encontro, intersecção das linhas vertical e horizontal, coloca-se

um círculo de cartolina e os elementos voltam à sua posição inicial.

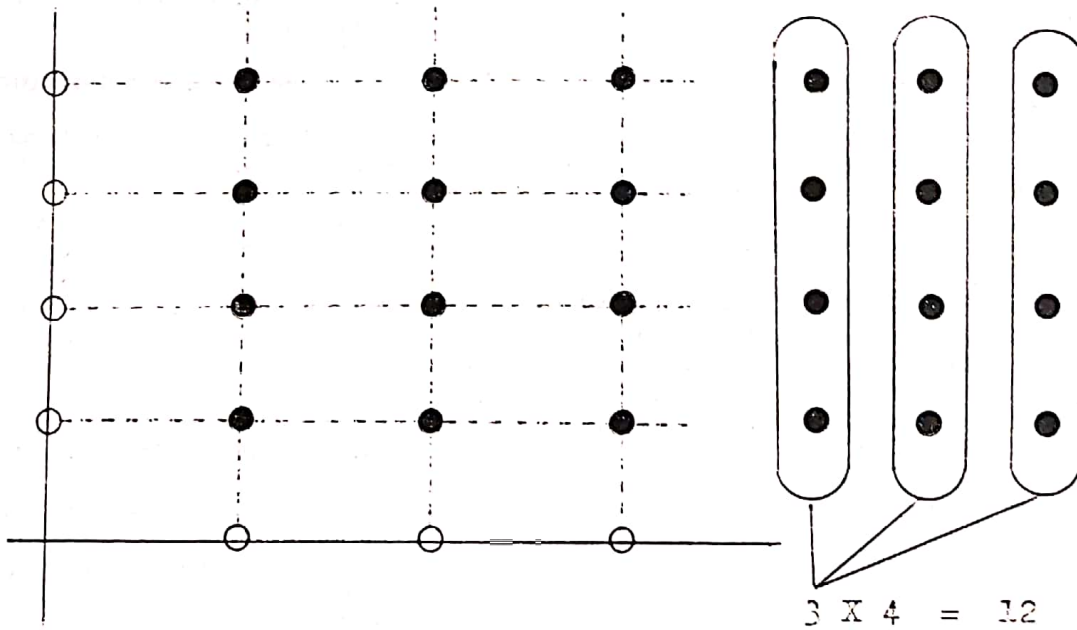
- Proceder da mesma forma, com todos os elementos do conjunto B, formando os pares $(1,a)$; $(1,o)$; $(1,s)$.
- Depois o segundo elemento do conjunto A (Maria) proceda da mesma forma e o terceiro elemento (Ana), também.
- Quando todas as possibilidades de formar pares tiverem sido combinadas, repetir novamente a mesma atividade, só que, agora, o professor irá traçar no quadro-negro a situação sugerida, paralelamente à ação desenrolada.

EXEMPLO:



PRODUTO CARTESIANO DE A POR B

$A \times B = \{(L, r); (L, a); (L, o); (L, s); (m, r); (m, a); (m, o); (m, s); (a, r); (a, a); (a, o); (a, s)\}$



O professor deve proporcionar ao aluno oportunidade de trabalhar com os mais diferentes materiais, como, por exemplo, saias e blusas recortadas em cartolina colorida, tipos diferentes de lanches, xícaras

e pires de cores variadas, etc., a fim de que os alunos tenham possibilidade de encontrar os mais diferentes fatores que dão o mesmo produto; por exemplo:

$$\text{fatores que darão o produto 12: } \left\{ \begin{array}{l} 3 \times 4 \\ 4 \times 3 \end{array} \right. \quad \begin{array}{l} 2 \times 6 \\ 6 \times 2 \end{array} \quad \begin{array}{l} 1 \times 12 \\ 12 \times 1 \end{array}$$

$$\text{fatores que darão o produto 8: } \left\{ \begin{array}{l} 2 \times 4 \\ 4 \times 2 \end{array} \right. \quad \begin{array}{l} 8 \times 1 \\ 1 \times 8 \end{array}$$

$$\text{fatores que darão o produto 6: } \left\{ \begin{array}{l} 2 \times 3 \\ 3 \times 2 \end{array} \right. \quad \begin{array}{l} 6 \times 1 \\ 1 \times 6 \end{array}$$

e outros produtos

CONCLUSÃO:

Os conceitos matemáticos devem ser trabalhados utilizando-se sempre materiais através de métodos ativos de aprendizagem, que propiciem a investigação, experimentação e descoberta dos conceitos trabalhados.

"O objetivo do professor deve ser o de tornar a matemática intelectual eficiente, desenvolvendo cada vez mais as capacidades dedutivas da criança, que não deve "receber um ensino", mas "aprender por seu próprio esforço", "por tentativas e erros, como faz o aprendiz em relação a seu futuro ofício" (Diennes).

Ao professor não basta apenas o conhecimento da fundamentação matemática. Sua preocupação deve ser a de saber como se processam e como se constroem efetivamente, no pensamento de crianças, as noções matemáticas e como se desenvolve a inteligência matemática espontânea, pois todo aluno normal é capaz de um bom raciocínio matemático, desde que se apele para sua atividade e se consiga, assim, remover as inibições afetivas que lhe conferem, com bastante freqüência, um sentimento de inferioridade em relação a essa matéria.

O professor deve abandonar o ensino verbal, dirigido frontalmente à classe toda. Uma boa parte dos trabalhos deverá ser executada pelas próprias crianças, trabalhando em grupos e individualmente, apoiando-se sempre em material concreto, adequado às noções que se queiram integrar sob a orientação atenta do professor.

Não é possível a um professor de formação tradicional passar a esse enfoque da matemática, sem um reexame de si mesmo, de onde resulte mudança da atitude e de mentalidade.

A melhoria do processo ensino apren-

dzagem começa no pensamento do professor.

A prontidão do professor para mudar é tão importante como a prontidão da criança para aprender.

Quando às crianças, estas, apresentam fundamental interesse na descoberta das atividades do mundo que as rodeia, e se a matemática foi apresentada de maneira adequada os resultados serão muito melhores do que se foi ensinada pela forma segundo a qual a maioria de nós aprendeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTRUCCI, Benedito. **Elementos da teoria de conjuntos**. G.E.E.M. Série Professor, L.P.M., 1965.
2. CUNHA, Versiani, M.A. **Didática fundamentada na teoria de Piaget**. Rio de Janeiro, Forense, 1973.
3. DIENNES, Z.P. **Aprendizagem moderna da matemática**. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
4. ———. **Comprende la mathematique**. Paris, O.C.D.L., 1965
5. ———. **A matemática moderna no ensino primário**. Brasil — Portugal, Fundo de Cultura, 1965.
6. DIENNES, Z.P.; GOLDNIZ, E.W. **Os primeiros passos em matemática**. v. 2. Rio de Janeiro, Herder, 1969.
7. MORSE, William C.; WINGO, Max. **Leituras de Psicologia Educacional**. São Paulo; Nacional, 1968.
8. N.E.D.E.M. Núcleo de Estudos e Difusão do Ensino da Matemática. **Ensino moderno de Matemática**. Ed. do Brasil, v. I e II, 1.º Grau, 1977.
9. PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro, Forense, 1969.
10. PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação?** Rio de Janeiro, José Olímpio, UNESCO, 1973.
11. RAGAN, William C. **Curriculo primário moderno**. Porto Alegre, Globo, 1970.

O que é um sistema de informações para a Educação

Selma Simone Cerqueira Bremer

Muito se tem falado ultimamente sobre sistemas de informações.

Abordaremos aqui algumas idéias relacionadas com os Sistemas de informações ligados à administração de sistemas educacionais.

Procuraremos definir, "a priori", alguns aspectos fundamentais sobre sistemas, apontando Von Bertalanffy como precursor da Teoria Geral dos Sistemas.

Suas conclusões, a partir da comparação de sistemas nas diversas áreas físicas, permitiram-lhe formular alguns conceitos básicos que eram suscetíveis em outros campos.

Como resultado de suas constatações, novas proposições foram colocados à ciência, principalmente à Cibernética, que se baseia nos conceitos de realimentação para a análise de problemas gerais de sistemas.

Podemos utilizar, ainda, a nível de compreensão, cinco considerações básicas de Churchman¹ na descrição de um sistema.

a) — objetivos; b) — componentes; c) — recursos; d) — meio-ambiente; e) — administração.

Os **objetivos** do sistema são importantes, no sentido de fixar-lhe os limites.

Os **componentes** do sistema são os elementos essenciais para o seu funcionamento.

Os **recursos** são os insumos que ele pode retirar de si e do meio-ambiente com a finalidade de cumprir suas funções.

O **meio-ambiente** é o contorno do sistema, portanto exógeno a ele.

Finalmente, a administração, engloba métodos, pessoas e componentes que utilizam os recursos do sistema para atingir seus objetivos.

Como se vê, a administração, sendo fator de um sistema deve fazer uso do conceito cibernético para análise de seus fenômenos dinâmicos. Sem o estudo dos processos de realimentação, seria impossível a **compreensão** e **controle** de suas funções mais complexas, tendo em vista a necessidade de um exame constante dos resultados e contínuo reavaliar do processo em execução.

¹ CHURCHMAN, C.W. *The Systems approach*. New York, Dell Publ 60, 1968.

Os cinco pontos básicos de Churchman têm como virtude principal facilitar a tarefa do administrador para conduzir a sua organização (sistema) rumo aos objetivos esperados (resultados).

A gerência dos sistemas educacionais não deve fugir 'a essas proposições à Administração.

Todo desenvolvimento organizacional gera uma conseqüente e natural complexidade administrativa: ao se renovarem e inovarem as atividades **fim**, mais diversificação e agilização se requer das atividades **meio**.

Neste enfoque, o planejamento integrado desempenha importante função ao equacionar a questão administrativa anteriormente citada, quando salienta que as partes do planejamento se nutrirão de informações sistematizadas, organizadas, programadas, gerando um processo de comunicação.

O resultado dessa abordagem será uma organização dinâmica, interligada por informações, comunicações e planejamento do desempenho funcional.

Sem as informações não haverá processo de comunicação e, segundo Bernard², a principal função do administrador de sistemas educacionais é estabelecer e manter um sistema de comunicação, e a administração e a comunicação combinados dizem respeito a certos tipos de informações. Para apoiar a estrutura e o funcionamento básico de uma organização educacional formal "é necessário que haja um fluxo de informações essenciais movendo-

se de maneira triplíce: para baixo, para cima e horizontalmente".

Para Redfield, a comunicação é o amplo campo de intercâmbio humano de fatos e opiniões, cujo estabelecimento e manutenção não se pode dar sem a prévia implantação de um sistema integrado de informações".

Este sistema tem por finalidade principal promover, por meio de uma ação coordenada, a formulação e integração de políticas, de programas e de métodos ou formas de execução das atividades de identificação, seleção, coleta, processamento, análise e divulgações.

Quanto ao conceito de **informação**, segundo o próprio conceito lançado pelo Bureau Internacional D'Education da UNESCO, seria: a apresentação e difusão de idéias, opiniões, fatos, dados, etc., que contribuem ao aperfeiçoamento da Educação (organização, estrutura, conteúdo, métodos, avaliação), cobrindo todos os interesses ao nível local, nacional, regional e internacional": estatística educacional, pesquisa educacional, documentação e bibliografia, acompanhamento e avaliação, como domínios de um mesmo campo — INFORMAÇÕES.

-
- 2 BERNARD, Chester I - **he functions of the executive**. Cambridge, Harvard University Press, 1938.
 - 3 REDFIEL, Charles F. **Comunicações administrativas**. Trad. de Syllo Magalbães Chaves Rio de Janeiro, Ed. FGU., 1976.

POEMAS

O SEPULCRO E A ROSA

De Victor Hugo (1802 - 1885)

Diz à rosa a tumba escura:
— Que fazes, ó flor amada,
do orvalho da madrugada? —
Fala a rosa à sepultura:

— Dessa gota amanhecida
faço o aroma que inebria.
E tu daquele que, um dia,
sofrido, tomba sem vida,

dorme em tua noite escura? —
Humilde responde a lousa:
— No céu, quem aqui repousa,
em anjo se transfigura. —

Tradução de Colombo de Sousa

O PENSADOR DE RODIN

Gabriela Mistral (1889 - 1957)

Apoiando na mão rugosa o queixo fino
O pensador reflete que é carne sem defesa:
Carne da cova, nua em face do destino,
Carne que odeia a morte e tremeu de
[beleza.

E tremeu de amor, toda a primavera
[ardente,
E hoje, no outono, afoga-se em verdade e
[tristeza.
O "havemos de morrer" passa-lhe pela
[mente
Quando no bronze cai a noturna escuridão.

E na angústia seus músculos se fendem
[sofredores
Sua carne sulcada enche-se de terrores,
Fende-se, como a folha de outono, ao
[Senhor forte

Que o reclama nos bronzes. Não há árvore
[torcida
Pelo sol na planície, nem leão de anca
[ferida,
Crispados como este homem que medita na
[morte.

Tradução de Manuel Bandeira.

Professora Annete Macedo

(Curitiba - 1894 — Curitiba - 1963)

Quem conheceu o Instituto de Educação do Paraná, durante a década de 1935 a 1945, quando ainda se denominava Escola de Professores do Paraná, muito se surpreendeu com o que viu.

Pontificava lá dinâmica equipe de jovens professores que revolucionou o ensino em nossa terra, graças à competente liderança de Erasmo Pilotto.

Participava dessa equipe, como elemento realmente necessário, a **Prof.^a Annette Clotilde Portugal Macedo**, mais conhecida pelo nome de **Annete Macedo**.

Diferia de todos por sua requintada emotividade. Somava ela, à seriedade da mestre dedicada, as incomparáveis virtudes da mulher.

Daí poder considerar-se fundamental, na operosa equipe, sua presença maternal, emotiva, enternecedora.

Era uma equipe de combate que se opunha tenazmente à rotina, à inércia. Que, revolucionando as idéias, acabaria por modificar a própria escola, em nosso Estado.

O jovem estudante, acostumado a temer antigos mestres, não raro desacreditava da eficácia das soluções anunciadas.

Ora, se na escola primária o mestre se utilizava do castigo físico, do terror, para alcançar seus fins, a equipe do Prof. Erasmo Pilotto o acusava de erro, pretendia derrubá-lo do seu pedestal de glória e terror.

A confusão do aluno, resultante de sua inexperiência humana e do seu des-

preparo intelectual, dificultava o aprendizado. Felizmente podia contar, para a solução dos seus problemas, com o esclarecimento oportuno, com o aconselhamento enternecedor da **Prof.^a Annete Macedo**.

E não era só isso, na Escola de Professores, outra coisa igualmente bela e repousante: havia a inspirada poesia da Prof.^a Helena Kolody.

Aquela equipe, como se observa, possuía, para equilíbrio do ambiente, uma segunda força que convencia pelo amor, falando também de modo bastante persuasivo. Quantos alunos se lhe aproximaram, não só para pedir explicações sobre as disciplinas do curso, mesmo conselhos, mas também para receber o carinho que lhes faltava em sua própria casa. E ela se derramava em lágrimas ao ver chorando suas alunas.

Pois bem, se na antiga Escola de Professores, ela se dividia entre as aulas e o convívio com os alunos, da mesma forma em seu lar representava duplo papel: de dona de casa e de filha extremosa. Acrescente-se a isso o fato de ter sido seu pai um homem realmente honesto e digno - o Prof. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1872-1955).

Ela pertenceu àquela espécie de criaturas que existem para ser úteis, mais aos outros do que a si mesmas, por isso sobremaneira necessárias.

Essas criaturas, lamentavelmente, são raríssimas em nossos dias.

Zacarias Alves de Souza

(06/09/1899 - 21/01/1974)

Poucos professores, tanto quanto **Zacarias Alves de Souza**, foram mais sensíveis ao sucesso alheio, principalmente às vitórias dos seus colegas e dos seus ex-alunos.

Tanto se empolgava com os amigos, tanto fazia por todos, que quase esquecia de si mesmo.

No curso ginásial do Instituto de Educação, onde durante muitos anos lecionou Língua Portuguesa, alcançou merecido prestígio, dada à sua comprovada capacidade intelectual e incansável dedicação ao ensino.

Muitas pessoas ainda hoje o relembram com respeito, afirmando nunca terem esquecido o que aprenderam com ele.

— Quem conhece nosso idioma, afir-

mava freqüentemente, fala e escreve melhor, é mais útil e mais respeitado.

Talvez por essa razão merecesse o afeto e a admiração de todos.

Não só na escola constituía um exemplo. Também em seu lar, pois amava imensamente a família.

Interessante como se dividia com todos, como a todos se doava.

Visitava, com muita assiduidade, aliás, seus parentes, não obstante possuir numerosa família. Levava-lhes sempre uma palavra amiga, uma notícia boa.

Também jamais deixava de atender, a qualquer deles, em momento de necessidade. Às vezes até se antecipava ao chamado, com sua solidariedade e ajuda.

Evidentemente, poucos cumpriram, tão bem quanto ele, sua missão humana.

Benedicto João Cordeiro

Há pessoas que de tal modo se integram ao ambiente onde vivem, participando de tudo, ao ponto de se tornarem tão úteis, que seu desaparecimento parece a todos inacreditável, impossível mesmo.

O **prof. Benedicto Cordeiro** é uma dessas criaturas, ou melhor, foi.

Por seu devotado trabalho, de tantos anos, na Secretaria de Educação, passou a ser parte dela como alguém realmente necessário. Alguém que faz muita falta, a cada instante que passa, principalmente agora que morreu.

Isso não só na Secretaria de Educação, também no Conselho Estadual de Educação, de que era o vice-presidente.

Entre seus colegas e conhecidos ninguém se conformou com sua morte.

— Por que desaparecer um homem tão bom, inteligente, trabalhador e honesto?

— Ainda tinha tanto de si para dar, tanto ideal para viver. Por que? —

Resposta não há. Sabe-se, unicamente, que um "acidente vascular encefálico" o arrebatou de nosso convívio. Só isso.

A **Voz da Escola** deve muito a ele. Quando ainda não passava de mero projeto, quando nada havia de real e todos os entendimentos para lhe publicar o primeiro número se baseavam somente na boa vontade dos seus organizadores, o **Prof. Benedicto Cordeiro** achou que o Instituto de Educação do Paraná merecia realmente possuir sua Revista e tudo fez para que o sonho se tornasse realidade.

Agora, em seu terceiro número, **A voz da Escola**, já vitoriosa, traz o seu necrológio quando preferia demonstrar-lhe sua gratidão, dizer-lhe muito obrigado!

Infelizmente o dia 8 de dezembro de 1979, ao invés de lhe anunciar a aproximação de um ano novo, o 54.º em sua vida, trouxe-lhe a morte, unicamente a morte.

O **Prof. Benedicto Cordeiro** nasceu a 18 de janeiro de 1926 e faleceu no fatídico dia 8 de dezembro último.

Foi sua esposa a Sra. Edemé Cordeira, Ernani (médico), Eneide (estudante) e ro, e deixou quatro filhos: Enio (diplomata), Eliane (estudante).

Amor: expressão de otimismo

Pensamentos transcritos do livro: "Mensagens de otimismo", - Edição Paulinas, S. Paulo, 1977.

- * Nada do que é feito por amor é pequeno.
Chiara Lubich
- * O amor é uma luz, não posso ver claramente senão com seus raios.
K. Mansfield
- * O amor verdadeiro provoca sempre alegria, porque é crescimento, realização, dom da vida.
Michel Quoist
- * A ausência é para o amor o que o vento é para o fogo: apaga o pequeno e aviva o forte.
Johan
- * Amar é procurar o outro para fazê-lo feliz.
F. A. Fracasso
- * O que conta não são as teorias que se tem na mente, mas o amor que se tem no coração.
L. Evely
- * Dai-me um povo que acredita no amor e vereis a felicidade sobre a terra.
Gandhi
- * Cada ato de bondade requer uma haste vigorosa de sacrifício e de amor.
Aderb
- * Se um único homem atingir a plenitude do amor, neutralizará o ódio de milhões.
Gandhi
- * O que o homem recebe pela contemplação deve transmiti-lo pelo amor.
Eckhart
- * Os amores profundos cultivam-se no silêncio.
G. R.
- * No amor, todas as contradições da vida se dissolvem e desaparecem. Só o amor existe unidade e dualidade sem conflito.
Tagore
- * Acende a lâmpada do amor com a tua vida.
Tagore
- * Nem ressurreição existe para quem nada encontrou para amar.
L. Evely
- * Onde há amor, cada dia é novo.
B. M. Chevignard
- * Amar é arrancar-se de si mesmo para confiar em Deus e nos outros.
L. Evely
- * O amor é eterna primavera.
C. Carreto
- * A tua capacidade de redenção é a tua capacidade de amor.
L. Evely
- * Quando a mais um ser realizais o ato mais criador e mais verdadeiro do mundo.
L. Evely
- * Com o amor ao próximo o pobre é rico; sem esse amor o rico é pobre.
Santo Agostinho
- * Há muita gente má no mundo porque não foi suficientemente amada.
Pio XI
- * A maior necessidade deste mundo é de confiança e de amor.
Gide

- Não podemos crer na total transparência dos seres; é necessário aceitar que os outros tenham segredos, regiões de solidão. A maior prova de amor será colocar-se à distância e não querer aí penetrar.
Pierre Henri Simon
- Amar alguém é vê-lo como Deus o concebeu.
Dostoiewski
- Cristo nos deu tudo e só pediu uma coisa: que o amássemos.
A. C. Jesus
- É inútil obter por piedade aquilo que desejamos por amor.
Victor Hugo
- Tudo o que se faz por amor adquire formosura e se engrandece.
Balaguer
- Esse encanto que imaginamos encontrar nos outros é em nós que ele existe, só o amor embeleza o objeto amado.
Lacios
- Não há jardins sem flores, nem coração sem amor.
Miguel Cervantes
- A vida do homem não consiste naquilo que ele possui, mas na beleza espargida nos seus caminhos pelo aroma do amor, que vai irradiando pelos ares.
J. Paul Schmitt
- Amai-vos como a chuva fina que cai silenciosa, mas que faz transbordar os rios.
Provérbio
- Viver é amar. A qualidade do amor faz a qualidade da vida.
A. C. Jesus
- Tornar grande o menor ato da vida fazendo-o com amor, por amor, sendo o amor.
Chiara Lubich
- Onde há amor as diferenças são estímulos de crescimento.
Valfredo Tepe
- Só quando amamos podemos compreender integralmente uma personalidade.
Berdiaeff
- Amar é chamar o outro para fora de sua solidão.
André Ligneul
- Ver sem amor é olhar nas trevas.
Maeterlinck
- Pessoa alguma existe que, sendo amada, não se torna pacífica.
M. Taniguchi
- Não é nem a inteligência, nem a ciência que salva o homem. É o amor.
Charmot
- Um grande amor findo é como um grande golpe: deixa sempre uma cicatriz.
Bramão
- O amor é a flor mais espinhosa no jardim da esperança.
Ingersoli
- Só pelo amor o homem se realiza plenamente.
Platão
- Para amar é necessário dar, para dar é necessário libertar-se do egoísmo e ter a coragem de ser pobre.
Paulo VII
- Entender com os olhos é um atributo da fina sutileza do amor.
Shakespeare
- Uma coisa é um grande discurso, outra coisa é um grande amor.
Santo Agostinho
- Verdadeiramente grande é a pessoa que possui um amor imenso.
Tomás de Kempis
- O amor é uma criação contínua... é um pouco como a luz que ilumina as noites das nossas grandes cidades. Se e central parasse, se deixassem de trabalhar os poderosos dinamos, toda a cidade ficaria mergulhada em trevas.
Feltrin
- O amor nos ensina todas as virtudes.
Plutarco
- Pouco ama aquele que pode dizer quanto ama.
Petrarca
- Paradoxalmente a capacidade de estar a sós é a condição para a capacidade de amar.
Erich Fromm
- O amor doa a vida. O egoísmo sempre leva à morte.
Michel Quoix
- Somente o amor e não o ódio é capaz de curar o mundo.
Y. Nenuhin
- São os caminhos invisíveis do amor que libertam o homem.
Exupery
- A presença do céu na nossa vida terrestre é o amor.
L. Boros
- O verdadeiro amor não morre: dorme, para acordar mais belo.
A. C. Jesus
- Como melhoram as pessoas depois que começamos a gostar delas!
Grayon

Contos Famosos

De Sèvres

de Túlio M. Cestero

Num corredor do teatro, em noite de representação lírica, duas sombras errantes se saudaram.

— **Mestre Ronsard.**

— **Mestrê Watteau.**

Enquanto a orquestra interpretava as notas dum sinfonia, as duas sombras mantiveram este colóquio:

Ronsard: — meu caro pintor, estou encantado. Em minha alma canta um madrigal; mas as rimas, como as de há pouco, não chegam a traduzir minha emoção: é uma cabeça que saúda como uma rosa que se inclina; uma boca que se arqueia para que brote uma risada que é um manancial de ouro; e é um pé fino que, ao compasso do minueto, desfaz sobre o tapete as notas como pérolas; é algo suave e fugaz, casto e doce, um perfume, um relâmpago. Busco ansioso a Gautier e Baviile, para que eles acudam ao velho mestre que já não ativa em expressar suas emoções.

Watteau: e eu, amado poeta, vou em perseguição ao templo de Vinci a entoar uma prece para ganhar a mercê de pintar uma encantadora paisagem para um país de abanico: é uma dorável marquêsinha,

uma pastora deliciosa, que, apesar da saia travada, conserva a graça das linhas e a ampla elegância dos ritmos do minueto; mas, para pintá-la, necessito das suavidades evocadoras das pétalas do nardo e das notas da Viola do Amor; é meu modelo sonhado para superar a **Dançarina do cesto branco** de Fragonard.

Ronsard: — corro em busca de Gautier e Banville.

Watteau: — vou a Vinci.

Nesse instante ia eu passando quando me falaram ambos os mestres, ao mesmo tempo, perguntando quem era essa marquêsinha que esta noite nos deu o raro encanto da graça da Côrte do Rei Sol e da alegria das festas pastoris, com que Maria Antonieta povoara o Petit-Trianon...

E eu que, tanto quanto eles, transbordava de entusiasmo, espada à cinta e inclinando o alvo penacho de meu avô lírico, o gascão poeta e cadete, redarguí:

— Mestres, não é u'a marquesa, é um capulho; perturba como uma flor, zumbe e dá ferroadas igual a uma abelha do Himeto; é uma figurinha de Sèvres que floresceu em quinze primaveras e se chama Mirto.

O ABUTRE

de Franz Kafka

Era um abutre que me bicava os pés. Já me havia destroçado os sapatos, as meias e agora me bicava os pés.

Sempre me bicava, voando em círculos inquietos ao redor de mim, para executar a sua obra assassina.

Um senhor que por alí passava, ao se inteirar daquele quadro, interrogou-me sobre minha submissão ao abutre.

— Estou indefeso (respondi-lhe). Ele chegou e pôs-se a bicar-me. Quis espantá-lo e até mesmo aventei a hipótese de o estrangular. Não o fiz certamente em razão de ser ele mais forte e poder saltar-me ao rosto. Preferi sacrificar meus pés, já quase desfeitos, em pedaços...

— Não deve suportar esse tormento (disse-me aquele senhor). Deixe-o comigo e, com um tiro apenas, o abutre não o importunará mais!

— Pois muito lhe agradecería por isso. Aceita a incumbência?

— Naturalmente (tornou ele); não ne-

cessito mais do que meia hora para ir à minha casa buscar a arma. Pode esperar-me?

— Não sei se resistirei tanto tempo. Em todo caso peço-lhe que se apresse a ir (acrescentei eu).

— Está bem, irei e logo regressarei (concluiu o estranho).

Mas o abutre parecera entender o nosso diálogo e, tão logo fiquei só, preparou-se para me atacar. Voou a certa altura, desejoso de assim alcançar o necessário impulso e após, igual ao atleta que lança o dardo, atirou-se sobre mim, em minha boca introduzindo o enorme bico.

Ao tombar, de costas, ao chão, experimentei estranha sensação de liberdade.

O sangue, que jorrava de dentro de mim, a tudo inundava, nada poupando, nem mesmo o abutre, que irremediavelmente se afogava.

Conto traduzido do livro "A Muralha da China" de autoria de Franz Kafka

O CAMINHO DA MONTANHA

Cristóvão Alves

Eles se encontraram exatamente na metade do caminho. Os galos da madrugada anunciavam o novo dia para reinício do diálogo interrompido pelo sono.

Talvez com a intenção de solenizar, ainda mais, aquele momento, o céu se coloriu de púrpura, a terra se vestiu de flores e perfumes.

Tudo era festa ao se defrontarem o **Homem Vivo**, que subia a montanha, e o **Homem Morto**, que descia, segundo algumas pessoas.

— Muito ao contrário do que eu imaginava, você nada mudou em tanto tempo. — Falou o **Homem Vivo**.

— Mudar em que sentido? — Inquiriu o **Homem Morto**.

— Supunha-o bem o inverso do que é: mal cheiroso, tão encarquilhado quanto qualquer múmia, ou tão nu quanto qualquer esqueleto. Surpreende-me, sinceramente, vê-lo trazendo a lírica imagem da saudade.

— Isso me leva a admitir que a Humanidade nada evoluiu no tempo. Ainda a todos identifica por sua imagem exterior.

— Ora, como identificar os mortos pela imagem espiritual que ninguém vê e em que, por isso, não acredita?

— Por ter deixado o mundo há anos já, supunha que a Humanidade se houvesse espiritualizado, mais se valendo do elevado poder da mente do que do limitado mundo sensorial, para se realizar co-

mo criatura humana. Tal não lhe seria difícil, porém. Muitos livros existem, de autoria de famosos escritores, demonstrando a existência da alma, pintando-lhe a imagem imaterial, indefinível, ideal. Os incrédulos, todavia, vêem os "mortos" unicamente pela imagem da saudade, que já não possuem. Imagem essa tanto mais presente e mais respeitada quanto melhores tenham sido em vida.

— Para mim, sinceramente, o **Homem Morto**, bom ou mau, é tão efêmero quanto o próprio homem que sou, feito de dor unicamente. A mim pouco me importa a fraternidade humana, defendida pelos utopistas. Em minha relativa liberdade, deixo-me levar pelo meu gasto egoísmo.

— O amor e a alegria não existem mais para a Humanidade?

— Constituem, ainda, pequenos intervalos entre uma dor e a outra. Creio mesmo que o amor seja a maneira mais romântica de sofrer e (por que não dizer?) de morrer também.

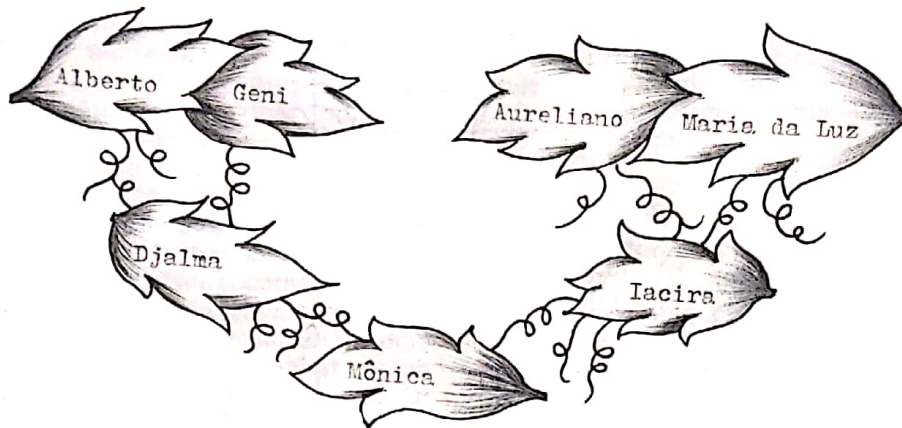
Após esse diálogo cada um retornou ao seu mundo.

O **Homem Vivo** desceu e incorporou-se à Humanidade. O **Homem Morto** desapareceu misteriosamente. Para alguns galgou o cimo da Montanha e, lá, recuperou sua forma verdadeira, alcançou seu mundo definitivo. Para outros reverteu ao po de que foi formado. De onde está, aqui ou lá, ainda se mira na saudade inefável de todos que o conheceram.

Poetas, Poemas e Composições Infanto-Juvenis

COMO EU ESTOU AQUI

Mônica de Moura Manassés



IACIRA

Ela é morena, tem cabelos e olhos pretos, de estatura média.
Tem sangue de índio.
Ela toca violão e canta.
Minha mãe tem 40 anos e é muito boazinha.

O PACOTE

Márcio Jústen de Oliveira

Este pacote está vazio e só tem papel dentro.

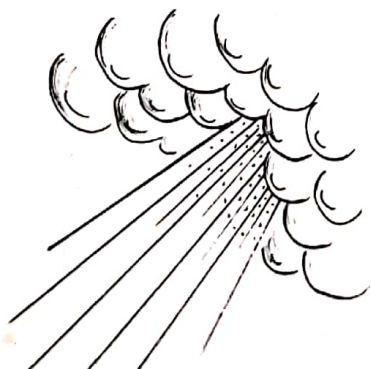
Eu acho que ninguém chegará perto,
até que até eu estou errado.
Sou o último a entregar o papel.
Escrevi pouco, mas bem.



A LUZ

Fernão Jústen de Oliveira

Luz tão brilhante,
brilhando no espaço imenso,
cheia de calor,
cheia de ti mesma.
Por dentro de ti
não há nada,
apenas partículas,
que fazem de ti
o que é para nós



O VENTO

Fernão Jústen de Oliveira

Estou aqui,
estou lá,
sempre para ver a ti.
Fico de noite,
fico de dia,
sempre para ver a ti.
Sopro forte,
sopro leve,
sempre para satisfazer a ti.
Eu sou o vento.
Eu sou porque sou, ou
porque não sou.
A natureza me fez,
mas viverei para ti.



A SURPRESA

Fernão Jústen de Oliveira

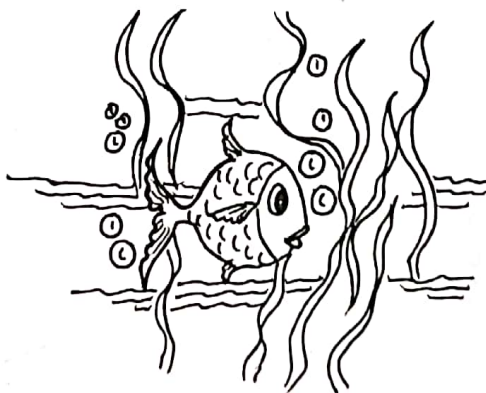
Eu cheguei na aula de Laboratório, e comecei a fazer os exercícios.
E depois a tia Aydil disse:
— Eu trouxe este pacote para vocês adivinharem o que tem.
E fui fazer esta redação.
Ele é um pouco pesado.
Eu acho que é um objeto escolar.



O MENINO TEIMOSO

Mônica de Moura Manassés

Era uma vez um menino teimoso.
Em sua casa havia um aquário todo de pedra, muito bonito e um peixinho dourado.
O menino foi dar a comida para o peixe, sem ordem de seu pai e sua mãe falou:
— Meu filho, não coloque coloque comida sem ordem de seu pai!
O menino não ligou; no outro dia foi ver o aquário e encontrou o peixinho morto.
Pegou-o e deu para seu gato e o menino pegou o aquário e o quebrou, jogando no chão.
Quando seu pai viu aquilo, deu umas boas cintadas no menino. Este chorou muito, e seu pai falou:
— “Este menino, desde que nasceu, é teimoso!”



OS MÉDICOS

Márcio Jústen de Oliveira

Os médicos são pessoas que se formaram na medicina.
Eles fazem operações em pessoas, como troca de corações, de pulmões, etc.
Eles fazem com que nasçam muitos bebês, e, com o mínimo descuido o bebê morre.
Em operações, muitos cegos ganham a vista e vêem tudo o que quiserem ver, em anos até, ou meses ou dias e até horas.
São os médicos, esses reis da medicina.



OS ANIMAIS

Márcio Jústen de Oliveira

Os animais são sem inteligência:
Alguns são úteis para o homem e outros prejudicam.
Alguns são os dois; por exemplo, a cobra.
Existem animais que voam, outros pulam e até tem uns que derrubam árvores;
um deles é o elefante.
O animal que eu mais gosto é o cavalo.



